

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

O INFERNATO: A REPRODUÇÃO DE UM GRUPO  
NO COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA

DORIS ALEIDA VILLAMIZAR SAYAGO

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social da Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Gustavo Lins Ribeiro

Brasília, D.F. 1994

## RESUMO

Os Colégios Militares são instituições encarregadas da educação e re-socialização dos jovens alunos na vida militar e talvez, como em nenhum outro lugar, esta re-socialização se dê através do uso de uma disciplina que guarda relação íntima com a reprodução da corporação militar. Procurei compreender esta reprodução a partir de três segmentos existentes no Colégio Militar de Brasília: 1) professores militares, 2) professores civis e 3) os estudantes. Dentro de este último segmento privilegiei os internos. Assim, o objetivo principal da pesquisa foi compreender o internato como locus privilegiado de reprodução da ideologia militar. Igualmente se procurou compreender como se manifesta no dia-a-dia do internato, a disciplina militar enquanto mecanismo de controle e hierarquia. E o internato o lugar onde melhor pode-se identificar a maneira como a disciplina é implementada e como é transmitida. A análise das relações dos três principais segmentos mencionados enquanto agentes produtores, receptores e reprodutores de uma ideologia, de valores e práticas, permite entender uma forma específica de reprodução de uma instituição militar.

## RESUMEN

Los colegios militares son instituciones encargadas de la educación y resocialización de los jóvenes alumnos en la vida militar y quizás, como en ningún otro lugar, esta resocialización se dá a través del uso de una disciplina que guarda estrecha relación con la reproducción de la corporación militar. Intenté comprender esa reproducción a partir de tres segmentos existentes en el Colegio Militar de Brasília: 1) profesores militares, 2) profesores civiles e 3) los estudiantes. Dentro de este último segmento destaque los internos. Así, el objetivo principal de la investigación fue comprender el internado como locus privilegiado de reproducción de la ideología militar. Igualmente se buscó comprender como se manifiesta en el día a día del internado, la disciplina militar como mecanismo de control y jerarquía. Es el internado el lugar donde mejor se puede identificar la manera como la disciplina es implementada y como es transmitida. El análisis de las relaciones de los tres principales segmentos mencionados como agentes productores, receptores e reproductores de una ideología, de valores y prácticas, permite entender una forma específica de reproducción de una institución militar.

## AGRADECIMENTOS

Na Academia

Ao Prof. Gustavo Lins Ribeiro, pelas valiosas orientações e sábios conselhos que me permitiram elaborar este trabalho.

Aos Professores Luiz Tarlei de Aragão e Ellen Woortmann pelas sugestões e interesse no tema.

A Profa. Euripedes Da Cunha Dias, pela sua colaboração na etapa final do trabalho.

Aos Professores Ana Maria Fernandes e Carlos Benedito, na sociologia, pelas orientações iniciais.

No Quartel General do Exército (QGE)

A todos os Oficiais que não mediram esforços em me ajudar e colaborar nesta pesquisa. Especialmente no DEPA e no Centro de Documentação do Exército pela colaboração e disposição de ajuda a respeito da bibliografia sobre Colégios Militares.

No CMB

Aos Oficiais, professores e monitores, que me auxiliaram na consecução deste trabalho. Pela cooperação e preocupação no desenvolvimento da pesquisa e fornecimento do material de apoio.

A Profa. Telmy Da Costa Arruda, por ter sido minha guia nos primeiros dias no CMB.

Aos alunos externos e alunas que me permitiram conhecer desde a sua posição o CMB.

Aos alunos internos e em especial aqueles que me deram numerosas horas de informação que me ilustraram sobre a vida no internato.

Na Venezuela

A minha família, pela solidariedade e confiança

Aos amigos que fiz no Centro de Estudos Brasileiros

Em Brasília

A Edgar, minha gratidão e especial reconhecimento pela dívida intelectual.

A Adolfo e Barnes, meus colegas de turma, pelos momentos compartilhados nas aulas e na catacumba.

A Marquinho, pelo apoio nos momentos difíceis.

A Rósa, a excelente secretária do Depto. de Antropologia, sempre atenta e preocupada pelos alunos da Pós.

A Vicente, Paulo, Luis, Ionete e Janete, a infraestrutura do Depto.

A Hortensia e Valdir, na seção de periódicos da Biblioteca da UnB, pelas atenções dispensadas.

Aos novos amigos

Elvia e família, pela hospedagem e ajuda irrestrita.

Aluizio Alves Filho, pela força.

Débora Diniz, pela receptividade e cooperação.

Patricia Groscors, pela preocupação sincera.

Virgílio e Ruth, pelo apoio que me demonstraram.

Sebastião e Clarissa, que não mediram esforços em me ajudar e ofereceram as condições para a consecução desta monografia.

Paul e Claudia, que colaboraram acompanhando-me nas horas de entusiasmo e desalento.

Alex, pelos momentos compartilhados.

Daniela, pelo carinho e solidariedade.

No Rio de Janeiro

Ao pessoal da Biblioteca do Exército e do CMRJ.

Em Porto Alegre

As pessoas que me atenderam no CMPA

Para finalizar quero registrar meu agradecimento a CAPES por ter me financiado o mestrado durante os dois anos e meio e em especial a Branca.

.... e a todos os que tive<sup>se</sup> esquecido que me ajudaram a escrever estas páginas, pelas valiosas contribuições diretas ou indiretas.

## INDICE

1. INTRODUÇÃO .....	9
Fazendo pesquisa no Colégio Militar de Brasília .....	11
Objetivos do trabalho .....	12
Métodos e técnicas da pesquisa .....	13
Contribuições da pesquisa .....	17
2. LITERATURA E REFERENCIAS TEORICAS .....	18
O Colégio Militar de Brasília como instituição total .....	32
3. OS COLEGIOS MILITARES .....	44
4. O "INFERNATO": REPRODUÇÃO DE UM GRUPO	
Os internos no Colégio Militar de Brasília .....	61
Características do "infernato" .....	67
O dia-a-dia no "infernato" .....	72
A disciplina .....	73
As punições .....	79
Normas e deveres .....	81
Os professores do Colégio Militar de Brasília .....	82
Os professores civis .....	82
Os professores militares .....	86
A figura do monitor .....	90

## 5. "MAIS UMA BRINCADEIRA"

"A Bicharada" .....	94
"Levei Malha" .....	98

## 6. CONCLUSÃO: OS INTERNOS: FILHOS DA PÁTRIA E ESPELHOS DO COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA? ..... 104

## 7. BIBLIOGRAFIA ..... 109

## 8. ANEXOS:

Croqui	1: Colégio Militar de Brasília
Documento	1: Entrevista do Coronel Roberto Amorim
Documento	2: Registro Histórico do CMB
Documento	3: Calendário Geral do CMB 1992/1993
Documento	4: Horário Geral das Atividades no CMB
Documento	5: Escala de Serviço ao Internato
Documento	6: Normas do Internato
Documento	7: Ficha de Solicitação de Liberação e Ficha de Termo de Responsabilidade
Documento	8: Código de Honra do aluno do CMB
Documento	9: Ficha Registro de Ocorrência
Documento	10: "Ser Bicho"
Figura	1: Localização Salas de Aula
Fotografia	1: Vista Panorâmica do CMB
Fotografia	2: Entrada Leste do CMB (Pavilhão do Corpo de Alunos)
Fotografia	3: Entrada Oeste do CMB (Pavilhão do Comando)
Fotografia	4: Vista Total do Pavilhão do Comando
Gráfico	1: Idade dos Alunos do Internato
Gráfico	2: Filiação dos Alunos do Internato
Quadro	1: Efetivo Concludente
Quadro	2: Profissão dos Genitores dos matriculados
Quadro	3: Mapa Disciplinar do Corpo de Alunos
Quadro	4: Situação dos Efetivos de Professores

## Principais abreviaturas e siglas

AFA:	Academia da Força Aérea
AMAN:	Academia Militar das Águas Negras
BI:	Boletim Interno
CA:	Corpo de Alunos
CFR:	Curso de Formação de Reservistas
CMB:	Colégio Militar de Brasília
CMBH:	Colégio Militar de Belo Horizonte
CMC:	Colégio Militar de Curitiba
CMF:	Colégio Militar de Fortaleza
CMM:	Colégio Militar de Manaus
CMFA:	Colégio Militar de Porto Alegre
CMR:	Colégio Militar de Recife
CMRJ:	Colégio Militar de Rio de Janeiro
CMS:	Colégio Militar de Salvador
DA:	Divisão Administrativa
DE:	Divisão de Ensino
DGE:	Departamento Geral do Exército
DEPA:	Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial
DEP:	Departamento de Ensino e Pesquisa
DPE:	Departamento de Pessoal do Exército
EE:	Estabelecimento de Ensino
ELD:	Exercício de Longa Duração
EN:	Escola Naval
ESAEx:	Escola de Administração do Exército.
ESPCEX:	Escola Preparatória de Cadetes do Exército
IMG:	Instrução Militar Geral
QCO:	Quadro Complementar de Oficiais
QDE:	Quadro de Distribuição de Efetivos
QGE:	Quartel General do Exército
R/69:	Regulamento disciplinar dos Colégios Militares
SEC-PSC:	Seção de Orientação Educacional e Psicotécnica
SEF:	Seção de Educação Física
SEX:	Subseção de Expediente
SMA:	Seção de Meios Auxiliares
SOE:	Seção de Orientação Educacional
STE:	Seção Técnica de Ensino

## 1. INTRODUÇÃO:

Entrei no mundo dos militares brasileiros não sem dificuldade. Três coisas me foram cobradas de maneira constante no início da pesquisa: primeiro o fato de ser mulher, querendo entrar num mundo quase que exclusivo de homens. Segundo minha nacionalidade, ser venezuelana era quase que sinônimo de espia. E, terceiro, ser antropóloga, coisa que ninguém entendia porém sempre associavam a jornalista ou psicólogo.

Quando visitei pela primeira vez o Colégio Militar de Brasília (CMB), pensei que obter a permissão para fazer a pesquisa seria senão fácil pelo menos muito mais simples do que foi. Encontrei um Comandante-Diretor, na etapa final de sua direção que pouco se interessou por minha pesquisa, o que me levou a visitar instâncias superiores e lançar mão da própria hierarquia militar. Assim, fui a DEPA (Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial) órgão do Ministério do Exército que dirige os Colégios Militares, à procura da permissão. Sabendo que se a resposta fosse positiva a ordem de um General sempre seria obedecida.

Tive a sorte de conseguir falar com um General que se interessou pelo tema e tinha certa afinidade com os hispano-parlantes, por ter morado no Paraguai. Isto me facilitou a obtenção de informação sobre o CMB e seu "efetivo". Informação arquivada como

"confidencial" dentro do Colégio. Dados que me foram negados no CMB, com facilidade pude obter no DEPA. Quando tive esses dados nas minhas mãos comprovei que de maneira alguma eram segredos de Estado, embora tratados dessa maneira na seção administrativa do CMB.

Fiz referência ao fato da língua e da nacionalidade porque nas primeiras visitas e entrevistas que tive no Quartel General do Exército (QGE), sob a recomendação de um General do Estado Maior do Exército, pai de uma das minhas colegas do mestrado (o que me facilitou a entrada pela porta grande no mundo dos militares brasileiros), tive que me acostumar a escutar expressões como: mas, você é venezuelana, estrangeira? E a responder perguntas como: o que fazia na Venezuela, como cheguei no Brasil, quem paga os meus estudos no país, e a mais curiosa "não está gravando é?", já teve muito jornalista escrevendo o que nós (militares) não dizemos... por isso temos que nos cuidar as costas".

No final acabaram entendendo meu interesse e passei a me sentir de novo pesquisadora e não pesquisada. Durante o começo da pesquisa senti que tinha que me conformar com escutar as minhas respostas a suas constantes perguntas. Não soube como, mas de repente os lugares foram trocados.

## Fazendo pesquisa no Colégio Militar de Brasília

As Forças Armadas possuem seus próprios locais de ensino. São os Colégios Militares (CMs), instituições encarregadas da educação e re-socialização dos jovens alunos na vida militar. Talvez, como em nenhum outro lugar, esta re-socialização se dê através do uso de uma disciplina que guarda uma relação íntima com a reprodução da corporação militar enquanto tal.

Procurei compreender esta reprodução a partir de três segmentos existentes no Colégio Militar de Brasília e que são fundamentais para a sua operação e dinâmica. São: 1) professores militares, 2) professores civis e 3) os estudantes. Dentro de este último segmento privilegiei os internos, por serem um sub-grupo formado por 49 alunos filhos de militares e civis que convivem as 24 horas do dia no CMB (1).

Destaquei os professores militares enquanto atores que exercem o poder internamente à instituição e são encarregados da transmissão do espírito militar, através da hierarquia, controle,

---

1 Cabe indicar que esse universo total muda constantemente já que pelo fato de serem filhos ou dependentes de militares são também constantemente atingidos pela alta rotatividade do estabelecimento. O número de alunos internos varia constantemente segundo o pai (militar) seja transferido a uma outra cidade onde exista um Colégio Militar. Embora a grande maioria permaneça no colégio independentemente desse fato. Os filhos de civis que entram no internato o fazem através de concurso em caráter excepcional.

e disciplina (2). O professor civil, foi igualmente particula-  
rizado enquanto segmento receptor-transmissor da disciplina  
militar e fornecedor de dados que permitiram entender sua forma  
específica de participação dentro do CMB enquanto instituição  
total.

O objetivo principal da pesquisa foi compreender o internato  
enquanto locus privilegiado de reprodução da ideologia militar  
(3). Dentro do quadro geral do CMB, os estudantes internos são  
diferenciados enquanto grupo para o qual os militares endereçam  
atenção e tratamento especiais no intuito de reproduzir suas  
ideologias. Além disto, é o internato o lugar onde melhor pode-se  
identificar a maneira como a disciplina é implementada e como é  
transmitida enquanto forma de estar no mundo.

Desta forma, na pesquisa se procurou igualmente compreender  
como se manifesta no dia-a-dia do internato, a disciplina militar  
enquanto mecanismo de controle, hierarquia, ordem e dever. Para  
melhor entender estes aspectos partimos do suposto que o CMB como  
instituição militar está interessado em construir e manter a

---

2 Segundo as leis do Exército Brasileiro todo oficial sob  
comando deve permanecer no mínimo dois anos na guarnição sem se  
movimentar e máximo dez anos, esse período é chamado de vivência  
nacional. No caso dos sargentos a vivência é regional e também  
não pode permanecer mais de dez anos numa guarnição.

3 Ideologia entendida como o conjunto de valores, normas,  
crenças, sentimentos, princípios éticos, visões do mundo e assim  
por diante, que se referem ao domínio de idéias de uma cultura ou  
grupo.

coesão do grupo através de padrões de conduta que devem ser obedecidos pelos alunos internos na busca de sua unidade através do convívio e assimilação de um esprit de corps. A caracterização dos conteúdos e formas deste esprit de corps foi também objeto da nossa atenção.

Para atingir meus objetivos, foi seguido o método da etnografia baseado no trabalho de campo. Estive no CMB um total de 8 meses desde setembro de 1992 até maio de 1993. A principal atividade durante a pesquisa foi a realização de entrevistas estruturadas e gravadas, além do acompanhamento das atividades diárias dos alunos internos. Também visitei os CMBs de Porto Alegre e Rio de Janeiro com a finalidade de obter informações que possibilitassem, ainda que minimamente, um olhar comparativo.

O foco maior da pesquisa recaiu sobre o segmento dos estudantes, especificamente os 49 alunos internos que foram discriminados da seguinte maneira: a) aqueles que possuem mais tempo no internato, ou seja os veteranos, b) os mais novos que ingressaram no ano escolar de 1993 por serem os alunos calouros no internato, capazes de estranhar a disciplina militar.

Dentre os estudantes, privilegiei, como se sabe, os internos. Foi entrevistado um total de 10 alunos. Os outros dois segmentos (dos professores militares e civis), ainda que importantes, foram trabalhados só como fontes complementares de infor-

mação. Foram entrevistados apenas dois professores militares não atingidos pela alta rotatividade do estabelecimento, dois ex-comandantes-diretores, um ex-comandante do Corpo de Alunos e duas professoras civis.

Cabe mencionar que dentro do segmento dos estudantes além dos internos também foram entrevistados oito externos, seis alunas e dois ex-alunos do CMB (atualmente cadetes da AMAN). Apesar de estes estudantes não serem o eixo central da pesquisa, poderiam fornecer uma visão retrospectiva e comparativa. Há um total de trinta e duas horas de entrevistas gravadas e uma respondida por escrito (4).

No caso dos alunos externos só foram entrevistados aqueles que permaneceram ininterruptamente desde a quinta série do primeiro grau e estavam cursando o último ano do segundo grau. Também só foram entrevistadas as alunas que estivessem desde a quinta série, isto é, alunas que tenham permanecido no colégio por um período de quatro anos (5).

---

4 O Comandante-Diretor do CMB no período de 1990-92, preferiu responder o roteiro da entrevista por escrito, fato que não permitiu a abordagem de outros pontos não colocados nas perguntas, mas percebeu uma certa apatia e desconfiança pela pesquisa (Ver documento 1).

5 As alunas mais antigas no CMB fizeram 4 anos de permanência em 1992, data na qual foram entrevistadas.

No caso dos professores, tanto civis quanto militares, se procurou entrevistar os que trabalhassem no CMB desde a sua fundação. Consegui entrevistar os quatro mais antigos que ainda permanecem no Colégio.

As entrevistas feitas aos alunos internos podem ser vistas como uma amostra de futuros oficiais do Exército Brasileiro. Os internos são prováveis membros dos futuros quadros militares. O contacto com esses alunos foi estabelecido através do Comandante-Diretor do CMB e posteriormente pelo monitor do Internato.

Em cada caso, descrevi os objetivos da pesquisa e informava qual era minha vinculação institucional. O interesse era estabelecer uma relação com base na cordialidade e com base na relevância das questões a serem pesquisadas.

Uma grande variedade de temas foi abrangida, inclusive fatores de seleção do internato, satisfações e insatisfações com o colégio militar, compromissos com a família, atitudes com relação à disciplina militar, além de concepções de liderança e administração no CMB. As entrevistas foram feitas <sup>em</sup> ~~em~~ base <sup>em</sup> ~~em~~ uma lista de questões que me proporcionassem um diálogo aberto com os entrevistados (6).

6 Alguns aspectos paralelos às questões que foram investigadas não fazem parte do núcleo central de preocupações da pesquisa, só interessando à medida em que ajudavam a melhor entender o quadro de referência. Entre tais, destaco três: 1) a admissão de meninas nos colégios militares como agentes transfor-

As entrevistas foram positivas e representaram para os entrevistados um meio de expressar suas idéias. Sentiram-se orgulhosos de serem o grupo consultado e em certa medida escutado. As respostas sempre fluíram sem nenhuma preocupação.

Informei-lhes que pretendia fazer minha tese sobre o CMB e os alunos internos, que gostaria de colher informações de como eles vivem, pensam e sentem, que gostaria, enfim, que falassem de si mesmos, do que quisessem porque tudo seria de interesse para o meu estudo.

Igualmente importante foi a ênfase no trabalho etnográfico de observação direta, realizado com os alunos internos: acompanhamento das atividades diárias dos alunos, através da convivência com eles no intuito de observar valores, comportamentos, linguagem, gíria institucional, expressões corporais, enfim, a maneira como se desenvolve o sentido da disciplina militar dentro desse grupo de alunos.

Além do trabalho de campo realizado no CMB, fiz um levantamento bibliográfico sobre a literatura antropológica que permi-

---

madores da disciplina militar dentro desses estabelecimentos, 2) a re-socialização que se produz nos meninos e jovens do internato através da convivência diária que passa pela privação ou manipulação dos sentimentos, o que permite melhor entender a regulação do poder de parte dos dirigentes ou monitores encarregados da disciplina dentro do internato, 3) a dimensão dos ritos foi contemplada mas não incluída, ainda que muitos dados a respeito foram levantados. Uma pequena aproximação ao tema foi feita no capítulo 5.

tisse aperfeiçoar o marco de referência conceitual adequado ao tema. Igualmente procedi ao levantamento de textos sobre militares no Brasil tanto na Biblioteca da UnB quanto no Centro de Documentação do Exército em Brasília. Também se consultaram as bibliotecas do CME e a biblioteca do Exército sediada no Rio de Janeiro.

Pode-se pensar, que para o campo da política, sociologia, história, é comum a produção de estudos sobre os discursos e as práticas dos militares. Mas os limites dessas abordagens poder-se-iam enriquecer com análises a nível micro, com etnografias que contribuam para o entendimento de categorias antropológicas na identificação de agentes envolvidos em instituições como o Colégio Militar de Brasília. A análise das relações dos três principais segmentos enquanto agentes produtores, receptores e reprodutores de uma ideologia, de valores e práticas, permitirá entender uma forma específica de reprodução de uma corporação militar. A minha pesquisa tenta: a) motivar a construção de novos objetos de estudo, na busca de novas questões e sugestões dentro do campo antropológico brasileiro, b) servir de referência e comparação para os trabalhos feitos em outras áreas das ciências sociais, em geral, e de contraste com futuros trabalhos antropológicos, em particular, que fossem feitos sobre o tema.

## 2. LITERATURA E REFERENCIAS TEORICAS

Na revisão da literatura existente, se observaram cinco tendências básicas: a) a perspectiva de cientistas políticos, sociólogos e internacionalistas; b) perspectiva histórica; c) perspectiva dos militares; d) perspectiva antropológica; e) trabalhos sobre colégios militares.

Stepan (1975,1986), por exemplo, tem trabalhos sobre o militarismo brasileiro. Neles o eixo central são as relações de poder entre as Forças Armadas e a sociedade civil. Não obstante, o ponto -para mim- mais sugestivo da posição de Stepan está no capítulo "Análise das origens e organização interna do quadro de oficiais: sua significação política" (7). Nele caracteriza a formação militar brasileira sob os três seguintes elementos: 1.- Uma clara tendência ao auto-recrutamento dentro do Exército Brasileiro; 2.- Uma carreira de rápida mobilidade ascensional; o que se confirma no seguinte elemento, 3.- A maior porcentagem de recrutamento de cadetes se origina na classe baixa. Se bem, estes dados respondem a uma pesquisa feita na AMAN, no final dos anos 60, sua contribuição mais decisiva (para o que nos concerne) está no primeiro elemento acima mencionado (8).

---

7 In Os Militares na Política: As mudanças de padrões na vida brasileira. Edição Brasileira: Artenova, 1975.

8 Vide na última seção desta parte a discussão introdutória do artigo sobre a origem social dos militares feita por Celso Castro (1993).

Os colégios militares, embora abertos à sociedade civil, tendem a reproduzir esse in-breeding. A educação oferecida nestes estabelecimentos de ensino de primeiro e segundo grau está fortemente amarrada à educação que o aluno recebe dentro de casa quando filho de militar. Os valores, normas, e até o treinamento militar passam da escola para casa ou se me for permitido e minha leitura não for errada, passam da casa para a escola.

Segundo Stepan (1975:34) na época de sua pesquisa "cerca de 90% da atual geração de oficiais do Exército brasileiro ingressaram no colégio militar com mais ou menos 12 anos de idade". Vemos que desde a mais tenra idade os estudantes de colégios militares, futuros dirigentes, são preparados na interiorização dos valores da corporação. A instituição militar brasileira confere grande valor à manutenção de sua unidade e indiscutivelmente que o Exército Brasileiro sempre tem respondido às motivações de caráter político, em que se encontrava a cada momento (9).

---

9 Stepan, ao estudar os militares como instituição, afirma que "o crescente auto-recrutamento dos militares brasileiros, aliado à intensificação do programa educacional militar, favoreceram sem dúvida alguma crescente tomada de consciência corporativa dos militares e o afrouxamento de seus laços com os civis no período anterior e posterior à tomada do poder em 1964" (1975:34). Chama a atenção para a crise de recrutamento durante o governo militar de 1964-68: "A diminuição de candidatos qualificados tornou-se tão aguda que, em 1966, o recrutamento de filhos de militares chegou a mais de 40% . Numa tentativa de compensar esta redução do número de candidatos, foi promulgada uma lei, em 1966, permitindo que os três primeiros alunos do último ano de qualquer colégio civil autorizado ingressassem na academia sem prestar exames. Também, pela primeira vez, promoveu-se uma campanha publicitária agressiva para aumentar o número de

Já Coelho (1976) desde sua perspectiva política aborda o comportamento do Exército ao longo da história brasileira, sua identidade e evolução enquanto poder militar, sua influência e estreita relação com a sociedade civil. Partindo de uma análise evolutiva da organização militar, explica a história política do Brasil, assim como a democratização do exército, o nacionalismo e a repressão. Concebe a evolução histórica das Forças Armadas, particularmente do Exército, como "um processo de evolução de um estado de total dependência com relação à sociedade civil para um estado de quase total controle sobre ela" (1976:160). E agrega "o principal é o isolamento entre as Forças Armadas e o mundo civil, são os mecanismos que impedem o contágio externo" (p.161). Não há dúvida de que o Exército se tem tornado cada vez mais fechado, distanciando-se a cada dia mais da sociedade civil e impedindo de qualquer modo a interferência dos civis em assuntos internos.

Em outro trabalho, Coelho trata da complexidade do Exército Brasileiro, enquanto instituição, e procura "descobrir uma constelação de indícios que revelem a natureza, o caráter, o ethos da organização" (Coelho, 1985:9 sublinhado no original).

---

candidatos à academia. Resultou daí que, nas turmas de 1967 e 1968, quase a metade dos cadetes haviam cursado escolas civis. Entre estes novos cadetes civis, uma porcentagem levemente maior se originava da classe baixa. 4% eram filhos de analfabetos". (1975:35; Nota de rodapé No.16).

Analisa a organização militar à luz de questões como: o modelo organizacional das Forças Armadas Brasileiras, a ideologia da Escola Superior de Guerra, o intervencionismo, a modernização e o profissionalismo. Afinal o autor resume a relação entre militares e o Estado dizendo:

"O objetivo fundamental da instituição militar, aquele que dá sentido à sua existência, é a segurança do Estado, e a proteção deste constitui a preocupação básica dos militares. Os interesses corporativos da instituição podem ser entendidos em termos deste objetivo fundamental, mas a relação entre os primeiros e este último é mediatizada por um conjunto de atitudes que, na literatura especializada, tem sido identificado como a 'mentalidade militar': o nacionalismo, uma visão pessimista sobre a natureza humana e o alarmismo, isto é, propensão a fazer estimativas exageradas sobre as probabilidades de conflitos armados (guerra, revoluções etc.)" (Coelho, 1985:13).

E evidente que essa "mentalidade militar" também não permite o diálogo nem a crítica mascarando superioridade e eficiência perante os civis.

E não deixa de observar que "pouco foi estudado sobre as formas de lazer a que se entregam os militares, seus hábitos no âmbito familiar, o cotidiano dos quartéis, as comemorações e cerimoniais da instituição e todo o universo simbólico que marca a vida do soldado" (*idem*:16). Coelho alerta, assim, para o fato de que a instituição militar tem sido plenamente estudada desde aspectos políticos, mas os aspectos internos e de organização, ficam com frequência, totalmente excluídos. A instituição

castrense tem se convertido num estranho para os "paisanos" (10) não somente por esse motivo mas também porque nos aproximar deles como pesquisadores tem sido difícil.

Carvalho (1982), analisa a relação entre as Forças Armadas e a política brasileira no período de 1930 a 1945, em particular o papel de um Exército fragmentado e dividido que teve que enfrentar lideranças civis. Assim houve dois setores dentro do Exército. Um deles tinha como projeto abrir-se à sociedade civil instaurando relações necessárias para a defesa da nação:

"Ao se queixarem da elite civil por não lhes conceder os meios de fortalecimento da defesa nacional e da população em geral por fugir do quartel, os militares atribuíam esses males ao civilismo e ao liberalismo das elites, à aversão à disciplina por parte das massas, ao pacifismo de todos. Daí a grande importância dada à guerra pelas mentes, através da educação moral e cívica da população, da qual o Exército deveria ser o principal agente, embora pressionasse também as escolas civis para colaborar. Esta guerra incluía não só o combate ao comunismo, mas também a luta mais ampla pela transformação dos valores sociais no sentido de torná-los compatíveis com as tarefas da defesa nacional" (Carvalho, 1982:126).

O outro setor dos militares era contra essa abertura e acabou tomando medidas que os fechou ainda mais. Essas medidas

---

10 A categoria "paisano" opõe-se à categoria "militar". Como sugere Castro (1993:230): "Enquanto os militares seriam idealmente ativos, disciplinados, respeitosos, altruístas e preocupados com a Pátria, os "paisanos" seriam em geral preguiçosos, indisciplinados, individualistas e ocupados apenas com seus próprios interesses. Ou seja, a mensagem que se transmite é a de que em geral os militares são não apenas diferentes dos civis, mas também melhores: uma elite, fundada sobre princípios éticos e morais corretos e sãos" (sublinhado no original).

podem-se resumir nas seguintes linhas:

"Já em 1934, na subcomissão que elaborou o anteprojeto da constituição, Góis se queixaria do fato de que a Escola Militar atraía mais alunos pobres, levados antes por motivação econômica do que por vocação para as armas... As medidas concretas no sentido de mudar a situação vieram principalmente durante o Estado Novo. O Relatório secreto do ministro, referente ao ano de 1940, mencionava algumas delas: só permitir o ingresso na Escola Militar a candidatos provenientes do Colégio Militar do Rio de Janeiro, das Escolas Preparatórias de Cadetes e da tropa; estabelecer exigências para ingresso em todos os estabelecimentos de ensino militares relativas à situação familiar dos candidatos com respeito à nacionalidade, religião, orientação política e condições morais" (Carvalho, 1982:128 sublinhado no original) (11).

Estas medidas contrastarão com a lei promulgada em 1966, como indicado anteriormente (vide Stepan). Quatro questões valem a pena notar: A carreira militar pensada como sinônimo de ascensão social entre as classes baixas, a preocupação dos dirigentes militares por fechar a instituição (tornando-a mais auto-referida), a importância dada ao CMRJ como um dos meios para ingressar na carreira e o processo de admissão altamente exigente que dificultava o ingresso com mecanismos tão seletivos como os citados acima. Todas as transformações ocorridas até hoje, no que diz respeito ao ensino militar e profissionalização no Exército são elucidativas tanto de mudanças históricas e políticas que têm vivido as Forças Armadas Brasileiras quanto de seus processos de adaptação.

---

11 Góis Monteiro foi um dos líderes militares revolucionários da época.

Miyamoto (1989,1990) estuda o caráter organizacional das Forças Armadas e sua participação na política nacional, partindo de uma análise do Projeto Calha Norte, enquanto projeto estratégico militar. Nele são tratadas questões como a soberania, defesa, desenvolvimento, exploração das reservas minerais, segurança e integração territorial sob os enfoques diplomático e geopolítico. Nesse sentido pretende entender o plano de estratégia nacional desenvolvida pelos agentes militares. O comportamento e a "mentalidade dos militares brasileiros" nesse sentido fica exposta na seguinte citação (Miyamoto,1989:153):

"Como disse o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, em cadeia nacional de rádio e televisão, em 21 de agosto de 87, a paz é uma utopia dos homens, e o não-fortalecimento do poder militar pode significar o comprometimento da própria soberania nacional. E desta forma que raciocinam os estados-maiores, responsáveis pelas estratégias nacionais: as palavras correspondem sempre a um discurso de guerra e não de paz, privilegia-se o conflito e não a integração. Para garantir a paz há que se armar, pouco valendo a confiança nas boas intenções dos vizinhos".

Dentro desse quadro de justificativas tem sido tratado o Projeto Calha Norte. Este projeto dentro das fronteiras nacionais atinge as comunidades indígenas presentes na Amazônia. Os militares temem a formação, por exemplo, de um Estado Yanomami que ponha em risco a soberania do país. As comunidades indígenas são vistas como um obstáculo aos interesses e concepções geopolíticas das Forças Armadas. Nos termos de Miyamoto (1989:156): "O índio será considerado, desde que não afete os interesses das Forças Armadas em suas propostas de trabalho, de ocupação, preenchimento

e integração do território nacional". Sob este prisma de segurança o Estado Brasileiro concebe e justifica o poder dos militares.

Oliveira (1976,1987) estuda a questão da hegemonia militar, das novas alianças e a centralização militar do poder. Também aborda a fragmentação política-ideológica que caracterizou as Forças Armadas Brasileiras nos anos 50 para melhor entender o pensamento e a atuação dos militares durante o período de 1964-69. Não sem deixar de lado o caráter corporativo da instituição e suas conseqüências conforme sintetizou: "Quanto mais fechada e isolada das tensões próprias da vida societária mais corporativa tende a ser uma instituição no tocante aos seus fins, identidade, interesses, códigos éticos e morais, coesão e meios de defesa" (Oliveira, 1987:162). Eis aí um desafio para as pesquisas antropológicas.

Já Silva (1984) analisa a vida política do país a partir da guerra do Paraguai, tomando os fatos mais importantes da história como o molde para entender a formação das Forças Militares Brasileiras, de sua disciplina e autoritarismo e participação no processo político do Brasil. Define as Forças Armadas como "corporações fechadas com ensino próprio, doutrina singular, destinação específica, mística inconfundível" (p.13). Trata-se de concepções que não são completamente estranhas uma da outra pois, naturalmente fazem dos militares uma elite com estilo de vida,

identidade e ideologia próprios.

Sob uma perspectiva histórica, Sodré (1979) realiza um estudo das Forças Armadas e o papel que elas exerceram ao longo da história, suas políticas e ideologias em três fases: colonial, autônoma e nacional. Estudo mais historiográfico do que analítico do caráter institucional das Forças Armadas Brasileiras. Estudo que na época foi proibido porque o autor além de ser historiador era Tenente-Coronel do Exército Brasileiro.

Na perspectiva dos militares, encontram-se as Publicações da Biblioteca do Exército espelhando a visão dos militares. Magalhães (1958) analisa a história da evolução militar do Brasil através de seu funcionamento e do comportamento do Exército nos momentos mais críticos da sua história, justificando sua razão de ser. Banha (1987) examina a história do Estado-Maior das Forças Armadas, sua criação, administração, organização e regulamentos. É um registro de dados que narram a história do Estado Maior das Forças Armadas e sua participação no Estado Brasileiro. Guimarães (1957) explica a formação do Exército Brasileiro, desde a colonização, para melhor entender o papel dele dentro da história brasileira, tanto na colônia quanto no Império. São consideradas as origens, formação e tendências das Forças Armadas. O objetivo do autor é esclarecer possíveis "incompreensões" para com as instituições militares.

Ainda sob esta perspectiva, encontramos trabalhos feitos pelos militares e referidos ao ensino militar. Figueirêdo (1945) estuda a evolução do Exército e do ensino militar no Brasil em períodos que vão desde 1811 até 1945. Narra detalhadamente a fundação dos diferentes estabelecimentos de ensino, especialmente a Academia Militar e suas variadas modificações, as Escolas Politécnicas e o Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro. Cidade (1961) analisa as escolas militares por dentro, isto é, focaliza aspectos referentes aos costumes dos estudantes das primeiras gerações militares através de decretos, leis e depoimentos que falam das Academias Militares desde o século XIX. Tavares (1985) escreveu um estudo sobre a contribuição das Forças Armadas para o desenvolvimento cultural do Brasil. O Exército e as Escolas Militares como geradoras de "ordem e progresso" no Brasil.

Na antropologia a maior produção se faz desde uma perspectiva indigenista. Lima (1985, 1987) estuda a construção do indigenismo e da política indigenista brasileira, partindo da figura do General Rondon e sua atuação que, afinal, o levou a criar em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Pacheco de Oliveira (1990) realiza uma leitura do Projeto Calha Norte a partir de uma ótica antropológica, quer dizer, entendendo a ideologia militar, seus valores e suas práticas. Ramos (1991) discute o Projeto Calha Norte enquanto projeto que acaba dizimando as populações indígenas da região sob pretexto de serem as Forças Armadas

guardiões da Amazônia e integradores da nação. Sob a perspectiva de projetos de desenvolvimento, Ribeiro (1990) oferece uma análise entendendo o militar como ator desenvolvimentista e estudando a participação do Exército, enquanto agente da ordem, no traçado de grandes projetos de caráter geopolítico e econômico. Também entre os trabalhos antropológicos encontra-se Da Mata (1980) que analisa a identidade do brasileiro através dos ritos de carnaval, paradas e procissões. Dedicando parte da análise a uma comparação entre o carnaval e o desfile do dia da Pátria. Estuda o ritual como uma maneira de dramatizar a realidade de uma sociedade, seus valores, relações, crenças e ideologia. Destaca o alto significado das ações rituais que, ainda que presentes no dia-a-dia-, são dificilmente identificáveis.

Trabalhos feitos sobre CMs, infelizmente, são escassos. No entanto, não posso deixar de me referir a duas pesquisas relacionadas com o tema: um projeto final de estágio feito no CMB sobre administração pública, no qual se elabora uma análise do funcionamento administrativo do setor de Almojarifado do CMB, seu planejamento, direção e dinâmica organizacional (Barreto 1992), e, em especial, o mais importante trabalho feito no Brasil, sob a perspectiva da Antropologia, o de Castro (1990). A pesquisa de Celso Castro é a primeira etnografia realizada na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), no estado do Rio de Janeiro. Castro faz uma reflexão sobre o mundo militar, a ideologia e identidade dos cadetes que se formam na Academia. A AMAN, é a

única instituição de ensino superior formadora de oficiais do Exército brasileiro, o que lhe permitiu, através de entrevistas e observação participante, entender como ocorre o processo de socialização dos jovens cadetes. Para Castro, a AMAN representa o maior expoente do espírito militar brasileiro.

Mais recentemente, Celso Castro (1993) nos brindou com sua valiosa contribuição para o entendimento da origem social dos Militares. Neste trabalho, Castro lança mão dos dados recoletados durante sua pesquisa na AMAN e os compara com dados das Academias Militares da Marinha e da Aviação, no intuito de analisar a origem social dos militares brasileiros no final da década de 80 e inícios de 90. Aponta para o fato de terem sido insuficientemente estudadas as instituições militares. A dificuldade na realização deste tipo de pesquisa está na falta de dados disponíveis, sendo sintomático o pequeno número de estudos que abordam este tema. Sobre a origem social dos estudantes de academias militares, comenta:

"... no final de 1992 consegui na Escola Naval (EN) e na Academia da Força Aérea (AFA), estabelecimentos de ensino correspondentes à AMAN, alguns dados que permitem ver que a porcentagem de filhos de militares na Marinha e na Aeronáutica é bem menor do que no Exército. Portanto, na Marinha e na Aeronáutica permanece maior o recrutamento exógeno (filhos de pais civis) (12).

---

12 Os dados a seguir ilustram a situação (Castro, 1993:228): "Dentre os primeiranistas da EN em 1975, 28% eram filhos de militares, percentual que permaneceu estável até hoje: 29% em 1985, 27% em 1990. Na AFA a proporção é ainda menor: dos 748

Castro baseia-se também no já mencionado estudo feito por Stepan (1975), que dedica uma parte de seu livro (analisado no início deste capítulo) à análise das origens e organização interna dos Oficiais Brasileiros e sua importância na política do país nos anos 60. Assim, tomando como marco esses dados, Castro mostra como há um constante aumento de filhos de militares, em sua maioria filhos de subalternos ou praças, entre os cadetes que ingressam na AMAN, o que reafirma a tese do fechamento social da instituição militar (op.cit:226) (13).

Em suma, o fechamento, isolamento e a perda de prestígio social após governos militares é particularmente uma das causas da "crise de identidade social em que a instituição hoje se encontra" (Castro, 1993:231). Isso traz uma clara questão: "É preciso estudar, entre outras coisas, o sistema educacional militar, o cotidiano nas famílias militares e as experiências mais importantes da carreira. Sem isso conheceremos muito pouco de um mundo cada vez mais fechado e isolado do mundo civil" (idem:229). Nisto talvez esteja a peculiaridade do esforço do

---

cadetes matriculados nos quatro anos do curso em 1992, apenas, 141, ou 21,5% eram filhos de militares"

13 Os dados acrescentados por Castro (1993:226) referentes à filiação dos cadetes matriculados na AMAN demonstram: "Na década de 80 o número de cadetes filhos de militares ultrapassou o de filhos de civis" o que o faz afirmar que: "Diante do grande peso percentual do auto-recrutamento nos anos 80, tem menos importância a afirmação de que a maioria dos oficiais do Exército é oriunda de uma 'classe média' do que a constatação de que eles são, cada vez mais, filhos de militares" (sublinhado no original). Sobre as cifras relativas às profissões dos genitores dos matriculados em 1993 no CMB, vide quadro 2.

antropólogo.

Apesar da semelhança imediata com o trabalho de Castro (interesse em estabelecimentos de ensino militar, como novo objeto de estudo), na minha pesquisa, em primeiro lugar, não se discutirá o sistema de ensino militar, ou seja, curriculum, matérias, rendimento acadêmico, deserções, etc. Em segundo lugar, Castro procura compreender o espírito militar através da análise de categorias como identidade, ideologia e nacionalismo. Meu trabalho, como se sabe, está centrado na maneira como ocorre e se reproduz a disciplina militar dentro do internato do CMB. Apesar de exploratório, acredito que poderá resultar numa contribuição para o desenvolvimento de pesquisas que logrem um conhecimento mais aprimorado dos militares brasileiros.

## O Colégio Militar de Brasília como instituição total.

O CMB é por mim entendido como uma instituição total, isto é "um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos em situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada" (Goffman, 1974:11). No internato do CMB pode-se assistir, no seu funcionamento diário, ao exercício tanto do controle quanto da vigilância, fatores igualmente importantes na dinâmica de uma instituição total.

No caso do CMB, o conceito de Instituição Total, como usado por Goffman (1974:17,18), tem limitações, pois trata-se de uma realidade diferente das prisões, manicômios e conventos. Não obstante, este conceito pode ajudar na compreensão do CMB:

"Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição".

No caso da situação em estudo, conceitos como equipe dirigente, linguagem de dominação, gíria institucional, são exemplificados no internato do CMB. Os alunos internos dos CMBs são submetidos no cotidiano às normas, regras e deveres da casa, conformando-se aos padrões descritos por Goffman.

Para este autor as três principais características de uma instituição total podem aparecer por separado em outros estabelecimentos. Entretanto as instituições totais atingem um alto índice de fechamento sem acesso ao mundo externo. Proibições e limitações de tipo físico como portas fechadas, paredes altas, arame farpado estão presentes em instituições como asilos, sanatórios, monastérios, quartéis, colégios internos. Uma outra característica que vale a pena mencionar é a divisão entre as equipes dirigentes e os internos. No caso do CMB, a equipe dirigente está formada pelos oficiais e dentro da categoria de internos caberia mencionar tanto os internos como os soldados que servem <sup>na</sup> instituição. Também é interessante observar que existe uma terceira categoria dentro do quadro hierárquico do Exército que não se encaixa nas descritas anteriormente. É o caso dos sargentos. Estes são uma espécie de grupo médio que não está totalmente localizado dentro do grupo dirigente mas, no entanto, é visto pelos internos como <sup>formando</sup> ~~formando~~ parte dos controladores.

Pode-se dizer que, nas instituições totais, os internos são obrigados a cumprir uma rotina que na sua vida anterior, fora da

instituição, não eram induzidos a levar. De fato, são eles que sofrerão a supressão da sua identidade pessoal, afastando-se das relações e comportamentos que adquiriram na sua vida anteriormente.

O interno é despojado de seus papéis anteriores, tais como o uso de roupas escolhidas por ele próprio, de objetos que lhe pertencem, de contacto com familiares e amigos e até no fato de ser identificado por um número e não pelo nome. Sem dúvida há por baixo disso, uma agressão à imagem que ele tinha antes de fazer parte desta organização. Estes processos de desagregação da personalidade e "mortificação do eu" descritos por Goffman (1974:24), são capazes de converter o interno em um indivíduo de obediência ilimitada para com seus superiores, isto é, na matéria prima a ser moldada.

O propósito é mantê-los submissos além de conformados aos padrões do seu novo ambiente, enquanto permanecerem na instituição como objetos de um projeto, indivíduos sem voz. O método de controle impõe determinadas normas, dispositivos e mecanismos que permitem controlar as diferenças, a multiplicidade para fazê-las render mais. As medidas de controle em instituições totais podem ser concretizadas no que Goffman (1974:50,51) chama de "sistema de privilégios", constituído de três elementos básicos:

"Em primeiro lugar, existem as 'regras da casa', um conjunto relativamente explícito e formal de prescri-

ções e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado. Tais regras especificam a austera rotina diária do internado. Em segundo lugar, em contraste com esse ambiente rígido, apresenta-se um pequeno número de prêmios ou privilégios claramente definidos, obtidos em troca de obediência, em ação e espírito, à equipe dirigente. O terceiro elemento no sistema de privilégios está ligado aos castigos; estes são definidos como conseqüências de desobediência às regras. Um conjunto de tais castigos é formado pela recusa temporária ou permanente de privilégios ou pela eliminação do direito de tentar consegui-los".

Na verdade, a equipe dirigente do CMB desenvolve uma intensa atividade de planejamento no sentido de legitimar a instituição. O discurso dominante está condensado nos regulamentos disciplinares, no plano de ensino. Constituído-se na forma oficial de modificar e manipular a identidade dos internos no CMB.

Os controladores, como descreve Goffman, no segundo elemento básico do sistema de privilégios, premiam os controlados sempre que o seu comportamento seja o desejado e por outro lado como especifica no terceiro elemento do sistema, os controladores punem os controlados quando suas condutas se afastam das regras. Assim, eles são privados dos privilégios com o propósito de diminuir a resistência destes às regras do colégio.

Certamente, muitas instituições totais empregam, procedimentos de punição e controle como formas de modificar os comportamentos. Mencionemos apenas uma ilustração de punição de um jovem estudante do CMRJ que acabou em tragédia no final dos anos 80. O aluno se suicidou após ter sido punido publicamente por

haver colado numa prova. Este episódio me foi narrado por um oficial no CMRJ, mas como militar não concebe polêmica, o caso foi encerrado como causado por problemas familiares. Só me resta agregar que o jovem era filho de militar. Quiçá a educação do colégio, não se distanciava da que recebia na própria casa.

Segundo observou Goffman (1974:52) "Os privilégios na instituição total não são iguais às prerrogativas, favores ou valores, mas apenas à ausência de privações que comumente a pessoa não espera sofrer". Diz ainda esse autor que as instituições totais "criam e mantêm um tipo específico de tensão entre o mundo doméstico e o mundo institucional, e usam essa tensão persistente como uma força estratégica no controle dos homens" (p.24). Certamente no contexto que estamos analisando, o CMB, a punição é amplamente usada porque além de estar "legalizada" através dos regulamentos também produz a supressão das condutas não desejadas pelas equipes diretoras.

Por outro lado, as punições fazem parte de uma totalidade na qual o interno precisa ser treinado, no menor tempo possível. Lembremos que os internos do colégio militar permanecerão na instituição por um tempo limitado. Quaisquer modificações de seu comportamento responderão a uma programação estudada e codificada com antecedência.

Os militares como vários outros grupos sociais elaboram suas regras e tentam a todo custo que elas sejam seguidas. O CMB não foge disto, quer dizer, o grupo controlador consegue impor suas regras ao resto da população e, mais ainda, consegue ter sucesso. É claro, o sucesso está baseado em seu poder. O comando coloca as diferenças a nível hierárquico para explicar as relações de poder reais e empíricas que exerce sobre os três principais segmentos que o formam: as diferentes patentes militares, os professores civis e os estudantes. Dessa maneira se facilita a dominação. Se legitima o poder da instituição.

Não há dúvida de que a estrutura organizacional do Exército migra para os CMs visando o fortalecimento da disciplina militar baseada na hierarquia. (Alguns autores têm atribuído à disciplina e à hierarquia um papel preponderante na manutenção da identidade dos militares, na medida em que:

"a disciplina militar é o mecanismo pelo qual o Exército controla a desobediência, a desordem e a pilhagem dentro da instituição, visando crescer e aperfeiçoar as habilidades de cada um de seus membros. A disciplina permite o crescimento da docilidade e da utilidade de todos os membros do sistema, confirmando-se o peso atribuído no ensino militar ao controle do corpo" (Foucault, 1977:184).

Vale a pena especular sobre a relação análoga entre os claustros religiosos (monastérios, conventos, seminários) e instituições militares (quartéis, colégios, academias). Nelas o valor da hierarquia e da disciplina é bem mais rígido do que

entre outros grupos. Ao mesmo tempo vemos como ambas mantêm o controle e se pensam como inspiradoras de vocação. Buscam por certo o aperfeiçoamento constante para chegar a Deus na igreja católica e a General, no Exército (14).

A visão de mundo de ambas instituições tende a ser tida como única ou, pelo menos, como a única verdadeira. O aluno entra na instituição como se fora uma matéria inerte, submetido a educação, treinamento e interação com colegas durante as atividades diárias do CMB. E, induzido a mudanças na sua conduta, simplesmente porque para a equipe dirigente os estudantes são companhias impessoais e anónimas, são um corpo dócil.

O que está dito não se afasta muito de Weber, por exemplo, quando este autor indica que a disciplina é "... apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem" (Weber,

---

14 A partir da psicanálise, Freud (1967:1139) define a Igreja e o Exército como "massas sobre as quais atua uma coerção exterior encaminhadas a preservá-las da dissolução e evitar modificações na sua estrutura. Na Igreja e no Exército reina uma mesma ilusão: a ilusão da presença visível ou invisível de um chefe (Cristo, na igreja católica, e o General em chefe, no Exército), que ama com o mesmo amor a todos os membros da coletividade". Desde este ponto de vista, ambas instituições são poderosas, altamente independentes. Moldam os indivíduos que eles querem, da maneira que querem, praticamente sem a intervenção de outros grupos sociais, fazendo uso de seu relativo isolamento do resto da sociedade.

1971:292). Dentro das Forças Armadas existe uma forma de consenso, eu diria uma organização que lhe permite obter respostas previsíveis e planejadas. No exército, para se organizar os corpos para a guerra é necessário que percam sua individualidade. Daí que, na educação militar, cada segmento ou cada unidade se encadeia como um mecanismo. Todo aluno e todo professor deve estar no lugar certo, na hora certa e atuar da forma correta. Simplesmente é uma das maneiras de manter a ordem e reproduzir a estrutura.

A educação militar de fato torna o aluno interno do CMB um estranho aos civis e, como diria Weber (1971:294):

"Na realidade, o indivíduo não pode fugir dessa organização mecanizada, pois o treinamento rotinizado o coloca em seu lugar e o obriga a "continuar". Aqueles que estão nas fileiras se integram, forçosamente, no todo. Essa integração é um forte elemento na eficiência de toda disciplina".

Dentro dessa linha de raciocínio, os colégios militares disciplinam o interno, isolando-o do mundo exterior e tornando-o mais dependente da instituição. Parece-nos, assim, que "a disciplina apela para os motivos firmes de um caráter 'ético', pressupõe um 'senso de dever' e 'consciência'" (Weber, 1971:293). Aqui os indivíduos são envolvidos em processos de ordem psicológica, pois se trata de discipliná-los através de suas emoções, utilizando diferentes técnicas. Cada interno se acha unido aos outros e à instituição, por laços afetivos e um forte sentido ético, quer dizer, acaba assimilando a identidade do grupo.

Vale recordar as reflexões feitas por Dumont (1992), ainda que se corra o risco de simplificá-las demais. Sob o título geral de "Homo Hierarchicus", Dumont procura discernir sobre a teoria das Castas na Índia e a hierarquia como: 1.- uma questão de valores religiosos; 2.- de poder; e 3.- de articulação com a autoridade. "O homem -afirma Dumont- não apenas pensa, ele age. Ele não tem só idéias, mas valores. Adotar um valor é hierarquizar, e um certo consenso sobre os valores, uma certa hierarquia das idéias, das coisas e das pessoas é indispensável à vida social. Isso é completamente independente das desigualdades naturais ou da repartição do poder ..." (Dumont, 1992:60). Porém, vemos nas instituições militares como cada ato está orientado para fazer cumprir certos objetivos.

Cada um desses objetivos é selecionado e cada indivíduo é constantemente avaliado. Assim é avaliado desde o aluno até o comandante do colégio, passando pelos soldados, professores civis, professores militares e pessoal civil que trabalha no estabelecimento. Sempre sob um olhar hierárquico já que como caracteriza Dumont (1992:60) "o ideal igualitário é artificial".

Segundo este autor, a hierarquia na atualidade é comumente relacionada com a categoria "ordem", quer dizer, a hierarquia é sinônimo de "escala de ordem em que as instâncias inferiores estão, em sucessão regular, englobadas nas superiores" (Dumont, 1992:117 sublinhado no original). E ainda mais, toma como exemplo

típico deste ponto de vista, a hierarquia própria das instituições militares afirmando que a hierarquia militar é "uma construção artificial de subordinação progressiva de comandante-em-chefe ao soldado,.... Tratar-se-ia, então, de uma autoridade sistematicamente graduada" (*idem*).

Cheguemos agora ao ponto: nos colégios militares podemos distinguir os seguintes elementos: o interesse de formar no interno o espírito da disciplina e sobretudo a disposição de se subordinar aos chefes, subchefes e representantes de turma (colegas) e aos superiores (professores militares e o resto de oficiais), isto é, indivíduos diferentes respondendo ao mesmo estímulo. Assim, tende-se a inculcar nos internos o sentimento de orgulho de pertencer ao CMB e também de prepará-los para preservar e prosseguir com as tradições do Exército (continência, respeito pelo uniforme, comemoração de festas pátrias, etc.). Tudo isso, finalmente, envolve um regulamento disciplinar que ajusta o interno às normas do colégio, que o leva a criar condutas como a pontualidade, prontidão, obediência, autocontrole, autodisciplina, liderança e responsabilidade, entre outras.

Quanto ao ensino, as instituições militares, criam e mantêm estabelecimentos como o CMB, que controlam a socialização de seus membros. É uma organização complexa e eficaz. Partindo da análise feita por Bourdieu (1974:203) sobre os "sistemas de ensino" e "sistemas de pensamento" podemos considerar que o sistema de

ensino é capaz de modelar os espíritos tanto de alunos quanto de professores através da cultura e da maneira como ela é transmitida, assim "a cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação". Embora nas instituições militares essa comunicação seja "vertical" com submissão à hierarquia, é surpreendente como a cultura militar é mais um exemplo de intervenção moral e forma complexa de comunicação, de representações e interpretações dentro da nossa própria cultura.

De fato, pode-se dizer que cada sujeito recebe uma aprendizagem, que na verdade, o torna um "indivíduo 'programado', quer dizer, dotado de um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação, constituindo o produto mais específico de um sistema de ensino. Os homens formados em uma dada disciplina ou em uma determinada escola, partilham um certo 'espírito'" (Bourdieu, 1974:206). Os colégios militares são um excelente exemplo da eficácia do sistema de ensino pregado e praticado pelos grupos ideológicos das Forças Armadas. Podemos concordar que:

- ⇒ "Todo sistema de ensino institucionalizado deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato de que lhe é preciso produzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência (auto-reprodução da instituição) são necessárias tanto ao exercício de sua função própria de inculcação quanto à realização de sua função de reprodução de um arbitrário cultural do qual ele não é o produtor (reprodução cultural) e cuja reprodução contribui à reprodução das relações entre os grupos ou as classes (reprodução social)" (Bourdieu, 1975:64).

Bourdieu (1989:61) também parte da idéia de que as instituições totais provocam a conversão do aluno através de um processo de deculturação-reculturação onde os símbolos são instrumentos de integração social que garantem a ordem dentro da instituição. Assim sendo, as "representações mentais" têm precisamente a função de fornecer aos indivíduos ou aos grupos de uma percepção, apreciação, conhecimento e reconhecimento de seus interesses e pressupostos e as "representações objectais" são fornecidas através de emblemas, bandeiras, insígnias ou em atos de manipulação simbólica (op. cit.:112).

Essa classificação das representações, na definição do autor, exprime de algum modo o que procuramos indicar: a visão de mundo de grupos ideológicos, especificamente dos militares, é o resultado de um processo de socialização que direciona a atenção dos membros da instituição para legitimar os fins e os meios de que lançam mão. Os códigos de conduta, os rituais e símbolos intimamente relacionados às tradições militares, são usados como mecanismos de solidariedade e coesão dentro do grupo. Esse espírito corporativo responde a bases teóricas e éticas introjetadas pelo grupo. Na prática, a assimilação desses códigos, dessa doutrina teórica, é sempre premiada com medalhas e promoções. Como veremos mais adiante, a doutrina do CMB, permanece como a matriz de origem da socialização da "miniatura de soldado" no internato.

### 3. OS COLEGIOS MILITARES

Atualmente existem apenas cinco CMs, localizados em Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília. O mais antigo é do Rio de Janeiro (CMRJ) e o CMB o fundado mais recentemente. Existiam, no Brasil, oito colégios militares situados em capitais de estados. Os colégios militares do Rio de Janeiro (CMRJ), Porto Alegre (CMPA), Curitiba (CMC), Belo Horizonte (CMBH), Salvador (CMS), Recife (CMR), Fortaleza (CMF) e Manaus (CMM). A partir do primeiro semestre de 1994 o Colégio Militar de Belo Horizonte estará sendo reativado após três anos de extinto, por falta de recursos.

O Colégio Militar de Brasília é uma instituição de caráter sócio-assistencial dedicada ao ensino de primeiro e segundo graus. Foi criado por Decreto Presidencial em 23 de janeiro de 1978 e iniciou suas atividades em 5 de março de 1979 (vide documento 2). É o resultado de um convênio entre o Governo do D.F e o Ministério do Exército. A construção e instalação dos equipamentos estiveram a cargo do Departamento de Engenharia e Comunicações do Exército, órgão encarregado do projeto, contratação, fiscalização e condução das obras e serviços, sob a direção da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). O arquiteto Oscar Niemeyer elaborou e apresentou o projeto do CMB que após modificações foi aceito pelo Ministério do Exército. O CMB possui um área de 240.000 m<sup>2</sup> dos quais 50.260 <sup>1000</sup> ~~300~~ m<sup>2</sup> área construída. Dita área é constituída por uma figura de trapézio

retangular definida pelas quadras 902, 903 e 904 do S.G.A.N. (Setor das Grandes Áreas Norte) (vide fotografia 1).

O CMB segue uma tradição que se iniciou com o CM de Rio de Janeiro (CMRJ), criado em 1889 para dar acolhida aos órfãos e filhos de militares combatentes da guerra do Paraguai. O CMB iniciou suas atividades com um total de 510 alunos, atualmente possui 2800 estudantes entre meninos e meninas, filhos ou dependentes de militares das diferentes Forças Armadas sediadas em Brasília e filhos de civis (15).

O CMB, junto com os outros quatro colégios militares do país, são instituições que buscam, em última instância, a formação de oficiais. Não é por acaso, pois, que em especial os alunos internos, durante o processo de re-socialização sejam expostos à incorporação de todos os valores e comportamentos próprios do mundo militar. A disciplina militar, o controle, a hierarquia e a ordem unida (expressas através das continências, sinais de respeito, as posturas e as marchas) são premissas

---

15 Desde o ano de 1989 foram admitidas meninas no CMB, quebrando a tradição de serem os CMs estabelecimentos de ensino exclusivamente masculino. Conforme reporta o Correio Braziliense, 18/9/1993, p. 4, sob a manchete "Colégio Militar forma nova turma e incentiva mulheres", na qual foi dado destaque às 800 alunas que conformam o CMB e em especial às alunas pioneiras que ingressaram em 1989, e a participação do corpo feminino no desfile do 7 de setembro.

básicas de toda instituição militar (16).

O CMB, sob a responsabilidade do Ministério do Exército, é um estabelecimento de ensino que visa também despertar as vocações para a carreira militar. Sua organização e funcionamento é própria de um quartel. Possuindo um comandante, oficiais, praças, e um sistema de segurança. No que diz respeito ao ensino e seu planejamento, o CMB funciona de acordo com as normas do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) e a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), subordinados ao Ministério do Exército, órgãos encarregados da fiscalização e controle de todos os Colégios Militares. Como se mostra a seguir:

-----  
 ; MINISTERIO DO EXERCITO ;  
 -----

-----  
 ; DEP ;  
 -----

-----  
 ; DEPA ;  
 -----

-----  
 ; COLEGIOS MILITARES ;  
 -----

Do ponto de vista do ensino, o CMB está organizado basicamente nas seguintes seções de apoios: 1. Divisão de Ensino (DE), 2. Corpo de alunos (CA) e 3. Divisão Administrativa (DA). Todas elas subordinadas ao Comandante-Diretor do Colégio. O CMB

16 No ensino militar, uma das maiores preocupações é o cuidado do corpo e a habilidade manual. Eis o que Mauss (1972: 222) chama de ensino das técnicas do corpo exemplificadas através das marchas, esportes, dança, uso de armas, instrumentos e qualquer outra atividade de destreza. Daí a importância dos exercícios coletivos, para a criação tanto de atores individuais quanto coletivos que sejam portadores de um sentido corporativo dentro do CMB.

enquanto, instituição militar possui um Comandante, oficial do Estado Maior que exerce suas funções por dois anos e ao mesmo tempo é o Diretor de Ensino do Colégio.

A Divisão de Ensino se encarrega do planejamento, programação, coordenação, execução, controle e avaliação do ensino e da aprendizagem, através de quatro seções de ensino e quatro seções de apoio ao ensino. Estão organizadas da seguinte forma:

-----  
Seção de Ensino "A":

-----  
 | Subseção de Língua Portuguesa |  
 | Subseção de Língua Inglesa |  
 | Subseção de Educação Artística |  
Subseção de Iniciação ao Trabalho

-----  
Seção de Ensino "B":

-----  
 | Subseção de Matemática |  
Subseção de Desenho.

-----  
Seção de Ensino "C":

-----  
 | Subseção de Ciências Físicas e Biológicas |  
 | Subseção de Biologia |  
 | Subseção de Física |  
Subseção de Química.

-----  
Seção de Ensino "D"

-----  
 | Subseção de História |  
 | Subseção de Geografia |  
 | Subseção de Educação Moral e Cívica |  
 | Subseção de Organização Social e Política do Brasil. |  
Subseção de Ensino Religioso.

As Seções de Apoio são:

Seção Técnica de Ensino (STE), encarregada de assessorar ao chefe da seção de ensino no referente ao planejamento das atividades de ensino, necessidades materiais e financeiras e controle e avaliação do ensino dentro do CMB. Por sua vez conta com a Subseção de Planejamento e Pesquisa de Ensino e uma Seção de Estatística e Medidas da Aprendizagem.

A Seção de Orientação Educacional (SOE) que planeja e coordena as atividades de orientação educacional além de organizar as fichas de informações sobre os alunos a serem distribuídas aos professores. Há também a Seção Técnica de Meios Auxiliares (SMA) cuja função principal é preparar os dados referentes ao rendimento dos alunos e o fornecimento dos materiais para o ensino.

Em suma, a Seção de Ensino se compõe de um Comandante-diretor de Ensino, um Subdiretor de Ensino ou Chefe da Divisão de Ensino, um Comandante do Corpo de Alunos, dois Comandantes de Companhia correspondentes a cada Série, um Chefe da Seção de Orientação Educacional e Psicotécnica (SEC PSC), os Professores da Série, uma Orientadora e uma Psicóloga da Série. Para a condução do ensino, a Divisão de Ensino se divide da seguinte maneira:





O CFR permite ao aluno do CMB alistado, realizar voluntariamente o Serviço Militar de segunda categoria, sem prejuízo das atividades curriculares. O curso se inicia em fevereiro e termina em junho num horário de segunda e quinta feiras das 13:40 As 17:00 horas. Dirigido aos alunos das primeira, segunda e terceira séries do segundo grau. São instruídos pelo Comandante do Corpo de Alunos além de um oficial do Corpo de Alunos, tendo como monitores os subtenentes e sargentos do Corpo de Alunos. Se o aluno faltar por causa justificada perderá um ponto e três se não for justificada, podendo perder no máximo quarenta e cinco pontos.

Faz-se um Exercício de Longa Duração (ELD) ou acampamento no mês de junho, além das rotinárias marchas, instrução de tiro, armamento, combate, deslocamentos. Todas estas atividades são dirigidas e acompanhadas por um oficial.

A Divisão Administrativa está encarregada da criação das condições de funcionamento das instalações junto com a coordenação dos recursos humanos. Está dividida em: 1) Seção Administrativa, 2) Setor de Aquisições, 3) Setor de Finanças, 4) Setor de Aproveitamento, 5) Setor de Almoxarifado, 6) Seção de Saúde e 7) Seção de Serviços Gerais.

E a Divisão Administrativa responsável por empregar os 600 funcionários tanto civis quanto militares do CMB. Os funcionários

civis ingressam através de concurso público segundo pertençam às categorias de nível superior, nível intermediário e nível auxiliar. Também existe a categoria de funcionário "celetista" ou seja é a categoria dos funcionários temporários com contrato anual.

O plano de apoio administrativo tem como finalidade orientar e coordenar o apoio administrativo às atividades de ensino e à vida administrativa do CMB, de acordo com as instruções normativas dos escalões superiores (DEF, DEFA). Fazem, por exemplo, a aquisição de material de ensino, fardamento, transporte, alimentação, lavanderia, anuidade dos alunos, limpeza do aquartelamento (a cargo das seções subordinadas).

Os funcionários militares preenchem as vagas disponíveis no CMB de acordo com o Quadro de Distribuição de Efetivo (QDE), do Estado Maior do Exército. Assim, os militares ocupam os postos de monitores, instrutores de alunos e de professores em comissão por tempo regulado no Departamento Geral do Exército (DGE). Os funcionários militares da Seção Administrativa ocupam seus cargos por tempo indeterminado segundo as normas do Departamento de Pessoal do Exército (DPE). O ingresso depende da graduação e do posto que varia de soldado até general, seguindo a hierarquia militar, como apresentada a seguir, nas três Forças Armadas:

## ESCALA HIERARQUICA (\*)

EXERCITO	MARINHA	AERONAUTICA
General-de-Exército	Almirante-de-Esquadra	Tenente Brigadeiro do Ar
General-de-Divisão	Vice-Almirante	Major Brigadeiro do Ar
General-de-Brigada	Contra-Almirante	Brigadeiro
Coronel	Capitão de Mar-de- Guerra	Coronel
Tenente-Coronel	Capitão de Fragata	Tenente
Major	Capitão de Corveta	Major
Capitão	Capitão-Tenente	Capitão
Primeiro Tenente	Primeiro Tenente	Primeiro Tenente
Segundo Tenente	Segundo Tenente	Segundo Tenente
Aspirante	Guarda-Marinha	Aspirante
Cadete	Aspirante	Cadete
Subtenente	Suboficial	Suboficial
1o. Sargento	1o. Sargento	1o. Sargento
2o. Sargento	2o. Sargento	2o. Sargento
3o. Sargento	3o. Sargento	3o. Sargento
Aluno da EspCEX	Aluno do CN	Aluno da EPCAR
Cabo	Cabo Taifeiro de 1a. Classe	Cabo
Soldado	Marinheiro de 1a. e 2a. Classe	Soldado de 1a. e 2a. Classe

-----\* Fonte: Guia do aluno do CMB, 1988. Ministério do Exército. DEP-DEPA.

Todos os oficiais, subtenentes e sargentos do CMB recebem instrução militar com a finalidade de aperfeiçoar-se em assuntos como Treinamento Físico, Tiro, Segurança Interna e Defesa do Aquartelamento. Dentro deste Plano de Instrução Militar são também tratados assuntos referentes à filosofia do ensino assistencial do Exército, normas de relacionamento entre docentes e discentes do CMB, organização e funcionamento da administração.

Pelo fato de ser uma instituição de caráter militar, o CMB possui as características próprias de um quartel, daí que a administração possua a Divisão Administrativa e a Seção de Ajudância Geral órgão encarregado do Assessoramento do Comando do CMB. Esta seção se subdivide nas seguintes subseções: Secretaria, Pessoal Civil, Pagamento de Pessoal e Expediente.

O CMB também recebe apoio enquanto quartel da Companhia de Comando e Serviços, subordinada à Divisão Administrativa. Esta Companhia fornece o efetivo dos recrutas. Dispõe de 107 soldados que exercem as mais variadas funções que vão desde datilógrafos, faxineiros e mão-de-obra para o apoio do aquartelamento. Dita tropa também recebe Instrução Militar. Preparam-se os recrutas no cumprimento dos deveres militares através da participação efetiva dos mesmos nas instruções de ordem unida, treinamento físico, hierarquia e disciplina, sinais de respeito, marchas, estacionam~~en~~to e tiro.

O total de pessoas que se movimentam diariamente no Colégio é de cerca de três mil e quinhentas. Convivem no CMB o Comandante-Diretor, Oficiais, Praças, Civis (tanto professores como o pessoal administrativo) e os estudantes.

Outro ponto importante de se agregar tem a ver com o espaço físico do CMB. Os alunos são distribuídos no espaço, de maneira a permitir aos controladores não só instruir mas também fiscalizar e sancionar (17). Escreve Foucault (1977:181), a propósito da organização espacial:

"é um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões".

Nesse sentido, o CMB é uma arquitetura de controle da desordem e da diferença. Destaquemos, em primeiro lugar, na entrada do CMB, a vigilância exercida pelos soldados que ficam na guarita (vide fotografia 2). Nesse lugar, o visitante tem que se identificar, e responder perguntas tais como o que quer?, com quem quer falar?. Deve-se colocar o nome e o lugar que você vai

---

17 Radcliffe-Brown (1973:253), a respeito das sanções sociais, afirma: "São eficazes, em primeiro lugar, pelo desejo do indivíduo de obter aprovação e evitar desaprovação de seus companheiros, obter recompensas ou evitar castigos que a comunidade oferece ou com que ameaça; e, em segundo lugar, pelo fato de que o indivíduo aprende a reagir a determinados modos de conduta com julgamentos de aprovação e desaprovação do mesmo modo que seus companheiros ...". Veja-se também, por exemplo, Nadel (1952/53:266), Parsons (1969,1970), Douglas (1978).

visitar, marcando a hora de entrada no local, e o nome da pessoa com a qual vai falar. Usa-se um crachá no caso das pessoas alheias à instituição. Quando se tratar de alunos internos a vigilância é mais rígida, todo aluno interno deve apresentar na saída a ficha de permissão colocando o lugar onde se lhe encontrará e o provável horário de volta.

Já nos referindo às salas de aula e seus corredores, a vigilância alcança o mais alto nível de expressão. Os corredores são passagens estreitas com dois portões situados em ambos extremos e que são fechados com cadeados. As salas de aula vão de um extremo a outro do corredor. A entrada principal do corredor está situada no meio, onde um soldado sentado numa mesa, controla a entrada e saída dos alunos.

Além do mais, próximo a ele está a sala dos sargentos e monitores encarregados da disciplina nessa companhia (conjunto de turmas que formam uma série). As portas de cada sala têm um retângulo de vidro que lhe permite ao monitor vigiar e controlar cada turma desde fora da sala de aula. Os portões somente são abertos para entrarem nas aulas, no recesso e quando finalizarem as aulas. Isto impossibilita a entrada de alunos de outra turma ou de estranhos às companhias.

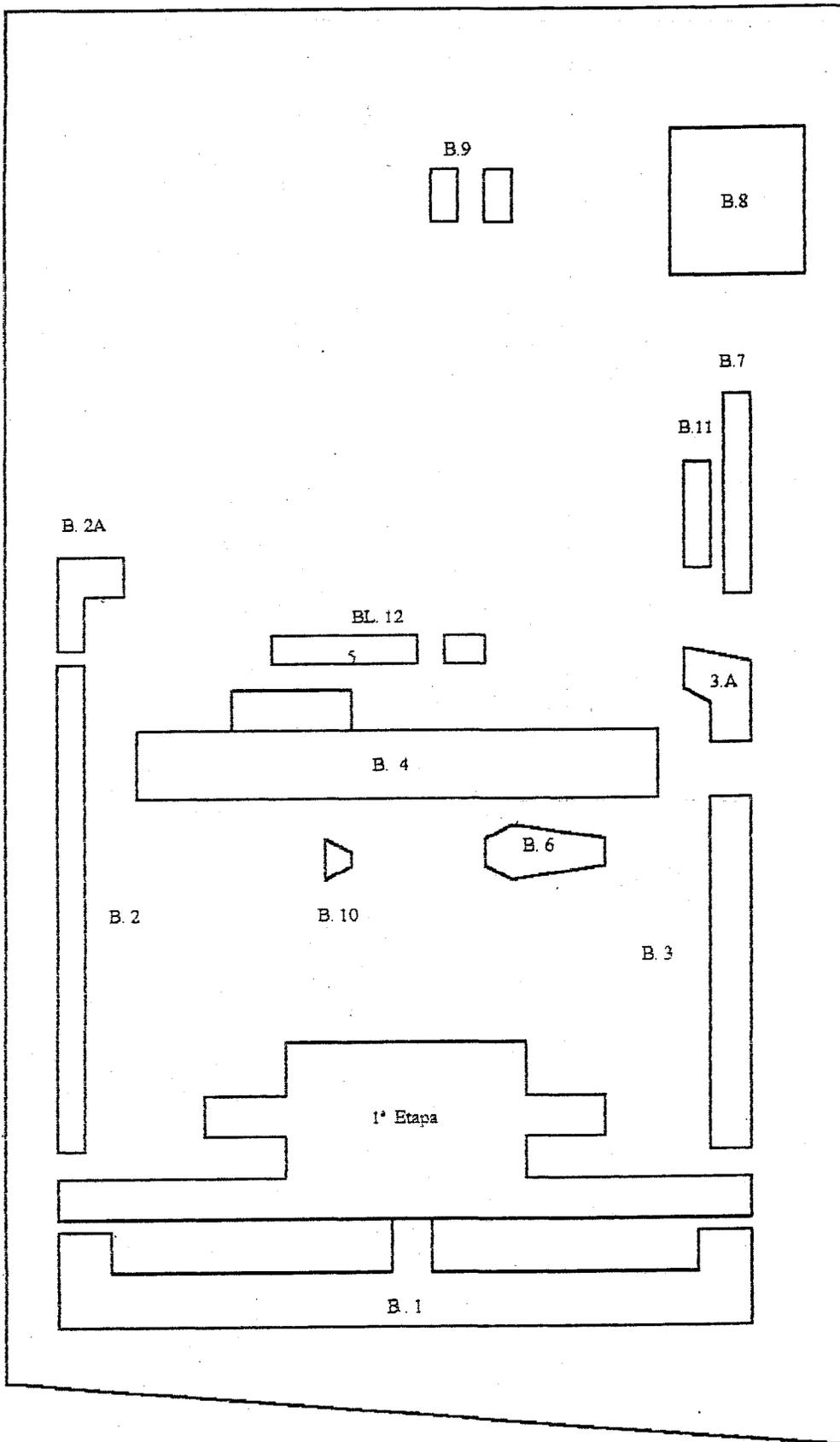
Devido a<sup>o</sup> suas características de megaprojeto, a construção das instalações do CME foi feita em três fases. A primeira etapa

compreendeu a limpeza do terreno, terraplenagem, sondagens e medições. O Comando foi construído na segunda etapa (vide fotografias 3 e 4) assim como o Auditório (com capacidade para mil duzentas e vinte e seis pessoas) além de outras seções realizadas sucessivamente. A Direção de Ensino foi realizada durante a terceira etapa da construção do CMB incluindo as salas de aula, salas de provas, laboratórios e o resto das instalações (vide figura 1). Possui atualmente um mini-auditório com cem lugares, uma agência do Banco do Brasil, uma loja de fotografia, papelaria, barbearia, alfaiataria, loja de uniformes, lavanderia, almoxarifado, rancho (com seis refeitórios), cantina, capela, gabinete médico e odontológico e uma biblioteca com aproximadamente dez mil volumes. A construção do CMB foi feita em blocos como se mostra no croqui 1 a seguir: (18)

---

18 É claro que o croqui apresentado não pretende ser uma reprodução exata do original, visto que modificações puderam ser introduzidas no momento de sua elaboração. Infelizmente o croqui original só me foi proporcionado para uma rápida consulta na sala do comando, fui impossibilitada de copiar ou xerocar qualquer desses documentos confidenciais do CMB. Além disso, esses planos foram procurados também no DEP e no DEFA, mas parece que o único plano existente é aquele ao qual tive acesso restrito (acreditamos que possa existir um outro plano).

# CROQUI DO COLEGIO MILITAR



## PROJETO DO COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA (\*)

## SEGUNDA ETAPA

- BLOCO 2 ATIVIDADES EXTRA CLASSE  
COMANDO GERAL  
ENFERMARIA
- BLOCO 3 CORPO DE ALUNOS  
TRES COMPANHIAS DE INTERNOS  
TRES COMPANHIAS DE ESPECIAIS  
CINCO COMPANHIAS DE EXTERNOS  
COMANDO DO CORPO DE ALUNOS
- BLOCO 4 RANCHO  
ALMOXARIFADO
- BLOCO 5 LAVANDERIA
- BLOCO 6 AUDITORIO
- BLOCO 7 SERVIÇOS  
GARAGEM  
OFICINAS  
ALOJAMENTO DOS PRAÇAS
- BLOCO 8 GINASIO DE ESPORTE
- BLOCO 9 2 CONJUNTOS DE SANITARIOS VESTIARIOS
- BLOCO 10 CULTO ECUMENICO
- BLOCO 11 ESTANDE DE TIROS
- BLOCO 12 CALDEIRAS  
SUBESTAÇÃO

## TERCEIRA ETAPA

- BLOCO 2A 3 COMPANHIAS DE EXTERNOS  
3A 3 COMPANHIAS DE EXTERNOS
- BLOCO 1 DIREÇÃO DE ENSINO  
51 SALAS DE AULA

---

\* Fonte: Memória sobre os atos relativos ao CMB, 1977.

O CME funciona segundo um calendário geral de atividades (vide documento 3) onde o ano escolar é pormenorizado por meses, semanas e dias. São classificadas as atividades por semana e por semestre tanto para os alunos quanto para os professores civis e militares. São comemoradas as grandes datas, os feriados nacionais, as datas festivas e os feriados diversos, além das datas comemorativas e cívicas. O CME começa suas atividades diárias com os alunos externos às sete e dez, seguindo um quadro de distribuição do tempo para cada série previamente programado (vide documento 4).

Vale lembrar, mais uma vez, que é uma instituição militar que tem suas bases na estrutura hierárquica do Exército. Cada seção está sob a responsabilidade de um oficial do Exército. Assim, nele se conjugam todas as características próprias de uma organização militar, sendo a disciplina a maior delas. Razão pela qual todas as atividades e tarefas desenvolvidas no CME são totalmente controladas, planejadas, padronizadas seguindo regras, ordens e planos, dando-lhes o qualificativo de rotineiras.

Dentro da ideologia militar existe a necessidade de criar o corpo dócil, de aperfeiçoá-lo segundo seu interesse. O aluno é ensinado a obedecer e a respeitar as regras. O aluno é uma "massa que se pode manipular, um corpo dócil que se pode transformar e modelar" (Foucault 1977:126). A instituição busca a unidade entre seus membros, desde a maneira como os trabalhos são distribuídos,

os papéis de cada um são definidos e os limites de cada um são colocados. Isto ocorre do aluno até o comandante-Diretor, passando pelos soldados que prestam o serviço militar no CMB, tudo permeado por uma disciplina militar.

Os alunos internos do CMB, sendo crianças e adolescentes, são indivíduos mais permeáveis a serem re-socializados. Podem ser entendidos como indivíduos que compartilham um espaço, um espírito comum e sobretudo uma mesma disciplina. Entre eles existe um conjunto de normas, regras e deveres a serem cumpridos, expostos num regulamento interno que tende a cultivar as chamadas virtudes militares como disciplina consciente, honra, coragem, obediência, lealdade e marcialidade. São categorias nativas como estas que, agregadas ao núcleo da disciplina como forma de controle, terminam reproduzindo-se entre os alunos internos. Como disse Goffman (1974:22) há instituições que funcionam como "estufas para mudar pessoas".

#### 4. O "INFERNATO": REPRODUÇÃO DE UM GRUPO

##### Os internos no Colégio Militar de Brasília

O regime de internato está destinado para os dependentes dos militares do Exército que estejam servindo em localidades distantes dos CMBs. Em casos especiais, o internato pode admitir alunos que não sejam dependentes de militares do Exército, sempre que admitidos por concurso. Neste caso, o Comandante-Diretor do CMB pode conceder o ingresso no regime de internato no CMB. (Regulamento dos Colégios Militares, R-69. 1988).

Quarenta e nove alunos convivem no internato do CMB (19). Seis destes quarenta e nove alunos entraram em caráter excepcional. Quatro são filhos de civis<sup>19</sup>, sem nenhum vínculo militar e dois dependentes de militares (20). Seu ingresso foi feito através de concurso em caráter excepcional. Dois casos merecem ser ressaltados. Um desses alunos foi anteriormente engraxate no OGE e depois de ter sido "adotado" por um General foi aceito no internato do CMB. O outro é brasileiro descendente de chinês. Neste caso a mãe conversou com o Coronel-diretor do CMB e pediu

---

19 O número de alunos do internato varia constantemente devido ~~a que~~ segmento dos alunos também é atingido pela rotatividade e transferência dos pais militares.

20 As vagas no concurso de admissão na quinta série do primeiro grau estão distribuídas da seguinte maneira: 65% para dependentes de militares e professores civis do Ministério do Exército, 20% das vagas estão destinadas aos dependentes de militares da Marinha e da Aeronáutica, 15% destinadas para os filhos de civis (Regulamento dos Colégios Militares, R-69. 1988).

para o filho ser aceito como aluno interno já que as condições econômicas do casal impediam de inscrevê-lo num outro colégio. Os argumentos segundo as palavras do Comandante "atingiram o meu coração". O aluno seria aceito no internato desde que passasse as provas de admissão.

As instalações do internato, localizadas logo à direita da entrada leste do CMB, são compartilhadas com os oficiais solteiros que moram no CMB. Os alunos internos estão localizados em dois alojamentos, o alojamento "A" para os alunos novos e o alojamento "B" para os mais antigos. Também moram, na outra ala do prédio do internato, oficiais femininas. Só uma é professora do CMB, as demais trabalham no OGE egressas da Escola de Administração do Exército, em Salvador, Bahia (21).

A idade dos alunos do internato oscila entre 14 e 20 anos, formando turmas tanto de adolescentes quanto de adultos, que ingressaram entre 1989 e 1993. Com relação à distribuição por idade o gráfico 1 abaixo, nos mostra a idade dos alunos e a porcentagem:

---

21 A Escola de Administração do Exército (EsAEx) localizada em Salvador, Bahia, foi criada em 1988, tem entre outras tarefas, formar o Quadro Complementar de Oficiais (QCO), que se destina a suprir, com pessoal de nível superior, as necessidades das Organizações Militares, em cargos de natureza complementar e será constituído dos postos de primeiro tenente, capitão, major e tenente-coronel. Só no primeiro semestre de 1992, ingressou a turma pioneira do segmento feminino da Força Terrestre. Assim, civis (de ambos os sexos) e militares da ativa e da reserva não remunerada das Forças Armadas podem ingressar no Exército como oficiais. Os oficiais são formados nas seguintes áreas: administração, economia, ciências contábeis, estatística, informática, direito, veterinária, enfermagem e no magistério (espanhol, inglês, química, física, matemática, português) (Verde-Oliveira, 1992:14,15).

COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA  
IDADE DOS ALUNOS DO INTERNATO

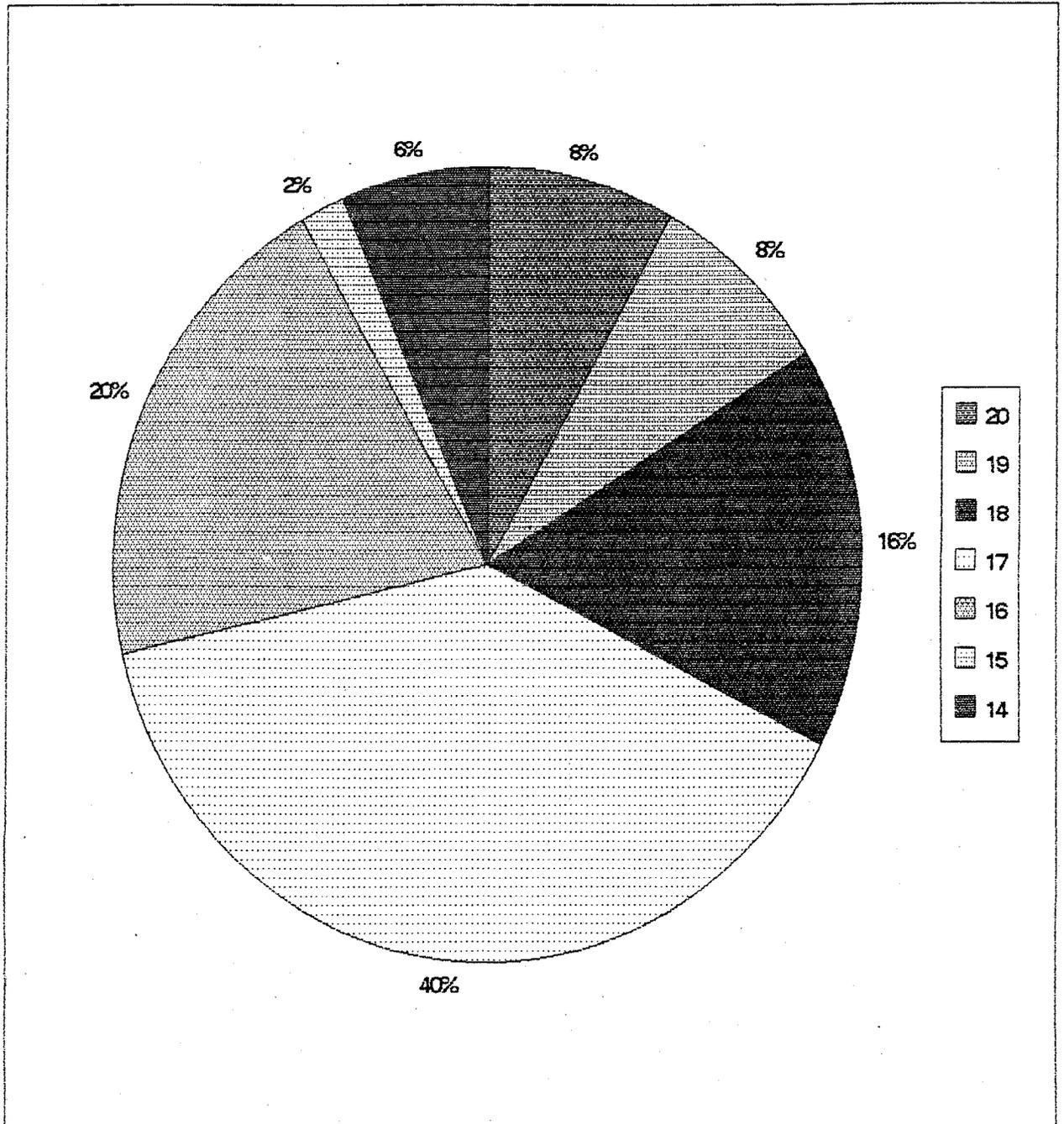


Gráfico 1

Como vemos os dados acima indicam que na turma do internato a idade média é relativamente elevada. Este grupo soma 49 alunos, com 4 alunos até 20 anos de idade, 4 com 19 anos, 8 com 18 anos, 19 com 17 anos, 10 com 16 anos, 1 com 15 anos e 3 com 14 anos. Temos então uma idade média da turma do internato de 17 anos. Considerando essa idade média dos alunos e o tempo demandado para concluir o segundo ano do segundo grau, há de fato, uma elevada porcentagem de alunos com idade para ingressar na EspPCEx (22).

---

22 A Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EspPCEx) é um estabelecimento de ensino, correspondente ao segundo grau, cuja finalidade é preparar candidatos para o ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde são formados os Oficiais do Exército Brasileiro. Constitui a única porta de entrada na carreira militar do futuro Oficial. Anteriormente, candidatos civis aprovados em concurso e alunos dos colégios Militares concludentes do segundo grau tinham acesso à AMAN. Hoje, pela nova sistemática, os civis e os alunos dos CMs só podem ingressar na AMAN por intermédio da EspPCEx, cursando a terceira série do segundo grau. A seleção para a EspPCEx realiza-se mediante concurso nacional para os civis e exame de suficiência para os alunos dos CMs. O curso, em regime de internato, tem a duração de um ano e o currículo, além das matérias referentes à terceira série do segundo grau, englobará as disciplinas necessárias à iniciação da formação militar profissional. Durante o curso, o aluno passará à situação militar, com todos os direitos e deveres previstos nos regulamentos do Exército. Recebe fardamento, alimentação e soldo, será rigorosamente preparado e continuamente observado, tendo em vista sua futura condição de Cadete da AMAN. Ao terminar o curso com aproveitamento, o aluno terá matrícula assegurada na AMAN, independente de Exame de Escolaridade, desde que preencha as demais condições estipuladas no Regulamento da AMAN: Inspeção de Saúde, Exame Físico e Exame Psicológico (Verde-Oliveira, 1988:12,13)

O destino do efetivo de concludentes do segundo ano do segundo grau do CMB, em 1992, foi o seguinte: filhos de militar, concluíram 164, filhos de civil, concluíram 53. No total concluíram 217 alunos dos quais ingressaram 57 na ESPCEX (vide quadro 1).

O "efetivo" de alunos internos dos CMBs compreende filhos de militares do Exército, da Marinha, Aeronáutica e das Forças Auxiliares (Bombeiros e Polícia Militar) e Polícia Civil, além de filhos de civis. Vejamos os dados correspondentes à filiação dos internos do CMB, no gráfico 2: (23)

---

23 Para a turma estudada, não se contou com nenhum aluno que fosse filho de militar da Aeronáutica ou da Marinha. Por isso não aparecem no gráfico. Quanto à categoria "filhos de civis", curiosamente não está incluída nas tabelas que me foram fornecidas para elaboração deste gráfico.

# COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA

## FILIAÇÃO DOS ALUNOS DO INTERNATO

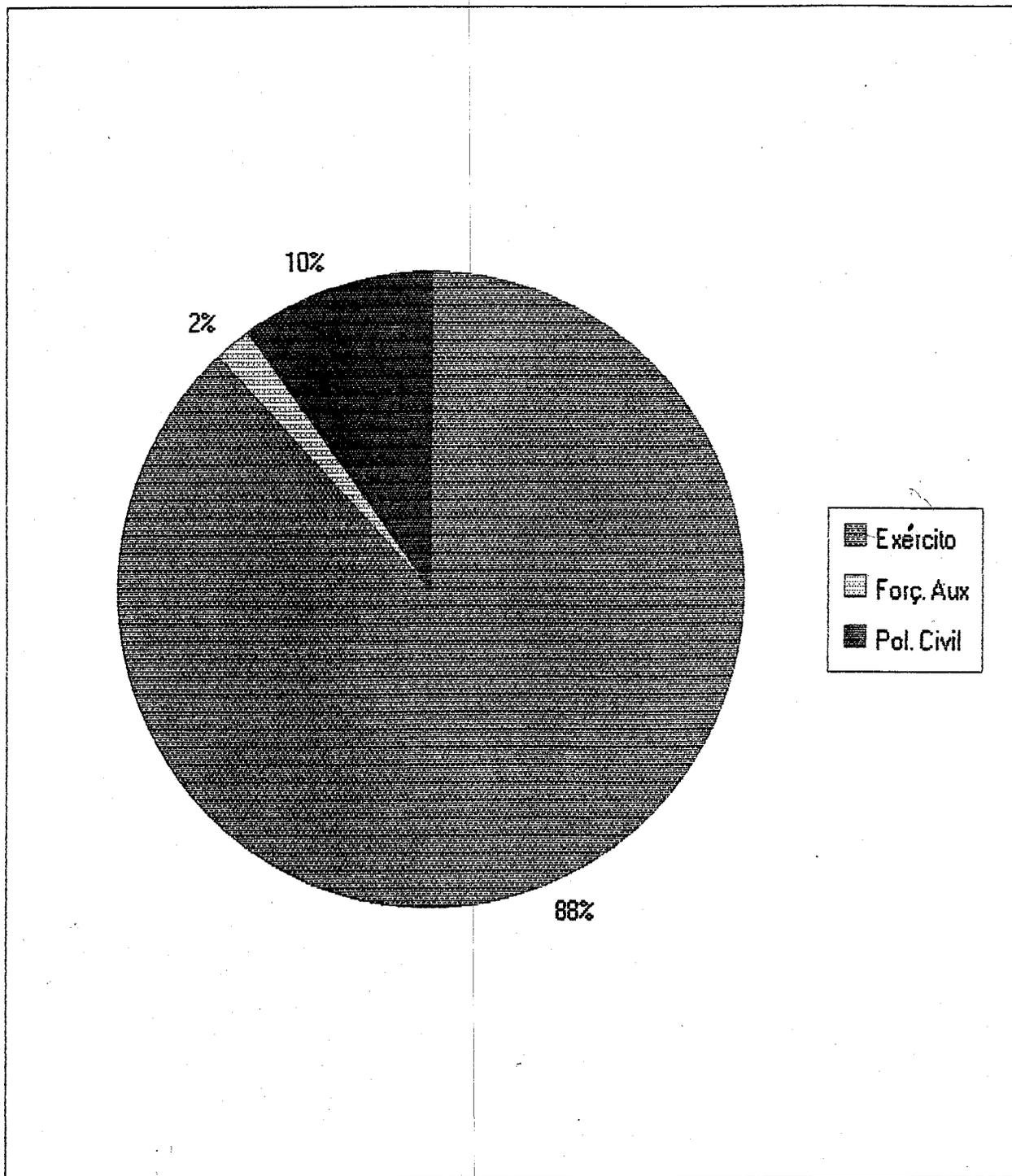


Gráfico 2: Fonte: Dados do CMB 1993

Do total dos alunos que ingressaram até 1992 no internato, apenas 2% são filhos de policiais civis, contra 88% do Exército e apenas 10% desses alunos são descendentes de pais que integram as Forças Auxiliares, ou seja policiais militares e bombeiros. A "razão da hegemonia" do Exército é, pois, da ordem de 88% .

Os alunos compartilham uma área, o internato, onde se encontram sub-áreas: dormitórios, banheiros, salas de estudo e uma sala de recreação com jogos de mesa além de televisão e jogos de vídeo. A televisão só poderá ser assistida durante a semana até às 22:00 horas e o vídeo só funcionará nos finais de semana. Todos os internos sob o comando de um sargento ou monitor e dos oficiais de dia encarregados do internato (24) (vide documento 5).

O aluno interno se diferencia do aluno externo pelo uso de uma plaquinha na farda que o identifica como aluno do internato. Interno deve usar a farda o dia todo, tem estudo obrigatório de duas às quatro horas da tarde e entre suas obrigações está a limpeza do alojamento e de todas as áreas do internato.

A convivência no internato, longe da família, é para a maioria deles "a melhor ajuda para se acostumar a virar sozinho e

---

24 Também existe a figura do aluno de dia entre cujas funções está orientar os plantões dentro do internato e manter a disciplina na ausência do monitor. O aluno de dia como o chefe e o subchefe de turma se coloca adiante hierarquicamente sobre os demais alunos da turma que "lhe devem obediência quando no exercício da função" (Guia do aluno, 1988. p.3.55).

se prepararem para o ingresso na EsFCEEx". A instituição vira lugar de residência porém as relações familiares ficam, com muita frequência eliminadas e o indivíduo é adaptado a um novo esquema de vida que o afasta do mundo que anteriormente compartilhava.

Muitos deles já foram alunos externos de diferentes CMs, quando transferidos os pais a outras guarnições, o que faz com que o rapaz seja transferido para o CM da localidade ou para o mais próximo, como aluno interno. Há casos onde mais de um filho entra no regime de internato.

O aluno interno deve pagar uma taxa extra de matrícula correspondente às despesas de alimentação e lavanderia. No entanto, todo filho de militar dentro do internato tem um desconto de 20% como privilégio nos gastos gerais dos alunos internos.

Nas palavras dos internos "a vida no internato lhes ensina a valorizar as coisas, a família, a serem mais solidários". Em 1989 chegaram a alcançar o efetivo de 120 alunos no internato do CMB. A causa? Na época estavam fechando vários colégios militares, por razões de orçamento.

Os alunos do internato formam a nona companhia de alunos do CMB. Escutamos com frequência que eles como alunos internos "devem zelar pelo nome do Colégio, principalmente pelo internato devendo ser modelo para os demais alunos".

Os alunos internos, são rejeitados pelos alunos externos, por serem considerados o grupo mimado do CMB, daí que sejam chamados pelos externos como os alunos do "infernato".

#### Características do "infernato"

Sem dúvida que os alunos externos ao falar de "inferno" não estão se referindo ao lugar subterrâneo onde estão as almas dos mortos, mas sim, à vida de "martírio e tormento" que, segundo eles, passam os alunos do internato do CMB. É essa a maneira de falar e pensar dos alunos que estão fora das normas, regras e disciplina próprias do internato. Para o aluno externo, o interno, está preso entre a comida que enjoa e a lista de trinta normas disciplinares do "infernato" (vide documento 6). Este qualificativo, não obstante, quando usado pelo interno o faz sentir orgulho de formar parte do infernato que a sua vez o diferencia do aluno externo. Nesse sentido, um aluno interno que ingressou no ano de 1993, de 19 anos e filho de militar comenta:

"O aluno interno convive mais, tem mais acesso ao CMB. Tem mais possibilidade de pegar no nosso pé porque como o próprio comandante diz, o aluno interno é o espírito do CMB".

O lema do Comandante é assumido por cada um dos alunos internos criando um grupo homogêneo com o único interesse de zelar pelo CMB que está preparando-o para a carreira militar.

Desde 1992, nos desfiles e formaturas das sextas-feiras os internos formam a nona companhia (25). A idéia pertence a um interno que pediu ao anterior comandante do CMB, o Coronel Amorim, a permissão para executá-la. Desde então, o internato desfila como companhia, ou seja, como agrupamento separado. O internato é cenário privilegiado para entender o poder da equipe dirigente do CMB e seu interesse na reprodução dos rígidos códigos de disciplina militar.

Se fala em internato porque a disciplina é muito mais rígida, desde o uniforme até o estudo. Segundo um aluno com dois anos no internato:

"O principal objetivo do CMB é formar a gente, instruir a gente para a carreira militar, então a carreira militar pega mais exatas né, se o cara não estudar vacila. Aqui é colégio militar, mas é quartel".

O CMB é sinônimo de quartel porque o aluno acaba sendo destituído de seu ritmo natural e socializado numa instituição de ensino militar. Quando esse processo é assimilado pelo aluno é comum escutar que esse esforço é a maneira de entrar na AMAN, "é a maneira de se acostumar à disciplina militar". São eles próprios que pregam o voluntariado e a vocação pelas armas. Vejamos o que pensa outro aluno interno com apenas 10 meses no CMB:

---

25 Formatura é o nome dado à disposição dos alunos em companhias no pátio central do CMB.

"O internato do CM não abrange todas as características que tem um internato numa carreira militar melhor dito como uma Academia ou Escola Preparatória, a ordem unida aqui tem, já tem uma preparação mas não é aquela preparação bem abrangente, eu gostaria que fosse. Antes de eu entrar aqui, a pessoa que me ajudou a entrar aqui, já tinha falado para mim que o internato era assim, o agrupamento que tinha o colégio que era mais assim enquadrado, não é, então já era diferente, então os alunos do internato eles se orgulham de fazer parte do internato".

Dois são os atores principais dentro do internato. Os alunos e o sargento monitor. O internato é o lugar do CMB onde os oficiais, e em especial o comando, reproduzem o espírito militar, criando no interno sentimentos de obediência e confiança nos oficiais e na vida militar, que os leva a assimilar o internato como o lugar ideal para se prepararem como futuros oficiais do Exército. Os internos valorizam o fato de estar nesse regime. Um interno com dois anos no CMB, filho de civil, expressa:

"Adoro ser interno, eu não tenho vocação para ser civil. A princípio não sentia essa coisa toda por militar, mas depois que você convive, sei lá, despertou em mim. Eu não tenho vocação nenhuma para ser civil, a minha é ser militar e pronto".

No cotidiano das instituições totais, o modelar suave parece constituir uma das técnicas mais empregadas e mais eficazes. Procura-se transformar a atitude dos internos tanto física (nos desfiles) quanto mental em consequência do ensino especializado que ele recebe como aluno e que acaba se exteriorizando pelo apego às regras militares. É "temperado" pelo respeito e a

lealdade para com as autoridades militares. A necessidade de legitimar o CMB através do internato, da ordem e da obediência de seus alunos, legitima os objetivos dos CMs (26).

O depoimento a seguir é um exemplo onde se combina a importância dos CMs como "reprodutores dos valores militares", com a questão do "modelado suave". É claro que o discurso deve ser entendido num contexto onde o Colégio Militar está associado a noções de "honra", "patriotismo", "nacionalismo":

"O segredo da permanência do Colégio Militar do Rio de Janeiro entre os núcleos geradores dos mais nobres valores militares e mentais do Brasil não tem outra configuração. Essa inalterável produtividade de valores decorre de um espírito de reta e segura disciplina, que se infiltra suave mas indelevelmente no caráter de cada um dos que passam por aqueles bancos históricos, enriquecidos por tradições das mais dignificantes que já se perpetuaram nas páginas da nossa evolução mental por forma eficiente e definitiva". Depoimento do Ministro Oswaldo Aranha sobre o Colégio Militar de Rio de Janeiro em 1938 (citado por Tavares, 1985:218,219).

Os alunos internos acabam assimilando o discurso da equipe dirigente. São manipulados pelos professores ou pais (militares) reproduzindo a tradição militar, ou seja, uma reprodução e manutenção dos valores das Forças Armadas. Parte dessa socialização pode ter lugar nos lares de filhos de militares. A isto chamaria de socialização precipitada, quer dizer, uma sociali-

---

26 Entre os objetivos dos CMs estão: preparar candidatos para o ingresso na EspCEX e despertar vocações para a carreira militar no Exército. (Regulamento dos Colégios Militares, R-69. 1988).

zação na vida militar que passa necessariamente pela expansão das práticas militares para o espaço familiar, antes de chegar nos CMs. Chamaria de socialização induzida, aquela com base na educação militar, no treinamento e na interação com colegas e militares durante as atividades diárias no internato. Através desse processo de aprendizagem de normas, deveres, disciplina militar, hierarquia o aluno é incorporado e aceito plenamente no Colégio Militar.

O período de adaptação ou re-socialização como chamado por Janowitz (1967:14) faz dos militares "um grupo com qualificação especial adquirida através de intenso treinamento" e "um grupo profissional que desenvolve um sentido de identidade grupal e um sistema de administração interna".

Para Castro (1990:31-32), a socialização secundária, citando a Berger e Luckmann, é um processo no qual "o indivíduo 'muda de mundos' e há uma 'intensa concentração de toda interação significativa dentro do grupo'". Nesse afastamento da vida anterior ou do mundo doméstico o indivíduo sofre mudanças e o melhor exemplo é a supressão de sua identidade anterior.

### O dia-a-dia no "infernato"

O dia-a-dia do aluno interno está carregado de um conjunto de normas e deveres que guiam e controlam os seus passos no CME, assim como de sanções e punições que podem levar à retirada do colégio.

O aluno interno é submetido à rotina de segunda a sexta. Deve estar em pé às quinze para seis. Disto se encarrega o aluno de dia quando dá a alvorada. Arruma a roupa e a cama, vai para o café às seis horas. Volta mais ou menos às seis e vinte porque às seis e cinquenta deve estar totalmente pronto. Daí vai para aula até meio dia e trinta.

Tem estudo obrigatório de duas e trinta às quatro e trinta. Depois é liberado. Às seis horas é o lanche e a ceia às oito e trinta. Os alunos que estão com média abaixo, ou seja nota vermelha, têm estudo obrigatório das sete às nove. Às nove horas se realiza o pernoite (formatura da noite em toda unidade militar ou chamada do oficial de dia com a finalidade de controlar os alunos) para conferir se tem aluno faltando. Às vinte e duas horas apagam as luzes do alojamento para dormir. À respeito desse esquema diário do aluno, acrescentarei as palavras de um interno:

"O horário de acordar é o mesmo né. Mas aí cada um segue o seu rumo, tipo assim, uns querem tomar café primeiro antes de arrumar a cama, uns querem primeiro escovar os dentes e depois tomar café, cada um faz o que quer depois que acorde, quer dizer, entre aspas, né".

É interessante observar, como o aluno já socializado simplesmente é capaz de discriminar seus direitos e obrigações sem fugir das regras.

Os alunos internos têm a formatura segunda feira de manhã (a formatura dos alunos externos é sempre sexta feira, embora a nona companhia também esteja presente). Por causa das permissões tiradas pelos internos para se ausentar do colégio durante o final de semana, a formatura consiste em agrupar a companhia sob a responsabilidade do sargento-monitor quem controla as faltas do grupo que comanda. Os alunos que estejam querendo se ausentar do internato durante o final de semana deverão solicitar ao sargento-monitor e preencher a "ficha de solicitação de liberação do final de semana", colocando o horário, local e telefone de onde podem ser localizados. Esta permissão deverá ser preenchida até quinta feira. Também deve-se preencher o chamado "termo de responsabilidade" a ser devolvido após a dispensa com a assinatura da pessoa que ficou responsável pelo aluno durante o final de semana (vide documento 7).

#### A disciplina

A disciplina no CMB é imposta através do regime disciplinar chamado de R-69. Este regulamento dos colégios militares trata assuntos como: 1- As finalidades e organização dos colégios militares; 2- Das atribuições do Comandante e dos chefes da Divisão

de Ensino, Corpo de Alunos, Seção Administrativa e do Comandante do Contingente; 3- Dos Cursos de primeiro e segundo grau ministrados no colégio; 4- Da inclusão e da exclusão: vagas, seleção, matrícula, desligamento, contribuições dos alunos e transferências; 5- Do regime escolar; 6- Do corpo docente e discente.

Cabe, aqui, fazer alguns comentários sobre o regulamento no que diz respeito ao corpo discente. Primeiramente, fala da situação hierarárquica dos alunos. Entre os alunos existem as graduações como formas de ascensão que premiam o seu comportamento.

Logo em seguida, se encontram os deveres e direitos dos alunos. As "recompensas" concedidas aos alunos formam parte desse conjunto complexo de deveres e direitos que formam a disciplina no CMB. As recompensas, como elogios perante a turma ou em formatura, no boletim interno, promoções aos postos e graduações da hierarquia, inscrição na Legião de Honra (27) são os estímulos aplicados aos alunos que têm comportamento exemplar. Mas, no sentido contrário, quando o aluno não se encaixa dentro dos padrões disciplinares do colégio, a recompensa se transforma em castigo perante a turma (exemplo disso o episódio ocorrido no

---

27 A Legião de Honra é o mecanismo usado pela equipe dirigente do CMB a fim de incentivar os alunos do CMB "ao cultivo e à prática de sadios princípios de Honestidade, Responsabilidade e Disciplina Consciente, na qual ingressarão todos os alunos que forem julgados aptos por conduta exemplar" (Guia do Aluno, - 1988:3.2) (vide documento 8).

CNRJ, descrito anteriormente) e a exclusão do quadro de prêmios. O certo é que prevalece a idéia de tornar desejável entre os estudantes aquilo que é obrigatório e são os diretores os principais agentes incitadores desses mecanismos de controle.

Por último está o regime disciplinar e seus principais fundamentos. As faltas disciplinares são classificadas segundo sejam leves, médias, graves e eliminatórias. Faltas disciplinares que tornem o aluno incompatível com o bom nome do Colégio e a dignidade do Corpo Discente são consideradas faltas eliminatórias e levam à exclusão. O homossexualismo, drogadição, falta de respeito às autoridades, constituem as faltas eliminatórias mais frequentes dentro do CMB.

Existem grupos de controladores e grupos de controlados. Entre os alunos existe a figura de "chefe de turma" e "aluno de dia". De fato, são estes alunos que devido a suas posições hierárquicas perante a turma, situam-se também ao lado dos controladores, quer dizer, essas categorias de aluno existem como figuras controladoras dentro do próprio grupo a serviço do grupo dominante. Certamente, a figura do monitor, localizada dentro do grupo dos controladores, é também um indivíduo controlado pelo olhar do comando. Todos menos o Comandante no CMB, estão subordinados a um superior em grau, aluno ou oficial.

O horário de aulas é outro dos mecanismos de controle no CMB. O horário é uma das coisas mais rígidas do CMB. No fundo não é mais do que um tempo disciplinar, do qual cada aluno faz parte:

"Tem horário para tudo, a disciplina ela é muito rígida. Exigem, bastante, a maioria dos alunos que estão aqui pertencem a família militar e já vão acostumando com isso. E disciplina militar... Sapato limpo, cinto pulido, cabelo cortado. Os alunos internos são bem unidos, tem uma certa dificuldade de aluno externo entender que a gente convive aqui, então acho que eles cobram, aqui para gente é bem mais rígido. Eles não têm tanta disciplina".

As instituições de ensino militar repousam sobre a disciplina, pois usam um conjunto de mecanismos perfeitamente identificáveis (basta dar uma olhada nos seus regulamentos) destinados ao controle dos membros do grupo e são a garantia da manutenção do estabelecimento. O aluno se preocupa em cumprir as regras e os controladores se preocupam em fazer com que os alunos as cumpram. Igualmente importante é o isolamento no qual vivem os internos (afastados das famílias) que serve ao objetivo de discipliná-los e coesioná-los:

"A disciplina no internato é muito mais rígida para a gente, a gente acaba se acostumando. Desde o ano passado (1991) algumas coisas mudaram que eu não gostei muito, por exemplo, a gente tem que ir o domingo, almoçar de uniforme, domingo de tarde, domingo de noite. Acho que a liberdade, esse negócio de estar em casa, essa é a diferença".

Indivíduos submissos e obedientes entre os quais se fixam novos papéis que os uniformizam. São "barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade" (Turner, 1974:127). A educação e a doutrinação que oferecem os colégios militares são elementos essenciais neste processo.

A rigidez dos valores corporativos do Exército são assimilados com maior rapidez pelos internos. Isto é, pela vida de isolamento que facilita a exposição constante aos discursos dos grupos diretores. "A força de um discurso depende menos das suas propriedades intrínsecas do que da força mobilizadora que ele exerce" (Bourdieu, 1989:183):

"Bom, o aluno externo sofre a disciplina só de manhã. Ele vem de manhã às aulas e à tarde volta para casa. O interno não. Ele tem que estar de manhã, tarde e à noite e ainda tem que ficar certo o dia inteiro. Não pode fazer nada errado. Tem punição. Tem pernoite. O Comandante disse que o internato é o espírito do CM, exige mais da gente. Sempre estão cobrando e a disciplina está sendo bem mais rigorosa com esse Comandante, mudou muito. O agrupamento deve ser o melhor".

No internato todas as atividades estão organizadas de acordo com hora e lugar certo ou como disse Foucault (1977:170) "A disciplina se torna uma técnica de base para que o Exército exista". E ainda afirma:

"esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído ... -isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar-".

Os alunos são distribuídos no espaço, num espaço que lhes permite aos controladores não só instruir mas também fiscalizar, vigiar e controlar. A educação militar termina por amarrar o aluno a uma cadeia hierárquica que o obriga a obedecer e a mandar. Essa instrução especial vai conformando a mente militar. As Forças Armadas através dos quartéis, os colégios militares e as academias conseguem planejar todos os movimentos dos alunos enquanto corpos dóceis.

O controle é o método através do qual se impõem as normas e as regras aos alunos do CMB. Os alunos, são nesse sentido, objetos de um projeto. O controle permite organizar a multiplicidade com a finalidade de obter respostas predizíveis e planejadas. Ainda Foucault agrega (1977:174) " a vigilância se apóia num sistema de registro permanente". No CMB, todo aluno tem nome e número de guerra, sua fotografia afixada no quadro da sala da sua companhia. Pode pertencer à Legião de Honra, ser Chefe de Turma, ser Aluno Graduado. Todas essas classificações são mecanismos de identificação e controle.

Os alunos entram na fábrica, o CMB, como matérias inertes, como aprendizes dentro de uma totalidade. São crianças e adolescentes, indivíduos permeáveis, a serem re-socializados. Num primeiro momento (no início das aulas) passam por um processo de individualização (pelos mecanismos de identificação de que falei logo acima), mas logo depois passam a ser, no caso do internato,

a "nona companhia de alunos do CME". É uma unidade que se encadeia ao todo, que se pretende reproduzir a estrutura.

### As punições

Para quem agir incorretamente, existem as punições. No art.78 do capítulo VI do regime disciplinar (R-69) as punições estão classificadas da seguinte maneira: punições de advertência; repreensão perante a turma seja em aula, durante instrução ou nas formaturas, que eu chamaria de punição pública; repreensão em boletim interno, ou punição privada; estudo obrigatório; detenção; retirada do colégio; e exclusão disciplinar (vide quadro 3). Tanto punições como recompensas procuram melhorar o comportamento só que em sentidos diferentes, quer dizer, toda punição tem seu equivalente em valor numérico classificando o comportamento do aluno. Quando um aluno recebe recompensa também recebe pontos só que, neste caso, são avaliações positivas. Vejamos como são cobradas as punições no internato e o significado que elas tem para um aluno entrevistado:

"O internato prepara o aluno para que seja oficial, um cadete né, lá o esquema é assim né, mas não estamos lá, aqui é uma preparação, então deveria ser de uma forma menos rígida".

Dentro do processo de resocialização, as punições facilitam à equipe dirigente o desempenho de suas tarefas. São parte da rotina dos quartéis, academias e colégios militares. Nos quar-

téis, por exemplo, as punições são sinônimo de violência (28). Muitas vezes essa violência é vista de maneira natural até pelos próprios soldados porque lhes foi introjetada a idéia de que a formação no Exército é dura e desumana. Certamente, nos colégios militares os mecanismos coercitivos são impostos buscando o comportamento desejado:

"Geralmente o sargento dá punição, pune assim, fim de semana detido (sexta, sábado e domingo), só fica aqui no internato. Às oito e meia da manhã tem que estar de uniforme lá embaixo, às tem uma chamada. Duas horas da tarde tem outra chamada, e oito e meia da noite tem outra chamada".

Os efeitos das punições são temporários. Procura corrigir o comportamento sem importar-se com o bem-estar do grupo. Daí a eficácia do processo de "mortificação do eu", das privações:

"A senhora sabe que o interno passa a semana toda preso aqui dentro, não pode sair, não vê a cara de ninguém lá fora, então o final de semana é a hora certa de dar uma saída, e se o cara fica detido, pronto, aí acaba com tudo".

Durante o exame que fizemos do processo de controle social e especialmente das punições em uma instituição total como o CMB, uma característica foi especialmente colocada: o grande controle que as equipes dirigentes exercem sobre a privação. Isso com o

---

28 Um sargento queimou o rosto de 108 soldados com gás lacrimogênio em abril de 1986 no acampamento de Sobradinho no D.F. Em 1987 o Conselho Especial de Justiça do Exército absolveu-o. Este caso é narrado pela mãe de uma das vítimas. Ver, Guedes (1990).

propósito de tornar eficaz o conjunto de dispositivos negativos (punições) dentro de organizações caracterizadas pelo fechamento.

### Normas e deveres

Outro aspecto que não se pode deixar de mencionar é o "dever". As instituições militares tendem a reproduzir o lema "ensinar a obedecer para aprender a mandar", ou nas palavras dos militares bem comanda quem bem obedece. Assim, normas e deveres são básicos na formação militar do corpo de alunos do CMB.

Quando se fala em regras, um interno opina:

"As normas e regras aqui são mais rígidas. Mas é dentro daquela preparação que eu te falei. O aluno quer seguir uma carreira militar então a base de uma carreira militar é a disciplina e a hierarquia, quem não estiver preparado para isso, na EspCEX, vai estranhar tudo, sentir mais".

Para outro aluno, as normas e os deveres no internato são:

"muito cobradas, aqui você realmente usa a disciplina militar... Aqui como se você tivesse constantemente com a farda no corpo... a vida que você leva lá fora, é diferente, você está em casa. Você tem seu pai, sua mãe. A comidinha aí, aqui não tem mão na cabeça".

A distinção entre a vida "dentro" e "fora" do internato marca a principal distinção entre o meio "civil" e o meio "militar". Castro (1993:230) aponta para isso quando afirma: "Um dos objetivos principais do intenso processo de socialização

profissional a que são submetidos os cadetes é a construção de fronteiras simbólicas entre o mundo 'de dentro' e o mundo 'de fora' entre militares e civis".

O indivíduo nestas instituições fechadas tende a elaborar respostas de caráter verbal que indicam, sem dúvida, uma resposta adequada à situação:

"As normas e deveres são as que eles têm (aluno externo) e mais um pouco. Um aluno do internato é correto e exemplar. Somos o espelho, não podemos quebrar esse espelho. Isso nos é cobrado".

As expressões verbais dos internos são o produto dos constantes "bombardeios" verbais e psicológicos da equipe dirigente. O indivíduo aceita como únicos e verdadeiros esses motivos. Não consegue rejeitá-los. Tudo acontece como se ele realmente estivesse sentindo essas palavras. As palavras do Comandante, enquanto estímulos verbais, são lembradas e transformadas em norma e dever.

Os professores do Colégio Militar de Brasília.

Os professores civis

Os professores estão localizados nas diferentes seções de ensino segundo a disciplina ministrada. Diferentemente dos professores militares, têm um regime de trabalho que não inclui a

parte da tarde. As duas professoras entrevistadas formam parte do grupo de professores pioneiros no CMB:

"aqui o aluno é levado às práticas militares. Tem toda uma estrutura militar. Mesmo que não seja um quartel em toda a sua forma, <sup>na</sup> realidade é. Inclusive segurança... não é todo mundo que entra e que em outros colégios não tem isso aí, típico de colégio militar".

Os professores civis são membros do grupo controlador, não obstante, são indivíduos verdadeiramente controlados, de certo modo tanto quanto os alunos. Os professores civis são veículos, dirigidos pelos militares, para garantir a manutenção do controle dos estudantes. O efetivo dos professores civis é maior do que dos militares, não obstante, são os professores civis uma "minoría" dentro do CMB. O domínio do CMB está evidentemente nas mãos dos militares (vide quadro 4). De acordo com uma das professoras:

"Nós temos que saber que nós somos civis dentro de um ambiente militar. Tem muitos militares que se impõem".

O CMB é uma unidade do Exército, antes de ser uma instituição escolar. Há supremacia dos militares. Os professores civis estão impedidos de questionar "as verdades", de discutir o que está estabelecido. Não é por outro motivo que uma professora disse: "O brilho de tantas estrelas impede que o militar exerça". O professor civil, embora dentro do CMB, é também um "paisano". Acreditamos que: "um grupo fechado preserva sua

identidade contra os membros de grupos abertos, protege-se contra as ameaças ao seu modo de vida, e renova o desejo de manter as normas de que depende o comportamento rotineiro necessário à sua vida social" (Bergson, citado por Turner, 1974:135).

Quando perguntada sobre a disciplina no CMB, uma das professoras acredita que:

"É uma disciplina um pouco imposta. Uma disciplina militar. Então, os alunos aceitam a disciplina imposta certo, com medo das fichas de ocorrência (29). A disciplina é uma coisa e a educação é outra. A disciplina é geralmente imposta. Aqui, a gente sabe que o aluno vai ser punido. Agora, a disciplina dos primeiros anos do CMB para cá, mudou muito, decaiu muito, decaiu o nível cognitivo dos alunos e decaiu também a parte disciplinar... A disciplina no colégio está terrível, agora você pode ver. A disciplina é imposta é uma questão que agora a gente não está conseguindo muito. Indisciplina existe em todo o que é colégio tá. E que aqui, por ter grande quantidade de alunos com todas as normas, eles querem que o aluno, do CMB, seja um aluno tremendamente disciplinado porque a disciplina é o forte dos militares".

O CMB, enquanto instituição militar, é considerado como uma organização que repousa sobre a hierarquia e a disciplina, por isso na opinião de um coronel:

"Nem todos cultivam a disciplina consciente, então nós ficamos parecendo diferentes, no final nós é que somos diferentes e os outros são os normais, os comuns".

---

29 Ficha de ocorrência (F.O) é o nome dado às fichas disciplinares nos CMBs (vide documento 9).

Esse pensamento no qual se diferencia o militar do "outro", leva consigo a formação de códigos de valores diferentes do "paisano". Quanto mais militar mais estranho aos civis:

"Olha, na verdade o aluno leva um pouquinho mais a sério o professor militar. O problema mais comum entre os alunos, aqui dentro do colégio, é a indisciplina. Eu vejo mais o lado da questão assim da indisciplina. É aquele aluno que, muitas vezes, não está preparado para enfrentar um colégio militar, isso os torna rebeldes em relação à disciplina. É assim que tenho percebido. Já houve casos que o aluno não gosta de estar aqui dentro. Antigamente, eu acho, que os alunos eram mais quietos, parece que tinham um respeito maior. Eu acho que a disciplina caiu um pouco".

Neste depoimento podemos perceber a queda da disciplina no CMB e a falta de interesse dos alunos, na maioria externos, por estudar num Colégio Militar. Esse "não respeitar as normas" do CMB é uma maneira de se revoltarem contra a instituição e até contra os pais. A excessiva valorização de seus rígidos códigos de conduta não criam sempre os resultados desejados.

Para finalizar, posso resumir apontando que os professores civis dentro dos colégios militares são vistos como um quadro complementar, necessário na medida em que o quadro de oficiais do Exército dedicado ao ensino é escasso, poucos pertencendo ao quadro permanente do Exército. Há contraste nítido pela diferença de formação, embora sejam elementos de um mesmo sistema. Nesse sentido, vejo que as relações entre professores civis e militares poderia ser harmoniosa se o ideal de alguns dos oficiais do CMB não fosse que a maioria dos funcionários da instituição fosse

militares. O segmento dos professores civis, ainda que com choques, reproduz nos alunos, os valores próprios da vida militar. Para os professores civis, o CMB é uma organização ocupacional, (no sentido de empregá-los) mais do que uma organização institucional.

### Os professores militares

Dentre os professores militares, foram escolhidos dois dos mais antigos do CMB. Ambos têm acompanhado as atividades do colégio durante os quatorze anos de fundação. Um Coronel ingressou no CMB em 1981 e atualmente sub-diretor de ensino, representando funcionalmente a segunda pessoa no colégio. Outro, também Coronel que está no CMB desde 1979, sendo portanto professor pioneiro, pertencente ao quadro permanente do Magistério do Exército. Através de seus depoimentos podemos conhecer suas opiniões sobre a disciplina, o internato e o CMB enquanto instituição militar.

### O primeiro Coronel afirma:

"O regime disciplinar resulta da nossa formação. Eles mesmos (os alunos) têm um regulamento disciplinar que é um regulamento, vamos dizer, para-militar. E mais ou menos parecido com nosso regulamento disciplinar mas ajustado a situação de menino... Tem que usar uniforme, tem que cortar cabelo, se a gente não cuidar, eles querem tudo ao modo deles, né. Então entra em choque, ah, entra mesmo, porque nós não podemos aceitar".

As manifestações do grupo de alunos podem parecer anárquicas à diretoria, portanto, precisam ser impedidas, proibidas. "O sujeito ritual seja ele individual o coletivo ... tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e 'estrutural', esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições" (Turner, 1974:117). Os alunos são um conjunto uniforme que se submete à autoridade da equipe diretora. A seguir, o primeiro Coronel continua se referindo ao aluno e à disciplina do CMB:

"O menino não entende assim, dessa maneira, para ele é um desastre ter que estar subordinado, falar em cumprir alguma coisa, ele não aceita isso por natureza... e muitos chegam a praticar atos até de indisciplina".

Na perspectiva dos militares o aluno deve esquecer quaisquer que tenham sido seus costumes, comportamentos e deveres lá fora. Defendem a tese do trabalho coordenado, detalhadamente controlado, de reprodução da hierarquia e disciplina. Os alunos são preparados para "enfrentar as novas responsabilidades e refreá-los de antemão, para não abusarem" (Turner, 1974:127). Não é por acaso, pois, que o Coronel manifesta preocupação pela indisciplina e, lembrando-se de tempos passados, comenta:

"Não foi sempre assim não. Houve tempo em que ser aluno de Colégio Militar, era uma tradição, respeitabilíssima, mas eles faziam por merecer essa situação"

As instituições militares são estabelecimentos fechados, enraizados no passado, nos seus estatutos, nos seus costumes, no seu prestígio. Os colégios militares não escapam disto. São depositários dessa rede de relações, valores, atitudes, e sentimentos. Um aluno ao explicar o relacionamento da sociedade civil com o Colégio Militar afirmou:

"Essa questão da farda, de sair fardado aqui, eu senti muita diferença de Fortaleza para cá. Em Fortaleza o Colégio é bem visto pela sociedade, entendeu? Ou seja é aquela história por exemplo, você entra no ônibus e todo mundo te olha, é aluno do CM... Aqui não, aqui você sai e o cara te grita: vai bombeiro".

Durante muito tempo a instituição militar tem alimentado o mito do prestígio que significa seguir a carreira das Armas, das vantagens que oferece (já não mais reconhecidos enquanto tais na sociedade civil). Castro (1993:230) chega a conclusões semelhantes quando se refere à interação entre militares e civis: "Durante os poucos períodos de férias e licenciamentos durante os quais os cadetes deixam a Academia, eles frequentemente são expostos à desconfiança, animosidade ou desprezo por parte de amplos setores da população civil. A maioria dos cadetes exprime com bastante clareza e desconforto a sensação de descompasso entre eles e os jovens civis".

Voltando à disciplina, nosso tema central, o segundo Coronel aponta que pelo fato de ser a maioria dos alunos filhos de militar, são alvo das mudanças e transferências dos pais. As

instituições militares se caracterizam pela rotação de seus efetivos e das funções de comando. Estes fatores também influem na disciplina no CME:

"Nós tratamos com crianças e com adolescentes... Essa disciplina chamada consciente reproduzida entre os alunos, ela tem um segmento muito importante porque há uma particularidade, a maioria de alunos do CM, são filhos de militares, então são crianças que desde pequenas estão acostumadas a ver o pai, a cumprir ordens, certo. A ser movimentados de uma guarnição para outra, transferidos de um lugar para outro, às vezes aborrecidos, inquietos, mas disciplinados, acatando as ordens das autoridades".

O aluno, filho de militar, está duplamente unido à disciplina militar: com o pai e com o colégio. Nasce e cresce integrado numa família de formação militar onde a disciplina é processada e assimilada.

Os valores da instituição são reforçados dentro de casa, assim todos os ensinamentos militares passam da caserna ao cotidiano da família. A vida do militar se desenvolve em poucos espaços, isto é, está restringida, por causa do isolamento, à caserna ou, como notou (Castro, 1993:230), "a profissão militar é caracterizada pela concentração de muitas esferas da vida dos indivíduos num mesmo círculo de relações sociais: vilas militares, clubes militares, colégios militares...". E acrescenta a isso "o fato de que os oficiais do Exército são cada vez em maior quantidade oriundos de famílias militares e educados desde muito jovens em escolas militares". Os setores militares são círculos fechados, separando-se a cada dia dos civis.

A família é fator primordial de socialização do militar. Essa socialização passa necessariamente pela separação do mundo militar do mundo civil. Alimenta-se da mística da superioridade do militar e da visão ideal de que o autorecrutamento dentro da família cria militares sem contágio com pensamentos de civis, sem a menor possibilidade de conflito ou divergência. Essa continuidade transgeracional é, a meu ver, um dos principais elementos da reprodução da disciplina.

#### A figura do monitor

O controle sobre os alunos é exercido de uma forma geral, ampla, pelo Corpo de Alunos. O Corpo de Alunos é uma dependência do CM, comandada por um oficial graduado (tenente-coronel) e com tantas companhias de alunos quantas são as séries. São sete séries, quatro do primeiro grau, três do segundo. Nessas companhias é que a ação disciplinar é mais efetiva. O comandante de companhia e seus monitores são as pessoas encarregadas de fazer cumprir as normas disciplinares no CM.

O efetivo de monitores no Exército, particularmente nos CMs, é muito reduzido, assim por exemplo, para uma companhia de quatrocentos e poucos alunos, o comandante só dispõe de dois monitores e às vezes trabalha apenas com um monitor. O monitor do CM tem a mesma função que o monitor inspetor de alunos nos colégio civis, chamado de bedel. Na opinião de um aluno o monitor é:

"A pessoa mais perto que a gente tem, em vez de ter que ir lá e falar com o comandante, quando a gente tiver alguma reclamação e alguma dúvida ajuda muito a gente, o sargento "X", por exemplo. Acho ele muito legal com a gente. No momento de dar uma punição é muito rígido. Tem que ser também".

O monitor é o mediador entre os internos e o comandante. A condição de monitor se move em dois níveis. No primeiro, é avaliador, pune ou premia. No segundo, está submetido à autoridade do comando, sendo diferenciado dos oficiais. Não obstante, são mutuamente indispensáveis. O sargento também representa a autoridade perante os alunos, embora ocupe uma das posições mais baixas dentro do quadro hierárquico do Exército Brasileiro. São encarregados da instrução e os oficiais são os receptores dos elogios: "Fundamentalmente, a função do membro intermediário é instruir e disciplinar o terceiro membro quanto às formas de comportamento que deve adotar em seus contatos com o primeiro". (Goffman, 1974:102 citando a Gregory Bateson).

A análise das "instituições totais" feita por Goffman, apresenta lacunas a respeito dos grupos intermediários, sendo o autor o primeiro a admiti-lo. O estudo se restringe a dois extremos: a equipe dirigente e os internos. Papéis intermediários com funções mais especializadas foram excluídos. O monitor, por exemplo, passa a maior parte do tempo em contato direto com os internos, diferentemente dos oficiais, transmitindo os valores da instituição. Percebendo tal situação, Goffman (1974:100) admite que uma das características desse segmento:

"é que tende a ser formado por empregados a longo prazo e, portanto, transmissores de tradição, enquanto que o pessoal de nível mais elevado, e mesmo os internos, podem apresentar elevado índice de mudança" (e além disso) "é este grupo que precisa apresentar, pessoalmente, as exigências da instituição aos internados"

O depoimento a seguir é um exemplo onde se combina a divisão das funções entre a equipe dirigente com a questão da introjeção da disciplina:

"O monitor tem a função de passar a disciplina para a gente. Ele é o responsável pelo internato, ele é duro quando tem que ser duro... temos contato direto, nós com ele e ele com o comando".

Além disso, o monitor se mostra como líder, nesse sentido é capaz de incentivar seus comandados mais desinteressados e cativar os mais vacilantes:

"Monitor é aquela pessoa que vai ser orientador, ele vai ter que saber exigir o respeito na hora certa, e vai ter que ser amigo... Aqui no internato, ele vai ter que conhecer melhor os alunos, entender os alunos, as necessidades, as preocupações né, os objetivos de cada um, ajudá-los se for preciso. Tem gente que às vezes fica com saudade, está chorando, mas ele tem que motivar e distrair um pouco. Eu acho que existem três pontos de vista, um de quem está em cima como monitor, um de quem é aluno e um de quem está de fora que observa".

Devemos lembrar também que o monitor se apresenta como uma figura cheia de atributos paternos. Essa sutil atitude possibilita a aproximação e reforça os laços com os alunos:

"Acho que monitor mistura pai com militar. E o negócio né. Ele como chefe está comandando, está responsável por 49 alunos que não são filhos dele. Então acho que ele tem mais do que o direito de dizer do jeito que ele é. O sargento é militar e pai, orienta a gente. Tem horas que ele orienta como se fosse pai mesmo e o militar que a senhora sabe como é que é o militar né, aquele negócio sempre ali ó, tudo certinho, não pode ter nada diferente de aquilo, é tudo direitinho".

Diz ainda outro aluno:

"Eles não são aqueles caras só para punir. Que não querem saber de papo. O negócio deles não é só punir, tem que ter diálogo, entendeu?. Inclusive até eu acho que seja um dos motivos da disciplina ser melhor. A função do monitor não é só punir, ele orienta mesmo que tenha que pegar no pé, ele pega, aconselha, orienta"

Parece característico das instituições totais, a existência de laços afetivos que unem o indivíduo à figura do chefe e ao resto dos integrantes do grupo. Aqui gostaria de considerar a comparação entre a Igreja e o Exército feita por Freud, (1967: 1139, 1140) enquanto instituições que preservam suas tradições, rejeitam mudanças e inculcam nos seus membros sentimentos que criam fortes laços:

"No laço que une a cada indivíduo com Cristo temos que ver indiscutivelmente a causa do que une os indivíduos entre se. Analogamente acontece no Exército. O chefe é o pai que ama por igual a todos os seus soldados, razão pela qual estes são camaradas. Desde o ponto de vista da estrutura, o Exército se distingue da Igreja no fato de estar composta de uma hierarquia de massas da seguinte ordem: cada capitão é o general em chefe e o pai de sua Companhia, e cada suboficial, da sua seção" (*idem*).

Tais relações existem apenas porque, facilitam a tarefa de disciplinar. Os alunos sentem, ainda que ilusoriamente, que embora o monitor seja militar, ele é também pai.

## 5. "MAIS UMA BRINCADEIRA"

### "A Bicharada"

Entre os eventos mais importantes do CMB, todo ano, está a aula inaugural que, com caráter de solenidade, recebe a "Bicharada" (30). A "Bicharada" está formada pelo conjunto de alunos novos, a maioria alunos da quinta série. Eles se diferenciam do resto porque ainda não vestem a farda dos alunos do CMB. Cumprem primeiro um período de adaptação, que culmina com o "batizado".

O "batizado" consiste na recepção dos novos alunos (um mês após de iniciadas as aulas). Esta cerimônia inicia-se com a entrada no pátio central do CMB, dos novos alunos que usam pela primeira vez o uniforme ou farda militar e chega no ponto máximo quando os padrinhos e madrinhas (pais e mães geralmente) são convidados a fazer entrega da boina aos seus afilhados. Tudo isto dentro de um ambiente pátrio com o hasteamento da bandeira, toque do hino nacional, canção do CMB e desfile do grupamento

---

30 Na solenidade de início das aulas há um acontecimento que marca a passagem do mundo de fora para o mundo dos militares. Estou me referindo à entrada simbólica pelo portão dos alunos novos. Nessa passagem os novos são recebidos e guiados pelo coronel aluno e apresentados ao Comandante do CMB. A cerimônia finaliza com as palavras do Comandante e o juramento de compromisso feito pelos alunos. A partir desse momento o aluno se envolve na instituição e começa a internalização de certos valores, pontos de vista e condutas. Estamos diante de "um conjunto de dispositivos evocadores para despertar, canalizar e domesticar" (Turner, 1974:60). É uma cerimônia de iniciação que separa o interno do resto da sociedade, apartando-o da família, no entanto dentro de um ambiente de festividade.

escolar. Na verdade, esta solenidade do batizado revela-se como o momento, escolhido pelo comando, para expor à comunidade o conjunto de seus valores e apresentar-se através do ritual como uma unidade harmônica.

A partir desse momento o aluno recebe já fardado, a boina que o faz integrante do corpo de alunos do CMB. No entanto, continuam a ser a bicharada durante um ano, alvo de brincadeiras por parte dos alunos veteranos. Vejamos como a experiência de ser bicho e levar trote é definida pelos alunos:

"Bicho é garoto que vem para cá. A gente tem as olimpíadas, pega um monte de bichos assim, aí manda fazer um negócio bem louco, tipo assim, colocar as mãos na cabeça e ficar pulando até o alojamento para ver quem chega primeiro... Dá a maior bronca no sargento, mas não tem jeito".

O processo através do qual o bicho no internato se "despede" da vida civil e passa à vida militar é um "rito de passagem" definido como o grupo de "seqüências cerimoniais que acompanham a passagem de uma situação a outra, e de um mundo (cósmico ou social) a outro" (Gennep, 1978:31). Entre os internos os vínculos sociais prévios são quebrados. O convívio com familiares e amigos é substituído por novos padrões. Sob o impacto da transição, o bicho é um ser desprovido de vontade própria que finalmente introjeta a disciplina e a hierarquia militar.

Agora o que é bicho?. Quando procurarmos no dicionário, vários são os significados. Na denominação comum, se entende bicho como animal terrestre. Bicho também é sinônimo de pessoa intratável e rude. Bicho é a maneira pejorativa de se chamar o aluno calouro nas instituições militares. Bicho é o apelido pelo qual será chamado o novo aluno dentro do Colégio Militar (vide documento 10). Segundo Goffman (1974:27) as formas de iniciação nas instituições totais, chamadas de 'boas-vindas', são o momento onde:

"a equipe dirigente ou os internados, ou os dois grupos, procuram dar ao novato uma noção clara de sua situação... pode ser chamado por um termo como 'peixe' ou 'calouro', que lhe diz que é apenas um internado e mais ainda, que tem uma posição baixa mesmo nesse grupo baixo".

Desde as duas últimas décadas do século XIX já era conhecido, entre os alunos da Escola Militar, o trote e o tratamento de "bicho". Em torno disso surgiram as "Assembléias Bichais" e o "Código dos Bichos" (Castro, 1990:120 citando Viana):

"para que esses animais, essa cáfila de imundos, que anualmente invadem o sagrado "Tabernáculo da Ciência" saibam quais os seus deveres para com os augustos senhores veteranos, seus naturais e legítimos superiores hierárquicos e conheçam seus hipotéticos direitos ante a egrégia comunidade".

Bicho não é gente, portanto, tem que aprender a ser gente. Os veteranos são os encarregados de lhes ensinar a ser gente e lhes recordar sua posição de inferioridade e respeito para com aquele que lhe mostra as diferenças. Daí que no "Código dos Bichos" ficasse muito claro:

1. Todo Bicho tem direito a não ter direito a coisa alguma.
2. Bicho, animal, imundo, são expressões sinônimas.
3. O Bicho não pensa, não raciocina, age por instinto; não vive, vegeta, é burro por índole.
4. O Bicho só tem deveres a cumprir, para com seus ilustres veteranos.
5. Seus hipotéticos direitos resumem-se em: a) queixar-se moderada e humildemente quando se sentir ofendido, magoado; b) fumar bem escondido; c) dormir sob a ação anestésica de um trotista cacete, assentado ad eternum em sua cama, contando-lhe historietas; d) tomar assento à mesa para fazer as refeições, reduzida a ração, suprimida a sobremesa, eliminados o açúcar do café e manteiga do pão, etc." (Castro, 1990:120-121 citando Monteiro e Viana)

O bicho deve cumprir com esses compromissos ou obrigações percebidos como funcionais para a coesão, solidariedade e disciplina do grupo. A condição de "neófito" como chamada por Turner (1974) se deve ao fato de serem modelados e capacitados para enfrentar sua nova posição perante o resto de alunos. A réplica, o questionamento não tem espaço nesse momento. Na passagem de "neófito" para "veterano" o aluno é preparado para a disciplina militar.

O bicho é "uma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo 'status'" (Turner, 1974:127). Todos os castigos, humilhações, proibições de que é alvo o bicho são parte de seu passo a uma nova condição, a um novo "status". Passa de bicho a pessoa. De uma condição social caracterizada pela marginalidade e inferioridade a uma condição de superioridade, de conhecimento.

Esse "status" se define em função do conjunto de deveres e direitos que condicionam a interação do bicho com o veterano. Nenhum aluno novo é imune a esse fenômeno de degradação e ascensão:

"Tem o batismo da bicharada como contar piada para árvore, corte de sobrancelha. Levei mas também passei".

A passagem de "bicho" para "novato" entre os alunos dos colégios militares é uma maneira de prepará-los para a disciplina. Observa-se assim também que a categoria "Bicho" é nitidamente intermediária e temporária, supondo um período de aprendizagem das regras pelos internos do CMB.

### "Levei Malha"

O trote é tradição entre as instituições militares. É curioso observar como esta tradição, manifesta através de brincadeiras, ainda que punida é permitida sob pretexto de unir e integrar o aluno do CMB ao Corpo de Alunos. Chegase a considerar o trote como uma "instituição salutar" (Guia do Aluno, 1988:3.9).

A expressão "leve malha", é comumente escutada pelos alunos que já foram bichos. Levar malha é o trote mais usado no CMB:

"Aqui no internato bicho tem que levar malha. O trote é mais uma brincadeira. Acho que é uma rotina do internato, com isso aí a gente fica mais amigo".

Outro aluno se expressa assim:

"O trote no internato é, tipo assim, como uma tradição dentro das instituições militares. O que acontece aqui no internato é que o pessoal quer manter essa tradição do trote. Eu acho até válido porque quem criou o trote na instituição militar até que foi um pouco inteligente porque o objetivo do trote é você unir as pessoas através de uma brincadeira ... só que o pessoal confunde um pouco, não observa esse detalhe então ele acha que tem que sacanear com o cara lá e então pega o rapaz pendura prá lá, dá malha de travesseiro. Quem sofre com isso é o bicho aquele que entra né. Você tem uma hierarquia dentro dos alunos, o mais antigo ele manda. Mas o aluno que está aqui no primeiro ano no internato, ele leva trote, toma malha. Tem chá de manta (dá um nó na manta e sai batendo na pessoa). Eu quando entrei aqui não tomei trote, quer dizer, eu tomei aquele trote assim, a gente recebeu a boina fizeram o corredor e todo mundo tem que passar e você passa correndo. Se me viraram da cama foi uma vez só. O bicho é cobaia muitas vezes, o protótipo que vai na frente prá ver se funciona. Tem suas vantagens também né, às vezes você quebra uma regra e disse: Ah, eu não sabia eu sou bicho"

De acordo com este depoimento, o bicho pode fazer uso da sua identidade para se defender, para tirar vantagem da sua condição manipulando, se for preciso, sua identidade (31). Assim, ser bicho às vezes convém.

---

31 Cardoso de Oliveira (1976:36) afirma: "Quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação de nós diante dos outros, jamais se afirmando isoladamente" (sublinhado no original). De fato, as instituições militares estão isoladas da sociedade civil limitando-se na interação entre seu efetivo e a população civil, isto apoiado no estabelecimento de novos papéis, assim o internato acaba afastando e isolando os estudantes das idéias pregadas no mundo de fora. A identidade deste grupo em particular é entendida como a maneira deles se representarem, como eles se relacionam, de seu convívio e comportamento com o "outro", da maneira como eles se dizem e sentem diferentes do resto da sociedade. Veja-se também George E. Marcus (1990).

O trote também é visto como uma grave falta disciplinar que pode ser severamente punida com conseqüências tão fortes como a exclusão do aluno do CMB. Não obstante, todo aluno novo passa pelo ritual de adaptação ao novo ambiente, entra em contato com a disciplina militar, com um ensino exigente, rigidez de horários, uso correto do uniforme, boa apresentação pessoal, com uma identificação numérica, etc. O tratamento de "bicho", não há dúvida, é uma forma de introduzir a hierarquia entre os alunos.

Entre as histórias que se falam sobre bichos, veteranos e trote, houve casos sérios de brincadeiras que acabaram com a morte do bicho, como comenta Cidade, (1961:115):

"O trote era uma situação de fato, que durava nada menos de três meses. Brincadeiras de mau gosto e até brutalidades, espancamentos. Alguns alunos da Escola Preparatória e de Tática de Rio Fardo foram punidos e desligados em 1902, por terem arrebatado as mãos de um bicho a palmatoadas. O bicho em princípio só tinha direito a não ter direito a coisa alguma... A tradição era tão enraizada que o bicho a serviço de um veterano se tornava um serviçal dele... As cerimônias eram caracterizadas por uma sessão pseudo-solene, verdadeira festa carnavalesca, aliás precedida por um trote geral, em que não raro predomina a brutalidade... Os veteranos, munidos de toalhas molhadas, torcidas para se tornarem verdadeiros látigos, formam em duas fileiras, que se postam uma de frente para a outra, separadas por estreito corredor, através do qual devem desfilar, numa carreira infernal, os pobres bichos, que começam a ser fustigados desde que penetram ali. Chama-se a isso de 'desinfecta'".

Castro (1990), por exemplo, que trabalha com os depoimentos dos cadetes da AMAN. No que diz respeito ao trote, afirma: "Na

Academia, o trote marca a passagem da condição de bicho à de cadete, e estamos diante de um rito de 'elevação de status' (Turner, 1974:202); o bicho será um dia aspirante. Isto sempre está claro para o bicho: se ele hoje aceita o trote é porque amanhã estará numa posição em que poderá dar trotes. O trote humilha aquele que aspira a um status superior e lhe ensina que, antes de subir, é preciso descer à posição mais baixa. O trote contribui também para desacreditar qualquer auto-estima que o bicho tenha em função de sua vida pregressa e que queria trazer para a vida militar. Reduzidos simbolicamente a um estado pré-humano (de 'bichos'), os novatos só reencontrarão sua dignidade se estiverem de acordo com as exigências da nova situação de vida a que aspiram" (1990:30,31).

O trote não é simplesmente humilhação, também tem a propriedade de unir e aproximar os alunos:

"No oitenta e nove quando eu cheguei aqui, eu te falei, muita gente veio comigo né, a maioria era bicho, bicho entre aspas porque a maioria era antigo. Tinha trote que era assim de brincadeira, era guerra de alojamentos, de bater com travesseiro, passar pasta de dente no outro. É brincadeira normal. Não machuca nem ofende".

O fenômeno do trote permite criar fortes laços de amizade e solidariedade entre os alunos do colégio, além do sutil enquadramento, através da brincadeira, nos comportamentos desejados pela instituição (obediência, humildade, submissão, etc.).

Bicho é analfabeto e antigamente devia chamar o veterano de augustíssimo. Cidade (1961:104) ilustra isso com um diálogo entre um bicho e um veterano:

"Precisa acostumar-se a isto. Um de nós, por mais íntimo que seja de um general, é sempre obrigado, por força do regulamento, a chamá-lo de Excelência. Assim, não posso admitir gafes dessa natureza, por parte do meu secretário. Espere o 13 de maio e estará libertado...".

O título de Augustíssimo ou Excelência lhe permitia pedir coisas tão extravagantes aos bichos como medir o pavimento com um palito de fósforo. Muitos destes incidentes narrados por Cidade (1961:101) eram também pensados e entendidos como brincadeiras que deviam ser vistas com bom humor, já que os bichos precisavam respeitar o espírito jovial e esportivo que dominava nos cadetes. Além disso, quem são os veteranos? São os primeiros e melhor informados do internato que, sob o benefício da antiguidade, podem fornecer as informações aos novos que acabam aceitando o trote:

"O, eu já fui bicho, tive sorte só tomei uma malha de travesseiro. Cai no chão, doeu, mas é brincadeira. Eu acho que o ser humano tem que se adaptar ao meio. Se ele entrou aqui ele sabe que tem esse negócio de bicho. Acho que tem que se conformar, não é ruim ser bicho. Bicho é aluno novo, se for um bicho gente ruim, como a gente fala, que não aceite brincadeira está frito. Não pega amizade com o pessoal, as pessoas gelam ele... Já tomei malha. Aqui no internato já teve a famosa NASA. Você põe o aluno dentro do armário, dá bagunçadas por um minuto e deixa ele sair. O bicho é um cara novato e se não aceitar a brincadeira não vai gostar do CMB, tem que se enturmar. Trote acaba dando união".

Muitos destes exemplos mostram o trote como formador do grupo. O Trote tem a faculdade de unir os alunos. Nos depoimentos examinados neste capítulo uma característica foi especialmente examinada: a importância que categorias como bicho e exercícios como o trote, têm para o processo de reprodução do grupo. No internato do CMB, ser bicho e levar trote legitimam o indivíduo ante a turma, prepara para a vida militar e para, mais adiante, formar parte das equipes dirigentes. O trote embora pretensamente proibido, treina o interno na disciplina militar.

O trote, um ato rotineiro dentro das instituições militares, se transforma num ato ritual, num cerimonial que fala da enorme riqueza simbólica dos "ritos de passagem", do mundo dos paisanos para o mundo dos militares. Marca a vida dos estudantes durante o período de iniciação. Todo aluno novo passa por um período especial de adaptação, de vivência com o trote. É o ponto de partida de sua circunscrição dentro do padrão do CMB que lhe marca e revela como o novo filho da pátria e espelho do colégio.

6. CONCLUSÃO: OS INTERNOS: FILHOS DA PÁTRIA E ESPELHOS DO  
 COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA?

Há certamente um vácuo no que diz respeito a pesquisas <sup>características físicas</sup> antropológicas sobre militares e ainda mais sobre colégios militares. Sem dúvida que as contribuições nesse sentido feitas pela sociologia, psicologia, política e história, por exemplo, ajudam a melhor compreender a ideologia militar, a conhecer e aprofundar questões sobre a disciplina, a hierarquia e o controle. Não obstante, as instituições militares, como as religiosas, são muito mencionadas mas relativamente pouco conhecidas. Daí que trabalhos de caráter antropológico, etnografias feitas em locus sejam valiosos.

A reflexão sobre a disciplina militar e a maneira como ela se reproduz no Colégio Militar de Brasília foi o eixo central desta pesquisa. Tive a oportunidade de observar de perto esse fenômeno dentro do internato do CMB.

O internato é um mundo aparte do resto do CMB. Um aluno em regime de internato se move em mundos e espaços altamente diferentes nos quais se desenvolve o aluno externo. Os comportamentos, as normas e deveres dos alunos internos são outros. Dentro do internato se percebe o interesse por continuar na carreira militar. A maneira como se expressam os alunos do segundo grau, no internato, quando interrogados sobre o seu

interesse por continuar na carreira militar e partir para Campinas para continuar seus estudos na Escola Preparatória de Cadetes, não deixa margem de dúvida.

O CMB cumpre o seu principal objetivo: formar alunos para EsPCEx. Continuo a pensar que embora o CMB seja chamado de civico-militar, é uma instituição que cativa os seus alunos internos para continuarem na carreira das armas. O CMB, como estabelecimento militar, destina-se a reproduzir em curto prazo os militares no Brasil, transformando os internos nos "filhos da Pátria".

Um outro aspecto importante, foi perceber que as mudanças de comando, ocorridas a cada dois anos, tem relação íntima com a maneira como se desenvolve a disciplina no CMB. Com cada novo Comandante, há novos interesses. De fato, não existe critério único nos comandos. Já houve comandos que centraram seus esforços nas áreas administrativa e/ou docente. O Corpo de Alunos, especialmente, o internato e a disciplina militar são os interesses do atual comandante do CMB. Compreende-se porque o internato seja chamado de espelho do CMB.

O projeto do CMB aparece como resposta à necessidade de se construir um estabelecimento de ensino militar no Distrito Federal. Foi a solução para os oficiais transferidos para a região centro-oeste. Possui características que o convertem no

maior colégio militar do país. É um megaprojeto situado na capital do país, com capacidade para um número maior de alunos. Fato que faz o CMB diferente dos outros colégios militares, com uma disciplina, características e valores próprios.

Contudo, a eficácia no controle de um universo tão grande de alunos, se coloca face a um novo fenômeno, a falta de pessoal para dar conta da disciplina. O número de monitores no CMB é muito baixo com relação ao de alunos. Talvez seja um dos motivos pelo qual a disciplina alegadamente caiu nos últimos anos. A falta de controle tem provocado atos de indisciplina nos alunos do CMB. Ocorre-me pensar que pelo fato de ter a maioria dos alunos internos a convicção de continuar na carreira militar, os casos de indisciplina dentro do internato sejam menores. Outra das razões da indisciplina dos alunos é a contínua transferência e rotatividade dos militares. Muitos dos alunos do CMB, não acabam o ano escolar. Os pais são transferidos. O aluno começa, então, em um outro colégio militar, criando certa instabilidade.

Uma contradição me foi revelada nas conversas com os alunos tanto internos quanto externos. Sabemos que uma grande porcentagem dos alunos do CMB são filhos de militares. Conhecem a vida militar mas, mesmo assim, há uma forte tendência à rejeição de tudo que tenha a ver com militares. De fato, convivem com a disciplina militar tanto no lar quanto no Colégio. Há um grupo de "revoltados", dependentes de militares, que não estão em condi-

ções de enfrentar o CMB. Isto, por sua vez, provoca transgressões disciplinares.

Normalmente os pais militares exigem que o filho esteja em um Colégio Militar. Alunos internos, em menor quantidade, e alunos externos, estão no CMB porque o pai quer, porque o pai impõe. Outra razão pesa na decisão dos pais (civis ou militares): o CMB é muito mais barato que os colégios civis.

Ao menos marcadamente entre os alunos do internato, é clara a vocação militar. Permanece, no entanto, um grupo de alunos sem vocação militar. Para eles, está direcionada a atenção do comando do CMB. Seja porque podem ser conduzidos à vida militar, seja porque representam o perigo na manutenção da disciplina no CMB. São aqueles para os quais a disciplina é imposta e não intencionam continuar na carreira militar.

Os depoimentos dos alunos internos mostram como a disciplina é tratada naturalmente, especialmente naqueles que reproduzem o pensamento do comando: "Filhos da Pátria, espelhos e espíritos do CMB". As noções de disciplina consciente, hierarquia, ordem, controle são pregadas pelos professores militares e assimiladas, segundo se percebeu, nas falas dos entrevistados.

A disciplina é introjetada e a visão de mundo muda ao se incorporar a nova disciplina no cotidiano do internato. Assis-

timos à formação de um ethos militar que se origina em uma clara relação entre a Pátria (mãe) e o estudante interno (filho).

Duas categorias mereceram especial atenção no capítulo 5. Ser bicho e levar trote é tradição nas instituições militares. São ritos que acabaram sendo assimilados pelas Forças Armadas, fazendo parte do senso comum de todo militar. Entre os alunos novos há um choque pela capacidade que têm de estranhar a disciplina militar, mas acabam introjetando-a e naturalizando-a. Assistimos à passagem de bicho a gente, da "natureza à cultura" através de um processo de re-socialização do aluno do CMB.

Minha análise da disciplina e do internato do CMB, levou-me a pensar na necessidade de aprofundar o estudo dos Colégios Militares como agentes reprodutores de uma ideologia. Neste sentido, a dissertação não esgotou o tema. Ainda fica muito por se dizer dos Filhos da Pátria.

## BIBLIOGRAFIA

- BANHA, Paulo da Motta. 1987. História do Estado-Maior das Forças Armadas. Brasília: Estado-Maior das Forças Armadas.
- BARRETO, Fanny de Cássia. 1992. Colégio Militar de Brasília: Administração de Materiais. Projeto Final de Estágio Supervisionado em Administração Pública. Depto de Administração. UnB.
- BOURDIEU, Pierre. 1974. A Economia das Trocas Simbólicas. Trad. Sergio Miceli et alii. São Paulo. Editora Perspectiva.
- , 1975. A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Trad. Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora.
- , 1989. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro. Difel.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1976. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira Edit.
- CARVALHO, José Murilo de. 1982. "Forças Armadas e Política, 1930-1945". In A Revolução de 30: Seminário Internacional, Vol. 54. Brasília, Editora Universidade de Brasília. pp. 107-187.
- CASTRO, Celso. 1990. O Espírito Militar: Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- , 1993. "A Origem Social dos Militares: Novos Dados para uma Antiga Discussão". In Novos Estudos CEBRAP. No. 37. São Paulo. pp. 225-231.
- CIDADE, F. de Paula. 1961. Cadetes e Alunos Militares através do Tempo. Rio de Janeiro. Edit. Biblioteca do Exército.
- COELHO, Edmundo Campos. 1976. Em Busca de Identidade: O Exército e a Política na Sociedade Brasileira. Coleção: Brasil Análise & Crítica. Rio de Janeiro. Forense Universitária.
- , 1985. "A Instituição Militar no Brasil: Um Ensaio Bibliográfico". In BiE. No.19. Rio de Janeiro. pp. 5-19.
- COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA. 1977. Memória sobre os Atos Relativos ao CME.
- , 1988. Guia do aluno. Ministério do Exército. DEP/DEPA.

- , 1988. Perfil do concludente do CMB. Ministério do Exército, DEP/DEPA. SOE/PSICO.
- , 1988. Regulamento dos Colégios Militares( R-69). Ministério do Exército.
- , 1990. Plano Geral de Ensino. Ministério do Exército, DEP/DEPA.
- , 1990. Segmento Feminino no CMB: Possíveis influências das meninas, atuando como elemento moderador, no nível geral de comportamento dos alunos. Ministério do Exército, DEP/DEPA. SOE/PSICO.
- , 1993. Estatística do Ensino. Ministério do Exército, DEP/DEPA.
- , 1979. Revista do Colégio Militar de Brasília. Ano I (1)
- , 1980. Revista do Colégio Militar de Brasília. Ano II (2)
- , 1981. Revista do Colégio Militar de Brasília. Ano III (3)
- , 1982. Revista do Colégio Militar de Brasília. Ano IV (4)
- , 1984. Revista do Colégio Militar de Brasília. Ano VI (6)
- , 1985. Revista do Colégio Militar de Brasília. s/n
- , 1986. Revista do Colégio Militar de Brasília. s/n
- , 1987. Revista do Colégio Militar de Brasília. s/n
- , 1990. Revista do Colégio Militar de Brasília. s/n
- , 1991. Revista do Colégio Militar de Brasília s/n

DA MATTA, Roberto. 1980. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

DOUGLAS, Mary. 1978. Simbolos Naturales: Exploraciones en Cosmología. Trad. Carmen Criado. Madrid, Alianza Editorial.

DUMONT, Louis. 1985. "Marcel Mauss: Uma Ciência em Devenir". In O individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro. Editora Rocco. pp. 179-199.

-----, 1992. Homo Hierarchicus: O Sistema das Castas e suas implicações. Trad. Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.

DURKHEIM, Emile. 1978. Emile Durkheim: Sociologia. Organizador da coletânea José Albertino Rodriguez. Trad. Laura Natal Rodrigues. São Paulo. Editora Ática.

FIGUEIREDO, Lima. 1945. Casernas e Escolas. Volume XCVI. Rio de Janeiro. Biblioteca Militar.

FOUCAULT, Michel. 1977. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis. Editora Vozes.

FREUD, Sigmund. 1967. "Psicologia de las Masas". In Obras Completas. Vol. I. Trad. Luiz López Ballesteros y de Torres. España. Editora Biblioteca Nueva Madrid. pp. 1127-1165.

GERTH, Hans & Wright Mills. 1973. Caráter e Estrutura Social: A Psicologia das Instituições Sociais. Trad. Zwinglio Dias. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

SOFFMAN, Erving. 1974. Manicômios, Prisões e Conventos. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo. Editora. Perspectiva.

GUEDES, Raimunda. 1990. Gás Lacrimogênio X Serviço Militar. Brasília. SIC.

GUIMARAES DA COSTA, Samuel. 1957. Formação Democrática do Exército Brasileiro: Pequena Tentativa de Interpretação Social. vol. 240. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército.

JANOWITZ, Morris. 1967. O Soldado Profissional: Estudo Social e Político. Trad. Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro. Edições GRD.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. 1985. Aos Fetichistas, Ordem e Progresso: Um Estudo do Campo Indigenista no seu Estado de Formação. Dissertação de mestrado. Museu Nacional, UFRJ.

-----, 1987. "Sobre Indigenismo, Autoritarismo, e Nacionalidade: Considerações sobre a Constituição do Discurso e da Prática da Proteção Fraternal no Brasil". In Sociedades Indígenas & Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro. Editora UFRJ.

- MAGALHAES, João Batista. 1945. Noções Militares Fundamentais. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército.
- , 1958. A Evolução Militar do Brasil (anotações para a história). Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1984. Os Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Trad. Anton F. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo. Abril Cultural.
- MARCUS, George. 1991. "Past, Present, and Emergent Identities: Requirements for Ethnographies of Late Twentieth Century Modernity Worldwide". Anais da XVII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia -ABA-, 8-11 de Abril de 1990. Imprensa Universitária da UFSC.
- MASLAND, John & Radway Lawrence I. 1957. Soldiers and Scholars: Military Education and National Policy. Princeton University Press.
- MAUSS, Marcel. 1968. "Notion de Technique du corps" In Sociologie et Anthropologie. Paris. Presses Universitaires de France.
- , 1972. Sociedad y Ciencias Sociales. Obras III. Trad. Juan Antonio Matesanz. Barcelona, Barral Editores.
- , 1981a. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos". In Ensaios de Sociologia. Trad. Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo. Editora Perspectiva. pp. 325-335.
- , 1981b. "Parentescos de Gracejos". In Ensaios de Sociologia. Trad. Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo. Editora Perspectiva. pp. 457-468.
- MIYAMOTO, Shiguenoli. 1989. "Diplomacia e militarismo: O Projeto Calha Norte e a Ocupação do Espaço Amazônico". In Revista Brasileira de Ciência Política. V.1(1). pp. 145-163.
- , 1990. "Amazonia, militares e fronteiras." In Antropologia e Indigenismo. No.1. Rio de Janeiro. Editora UFRJ.
- NADEL, S. F. 1952/53. "Social Control and Self-Regulation". In Social Forces. V. XXXI. pp. 265-273.
- OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. 1976. As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil(1964-1969). Coleção Sociologia Brasileira. Vol. 6. Petrópolis. Editora Vozes.

- , (et alii). 1987. As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro. Espaço e Tempo.
- O'NEILL, John. 1986. "The Disciplinary Society: From Weber to Foucault". The British Journal of Sociology. Vol. XXXVII. No. 1.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. 1990. "Projeto Calha Norte: Militares, Índios e Fronteiras". In Antropologia e Indigenismo. No.1. Rio de Janeiro. Editora UFRJ.
- PARSONS, Talcott. 1969. Sociedades: Perspectivas Evolutivas e Comparativas. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo. Livraria Pioneira Editora.
- , 1970. "Uma Visão Geral". In A Sociologia Americana: Perspectivas, Problemas, Métodos. Trad. Octavio Mendes Cajado. T. Parsons (org.) São Paulo. Editora Cultrix. pp. 366-383.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. 1973. Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis. Editora Vozes.8
- RAMOS, Alcida. 1991. "Amazônia: A Estratégia do Desperdício". Dados. Vol. 34(3):443-461.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. 1990. "Militares, Antropologia e Desenvolvimento". In Antropologia e Indigenismo. No.1. Rio de Janeiro. Editora UFRJ.
- , 1992. "Acampamento de Grande Projeto. Uma Forma de Imobilização da Força de Trabalho pela Moradia". In A Conquista da Cidade: Movimentos Populares em Brasília. A. Paviani (org.) Brasília. Editora Universidade de Brasília. pp. 25-53.
- SENA, Selma. 1984. " Durkheim e o Estudo das Representações In Anuário Antropológico/82. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. pp. 134-164.
- SILVA, Hélio. 1984. O Poder Militar. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. L & PM editores.
- SODRE, Nelson Werneck. 1979. A História Militar do Brasil. Retratos do Brasil. V.40. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- STEPAN, Alfred. 1975. Os Militares na Política: As Mudanças de Padrões na Vida Brasileira. Trad. Italo Tronca. Rio de Janeiro. Edição Brasileira: Artenova.

- , 1986. Os Militares: Da Abertura À Nova República. Trad. Adriana Lopez e Ana Luiza Amendola. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- TAVARES, Aurelio de Lyra. 1985. Nosso Exército: Essa Grande Escola. Rio de Janeiro. Editora Biblioteca do Exército.
- TURNER, Victor. 1974. O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis. Editora Vozes.
- VAN GENNEP, Arnold. 1978. Os Ritos de Passagem. Petrópolis. Editora Vozes.
- WEBER, Max. 1971. "O Significado da Disciplina". In Ensaios de Sociologia. Hans Gerth & C. Wright Mills. Rio de Janeiro. Zahar Editores. pp. 292-305.
- , 1977. Economía y Sociedad: Esbozo de Sociología Comprensiva. Vol. II. Trad. José Medina Echavarría et alii. México. Fondo de Cultura Económica.

Publicações militares:

- Revista Verde-Oliva. 1988. Ano XVI (122). p. 12,13.  
Revista Verde-Oliva. 1992. Ano XX (133). p. 14,15.

Publicações civis:

- CORREIO BRASILIENSE, 18/9/1993, p.4

A N E X O S

## Respostas à entrevista

1. A disciplina é um aspecto importante na vida militar. Sendo o CMB um estabelecimento de ensino do Exército, é lógico que a disciplina tenha alguma importância em sua vida. A disciplina é, entretanto, adaptada à faixa etária do aluno.
2. O Exército criou o primeiro Colégio Militar há mais de 100 anos, com a finalidade de prestar o ensino assistencial a filhos de militares mortos e feridos na Guerra do Paraguai. Com o tempo, os CM passaram a ter maior importância como ensino preparatório, sem perder a característica assistencial. Nada mais justo, pois, que houvesse um CM em Brasília, onde existe uma grande concentração de militares.
3. Pelo processo normal de nomeação de comandantes de Organizações Militares. Assessor do Departamento de Ensino e Pesquisa. O Militar é preparado para ter interesse em todas as áreas de interesse do Exército.
4. A principal diferença é que o CMB é um estabelecimento de ensino do Exército, que possui finalidades, tais como: ensino preparatório, ensino assistencial e relacionamento com a sociedade civil.
5. É aquela em que cada um conhece suas obrigações e as cumpre independentemente de fiscalização. É um ideal a ser conquistado.
6. Pelo convencimento, pelo exemplo e pelo desenvolvimento do espírito de corpo.
7. O controle é feito pelo R-69 - Regulamento dos Colégios Militares.

8. A vida no CMB é igual à vida em outros estabelecimentos de ensino do Exército. O dia no CMB é um dia normal, como em qualquer outro colégio mais os aspectos da administração militar.

9. Concurso de admissão - igual para todos  
amparado na legislação - filhos de militares do Exército  
Uficialidade ao caráter Excepcional - atende as necessidades de  
filhos de militares; primordialmente, e filhas  
de outras pessoas, quando possível.

10. Os alunos não são militares; seguem um regulamento  
próprio (R-69) e não estão enquadrados na hierarquia  
militar.

11. Apesar de alguns problemas em áreas específicas,  
é bom.

12. Em 1989. Não houve mudanças quanto a ordem  
e a disciplina. Foram bem aceitas. Se integraram  
com facilidade no colégio.

13. Não é lema do CMB. É um lema do Exército  
adotado inicialmente pela Brigada Paraquedista.

14. A revista não é atividade obrigatória. É financiada  
pela Associação de Pais e Mestres ou por doações  
de terceiros ou, ainda, pelos próprios alunos.  
Por não ser obrigatória, é normal que em certas  
ocasiões, particulares do EE ela não seja impressa.

15. O ensino.

DATA		REGISTRO DAS OCORRENCIAS
Mês	Dia	
		<p style="text-align: center;"><b>DADOS HISTÓRICOS PRELIMINARES</b></p> <p>- A Lei nº 2.874, de 19 Set 56, que criou a <b>COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL (NOVACAP)</b>, no seu Art 10, item II, estabeleceu que não serão incorporadas ao patrimônio da referida Companhia as áreas reservadas ao uso comum e ao uso especial da União Federal, dentro do novo Distrito Federal, pelo Plano Piloto de Brasília. (BE nº 38, de 22 Set 56).</p> <p>- Entre as áreas reservadas ao uso especial da União Federal, estava um terreno destinado ao então <b>MINISTÉRIO DA GUERRA</b> para a localização do <b>COLEGIO MILITAR</b> (235.167 m<sup>2</sup>), que, por um longo lapso, deixou de ser citado, em ressalva expressa, como excluído de entre as áreas que foram incorporadas ao patrimônio da NOVACAP pela Escritura Pública de 18 Fev 57.</p> <p>- Em 27 Jan 67, a NOVACAP reverteu ao Patrimônio da União, mediante Escritura Pública, lavrada no 29 Ofício de Brasília, para entrega ao então <b>MINISTÉRIO DA GUERRA</b>, a área destinada ao <b>COLEGIO MILITAR</b>, que fora, irregularmente, incorporada ao patrimônio daquela Companhia. De acordo com essa escritura, a NOVACAP "cede e transfere todo o direito e ação que ela vinha exercendo" ao <b>MINISTÉRIO DA GUERRA</b>, para que dela "passe a usar como sua, que sempre foi, livre e desembaraçada de qualquer ônus e ocupação". O <b>MINISTÉRIO DA GUERRA</b>, por sua vez, aceitou a referida escritura, reinvestindo-se no pleno domínio e posse da área a ele transferida, que ficou "sob sua responsabilidade e administração para que nela se instale o <b>COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA</b>".</p> <p>- Tal transferência foi registrada no Cartório do 19 Ofício de Registro de Imóveis de Brasília, 14 Mar 67.</p> <p>- Em 28 Ago 67, foi assinado, entre os representantes do Exército e do Procurador da Fazenda Nacional em GÓIAS, o <b>TERMO DE ENTREGA E RECEBIMENTO</b> de terras situadas no Plano Piloto de Brasília (Ave</p>

DATA		REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS
Mês	Dia	
		<p>nida W5 - Asa Norte), destinadas ao Ministério do Exército para construção do Colégio Militar.</p> <p>- No segundo semestre de 1970, o então Prefeito do Distrito Federal propôs a criação do COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA, tal como já previsto, arcando aquela Prefeitura com os encargos de construir as instalações e equipar o estabelecimento. Ouvido a respeito, o Estado-Maior do Exército opinou pela conveniência e oportunidade da criação do COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA, concordando com a sugestão do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) da constituição de Grupo de Trabalho para estudar o assunto e elaborar o projeto de convênio entre o Ministério do Exército e a Prefeitura do Distrito Federal (PO nº 008634/70 - Gab Min).</p> <p>- A Port Min nº 338/GB, de 11 Mar 71, constituiu esse Grupo de Trabalho, com representante do Comando Militar do Planalto e 11ª Região Militar, do Departamento de Engenharia e Comunicações e do Departamento de Ensino e Pesquisa, sob a orientação do Chefe deste último Departamento.</p> <p>- A Port Min nº 585/GB, de 25 Mai 71, designou então Cel E F Cnst EDUARDO HENRIQUE ELLERY para representante do Ministério do Exército, assinar o Convênio a ser celebrado com o Governo do Distrito Federal, para construção do COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA.</p> <p>- O convênio foi assinado em 17 Ago 71 e previa o início da construção ainda naquela ano e o seu término em 1973.</p> <p>- Após a assinatura do convênio, o Ministro do Exército aceitou o oferecimento do arquiteto Oscar Niemeyer para elaborar o projeto do Colégio Militar. Em fins de 1971, Niemeyer apresentou um ante-projeto que, modificado para atender restrições apresentadas por órgãos técnicos do Ministério do Exército foi aceito para execução.</p> <p>- Submetido esse anteprojeto ao Governador do Distrito Federal; este sugeriu que a execução da obra fosse parcelada, propondo, para 1ª fase, a ur-</p>

DATA		REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS
Mês	Dia	
		<p>banizadora da área e a infraestrutura e construção do conjunto ensino-laboratório, de forma a possibilitar o funcionamento do Colégio Militar em 1973, em regime de externato (Of nº 138 S/2, de 24 Jan 72 da DOM ao DEC).</p> <p>- Em 16 Fev 73, foi assinado um termo Aditivo reformulando o Convênio de 17 Ago 71, o qual definia as obras e o acompanhamento das mesmas, cabendo as infraestruturas ao Exército, e a construção dos prédios ao Governo do Distrito Federal.</p> <p>- Em 07 Mar 74, foi assinado novo Convênio com o Governo do Distrito Federal, pela qual a 1ª Fase das obras, orçada em 15 milhões de cruzeiros, ficaria a cargo daquele Governo e compreenderia, na parte executiva. 1) limpeza do terreno; 2) terraplanagem; 3) sondagens e medições; 4) construção do item 6 do anteprojeto; 5) construção das redes externas de água, esgoto, luz, telefone, águas pluviais e vias de acesso e estacionamento. Objetivava, outrossim, a capacidade de 1400 alunos, inicialmente, previstas, desde logo, condições para futuras ampliações que permitissem aumentar a capacidade para 2800 alunos.</p> <p>- Em 26 Abr 74, o DEP sugeriu o encaminhamento ao Presidente da República de proposta de decreto criando o COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA ( Of nº 20-SA/3, de 26 Abr 74.</p> <p>- Em 09 Out 74, através do EME, o Ministro informou ao DEP que a criação do CMB ficaria condicionado à entrega ao Ministério do Exército, pelo Governo do Distrito Federal, das instalações para o funcionamento do Colégio (Of nº 618 E 3.3, de 09 Out 74, do EME ao DEP).</p> <p>- Em 22 Nov 74, em relatório ao DEC, o Governo do Distrito Federal informou que, para a construção do prédio da Direção de Ensino, previsto na 1ª fase, dispunha de dez milhões quinhentos e noventa e oito mil e sessenta e quatro cruzeiros e quarenta e seis centavos e que a mesma estava avaliada em quarenta e quatro milhões, cento e quarenta e oito</p>

DATA		REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS
Mês	Dia	
		<p>mil cruzeiros, faltando portanto, trinta e quatro milhões de cruzeiros. Desta forma, com os quinze milhões de cruzeiros inicialmente previstos o GDF apenas pôde fazer a terraplanagem completa de toda a área e a construção das fundações do prédio da Direção de Ensino ( Of nº 1850/74-GAG, de 22 Nov 74), do GDF).</p> <p>- Em nota nº 10-SA-2.3, de 09 Fev 76, o Ministro do Exército determinou ao DEC que retornasse a construção do COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA, apresentando, inclusive, cronogramas de trabalho e desembolso que permitissem a conclusão da obra no prazo aproximado de 24 meses.</p> <p>- Cumprindo a determinação do Ministro, o DEC em Of nº 409-DEC/DOM-S/2, de 04 Mar 76, apresentou os cronogramas, pelos quais a 1ª fase estaria orçada pelo total corrigido de cento e sessenta e cinco milhões de cruzeiros, dos quais foram desembolsados, em 1976, vinte milhões e, previstos os desembolsos, em 1977, de cento e quatro milhões de cruzeiros e, em 1978, quarenta e hum milhões seiscentos mil cruzeiros, tudo com base no anteprojeto do arquiteto Hêlio Ferreira Pinto. Com a planta da obra, estimativa de custos e cronogramas, o DEC apresentou ainda uma minuta de convênios rescisório.</p> <p>- Em consequência, o Ministro do Exército, em Nota nº 20-SA-2.3, de 19 Abr 76, autorizou o Chefe do DEC a assinar, com o Governo do Distrito Federal, o distrato do Convênio para a construção do CMB, o que foi feito em 31 Mar 76.</p> <p style="text-align: center;"><b>Início da Implantação</b></p> <p>- A Diretoria do Ensino Preparatório e Assistencial ( DEPA ), em BI Nº 41, de 07 Abr 76, designou a Comissão de Implantação do COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA para num prazo de 180 dias, apresentar o seu trabalho final.</p> <p>- Referido Relatório foi remetido, pela DEPA ao DEP, com o Of Nº 193-SG1, de 29 Set 76, e deste ao Ministro do Exército, em 26 Out 76, com o Of</p>

DATA		REGISTRO DAS OCORRENCIAS
Mês	Dia	
		<p>nº 937-SA/2.1, contendo o planejamento de todas as medidas necessárias ao funcionamento do Colégio, inicialmente com 1400 alunos.</p> <p>- Em 08 Fev 77, o Ministro do Exército, em despacho com o presidente da República, deu-lhe ciência do andamento das medidas tomadas em relação ao COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA e de sua decisão em mandar prosseguir as obras previstas na 1ª fase, de sorte a terminá-las antes do fim do atual período de governo. O Presidente da República concordou com as providências determinadas pelo Ministro do Exército.</p> <p>- Nesta mesma data, o Ministro do Exército, acompanhado dos Generais Chefe do DEP, Chefe do DEC e Diretor de Obras Militares, além de Oficiais de seu Gabinete, visitou as obras do CMB.</p> <p>- Em nota nº 4, de 17 Fev 77, o Ministro do Exército determinou que o EME coordenasse os planejamentos a serem executados por cada Departamento e que, inclusive, tomasse as providências de sua alçada quanto à confecção dos Quadros de Organização e ao levantamento das necessidades de custeio para que o novo estabelecimento de ensino pudesse funcionar em fevereiro de 1979.</p> <p>- Na mesma data, o Ministro do Exército expediu Notas aos Departamentos e a Diretoria Geral de Economia e Finanças, determinando que os planejamentos setoriais fossem encaminhados ao EME até 30 Jun 77, para consolidação e apreciação final.</p> <p>- Em 22 Ago 77, com a MD nº 673-SA/1, o Vice-Chefe do DEP comunicou à DEPA que o Ministro do Exército decidiu que o CMB funcionará, em 1979, com 700 alunos, além de determinar outras providências.</p> <p>- Em consequência, o Chefe do DEP, em 19 Dez 77, aprovando estudo feito pela DEPA, determinou o funcionamento do CMB, em 1979, com as 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries do 1º grau, matriculando 700 alunos em regime de externato e implantado, nos seguintes, as séries sucessivas do 2º grau (Of nº 553-SA/1).</p> <p>- Em 15 Set 77, o Ministro do Exército autori-</p>

## REGISTRO HISTÓRICO DE 1978..

COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA

TOMO V — ASSUNTOS DIVERSOS — FOLHA OITO

DATA		REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS
Mês	Dia	
	08	- A Port Min nº 943, de 08 Mai 78, fixou em 164 o efetivo de professores para o CMB. (BE nº 23 de 19 Jun 78).
	15	- A Port Min nº 999, autorizou o DEP a abaixar as instruções necessárias à realização do concurso de Professor Permanente para o CMB. (BE nº 23, de 09 Jun 78).
JUNHO	01	- A Port Min nº 10/DEP, de 01 Jun 78, baixou as "Instruções Reguladoras do Concurso Público de Títulos e Provas para o provimento de cargos de Professores Permanente do Magistério do Exército, no Colégio Militar de Brasília". Na mesma data, Edital estabeleceu as condições para inscrições de candidatos, o número de vagas em concurso por disciplina, delegando ao Cmt do CMRJ competência para realizar o concurso. (BE nº 38, de 28 Jul 78).
	06	- A Port Min nº 1455, de 06 Jul 78, nomeou o Cel Inf QEMA ADRIANO AULIO PINHEIRO DA SILVA, Comandante do CMB. (BE nº 33, de 18 Ago 78).
	14	- O Sr Ministro do Exército, Gen Ex FERNANDO BELFORT BELHEM, visitou o CMB, acompanhado dos seguintes oficiais Generais: Gen Ex ÁRIEL PACCA DA FONSECA, Chefe do EME, Gen Ex JOSÉ MARIA DE ANDRA DA SERPA, Chefe do DEP, Gen Div BENEDITO MAIA PINTO DE ALMEIDA, Vice-Chefe do DEC, Gen Div ALACYR FREDERICO WERNER, Secretário Geral do Exército, Gen Div HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, Cmt CMP/11ª RM, Gen Div EDUARDO HENRIQUE ELLERY, Diretor de Obras Militares, Gen Div HEITOR LUIZ GOMES DE ALMEIDA, Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial, Gen Bda MÁRIO JOHNSON ROCHA, SubDir da DOM e Gen Bda MÁRIO SILVA O'REILLY DE SOUZA, Diretor de Administração Financeira. (BI nº 82, de 19 Jul 78 da DEPA).
AGOSTO	14	- Em 14 Ago 78, o CMB, deixou as instalações provisórias na DEPA, mudando-se para as instalações definitivas, no Setor de Grandes Áreas Norte, Qua-

## REGISTRO HISTÓRICO DE 1978.

COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA

TOMO V — ASSUNTOS DIVERSOS — FOLHA NOVE

DATA		REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS
Mês	Dia	
		<p>dra 902/904, com os seguintes Oficiais e Praças:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cel Inf QEMA ADRIANO ÁULIO PINHEIRO DA SILVA;</li> <li>- Ten Cel Art ALUIZIO RODRIGUES CARNEIRO;</li> <li>- Ten Cel Art. DEUVALDO SCHRODER DA GAMA;</li> <li>- Ten Cel Eng ALDO DE FARIA RAMOS; 7-1/22-D-24</li> <li>- Maj Cav JAYME MARTINS FALCÃO;</li> <li>- Maj Eng FERNANDO DIDIMO PEREIRA BARBOSA VIEIRA;</li> <li>- Maj Inf FRANCISCO DE ASSIS LAUANDE;</li> <li>- Cap Int WALTER BITTENCOURT;</li> <li>- Cap Dent CARLOS MAGNO FERREIRA;</li> <li>- 2º Ten QOE ANTONIO MARTINS SIMÕES;</li> <li>- 2º Ten QOA ANTONIO RODRIGUES DA CRUZ;</li> <li>- 2º Ten QOA AUGUSTO MIGUEL BIZZI;</li> <li>- 2º Ten QOA WALDOMIRO EMÍLIO CORRÊA;</li> <li>- 2º Ten QOA MILVO JULIANO ROSSAROLA;</li> <li>- Sub Ten 06-201 EDNIR ANTONIO ZANATTO;</li> <li>- Sub Ten 06-201 JOSÉ SPINOSA;</li> <li>- Sub Ten 06-201 LOURIVAL DORNELLAS;</li> <li>- 2º Sgt 02-201 SEBASTIÃO BENEDITO ADORNO;</li> <li>- 2º Sgt 10-242 HÉLIO CÂNDIDO DE LIMA;</li> </ul> <p>PROFESSORES:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ten Cel Prof WILMAR PEÑA RODRIGUES;</li> <li>- Ten Cel Art ME JORGE TEIXEIRA DE CASTRO;</li> <li>- Ten Cel Prof CLEVERSON GOMES DA SILVA;</li> <li>✓ Maj Inf ME KEN HABARA.</li> </ul> <p>- Pela Port nº 30-DGP/DPC de 14 Ago 78, foi delegada competência ao Cmt do CMP/11ª RM para realizar concursos para provimentos de empregos sob o regime de Legislação Trabalhista, na Tabela Permanente do Ministério do Exército, para lotação no Colégio Militar de Brasília.</p>
	15	<p>- A Port Min nº 1812, de 15 Ago 78, atendendo ao que propôs o DEP, extinguiu o grupo de trabalho de Implantação ao CMB, criado pela Port Min nº 2.025, de 08 Nov 77, determinando que toda a documentação produzida pelo grupo seja catalogada e arquivada na DEPA. (BE nº 38 de 22 Set 78).</p> <p>AUTONOMIA ADMINISTRATIVA DO CMB</p>

DATA		REGISTRO DAS OCORRENCIAS
Mês	Dia	
		<p>PORTARIA nº 011-DGEF, De 28 AGOSTO DE 1978</p> <p>O DIRETOR-GERAL DE ECONOMIAS E FINANÇAS, no uso das atribuições que lhe foram delegadas pela Port Min nº 395, de 26 de março de 1976, e de acordo com a Port Min nº 027-Reservada, de 26 de abril de 1978.</p> <p>R E S O L V E:</p> <p>Conceder Autonomia Administrativa ao recém organizado Colégio Militar de Brasília ( CMB CÓDIGO 02025-5), com sede na Capital Federal (BRASÍLIA-DF) a partir de 1º de setembro de 1978. (a) Gen Div FRANCISCO DE MATOS JUNIOR - DIRETOR GERAL DE ECONOMIAS E FINANÇAS. (BE nº 39, de 29 Set 78).</p>
SETEMBRO	01	<p>Palavras do Exmo Sr Gen Div HEITOR LUIZ GOMES DE ALMEIDA, Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial.</p> <p>Há quase um século foi inaugurado o Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro, antiga aspiração de Caxias, concretizada finalmente, em 06 de maio de 1889, por Tomaz José Coelho de Almeida, ministro de então, da Pasta da Guerra.</p> <p>O exemplo frutificou, a rede de ensino médio do Exército cresceu, soma hoje oito Colégios Militares sediados em diferentes capitais que, embora dentro do atual contexto assistencial, têm mantido o mesmo espírito de corpo original, prestando, ao longos anos, assinalados serviços no campo da educação.</p> <p>Por seus bancos escolares passaram ilustres brasileiros que por seu saber, devotadamente e patriotismo têm ocupado posições de relevo nas Forças Armadas na Administração pública ou privada.</p> <p>Com a transferência da Capital de República para Brasília e conseqüente aumento de Oficiais e Praças na guarnição, impunha-se a criação de um Colégio Militar no Planalto. Este legítimo anseio da família militar foi bem atendido por nossos altos Chefes e teve sua construção autorizada, o que foi feito dentro das mais modernas técnicas pedagógicas.</p>

## REGISTRO HISTÓRICO DE 19..78.

COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA

TOMO V — ASSUNTOS DIVERSOS — FOLHA ONZE

DATA		REGISTRO DAS OCORRENCIAS
Mês	Dia	
		<p>Criado pelo Decreto nº 81.248/78, foi organizado e equipado para iniciar seu funcionamento ainda em 1979 e teve, em junho do corrente, por Portaria Ministerial, nomeado seu primeiro Comandante e Diretor de Ensino - Cel Inf QEMA ADRIANO AÚLIO PINHEIRO DA SILVA.</p> <p>Hã poucos dias foi concedida autonomia administrativa, ao Colégio, possibilitando, portanto, ao seu Comandante, o pleno e efetivo exercício da função.</p> <p>Hoje ao dar posse ao seu Comandante - Cel ADRIANO - Recordo-me ainda quando hã mais de um ano atrás foi organizado o Grupo de Trabalho de Implantação do Colégio Militar de Brasília.</p> <p>Naquela época eram apenas três oficiais, que com desasombro, cavaleiros de um ideal, partiram com destemor buscando acertar idéias, adotar medidas, ajustar planejamentos, tudo fazendo para que, a realidade que hoje vivemos, pudesse ser concretizada.</p> <p>É pois com satisfação que dou posse hoje ao Cmt do CMB certo de que, auxiliado por seus oficiais e praças, aqui também presentes, terá êxito na honrosa missão que vai cumprir, orientando novas gerações no caminho reto, do saber, do dever, da disciplina e do amor à Pátria.</p>
	06	<p>- Esteve em visita ao Colégio Militar de Brasília Exmo Sr Governador do DF, Engenheiro ELMO SE REJO FARIAS, que se fez acompanhar das seguintes personalidades: Gen Bda Engenheiro Militar MÁRIO JOHNSON ROCHA, Vice-Diretor da DOM, Dr JOSÉ REINALDO CARNEIRO TAVARES, Secretario Viação e Obras Públicas, Dr MARIO DE ALENCAR FECURY, Superintendente da NOVACAP e Dr STENIO DE ARAUJO BASTOS, Diretor do Departamento de Parque e Jardins.</p>
NOVEMBRO	20	<p>- Estiveram em visita informal a este Estabelecimento de Ensino os Exmos Srs Gen Div FRANCISCO DE MATTOS JUNIOR, Diretor Geral de Economia e Finanças, ALMIR PEREIRA DE CASTRO, Direção de Recupera-</p>

## REGISTRO HISTÓRICO DE 19.78.

## COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

## TOMO V — ASSUNTOS DIVERSOS — FOLHA ..SETE

DATA		REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS
Mês	Dia	
		<p>Art 1º- Fica criado o Colégio Militar de Brasília com sede na Capital Federal.</p> <p>Art 2º- O Ministro do Exército expedirá os atos complementares para execução deste decreto.</p> <p>Art 3º- O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.</p> <p>Brasília, 23 de janeiro de 1978; 157º da Independência e 90º da República.</p> <p>ERNESTO GEISEL Fernando Bethlem (BE nº 08 de 24 Fev 78).</p>
FEVEREIRO	03	<p>- Em 03 de Fev 78, com o aviso nº 81, o Ministro de Educação e Cultura informou ao Ministro do Exército que o seu Ministério colaborará com dezoto milhões de cruzeiros para equipar as salas de aula, laboratórios e alojamentos do CMB, em três parcelas iguais de seis milhões de cruzeiros.</p>
MARÇO	01	<p>- A Port Min nº 405, de 01 Mar 78, dispensou o Cel Cav QEMA FLÁVIO MOUTINHO DE CARVALHO de exercer suas funções junto ao GTI/CMB e, na mesma data a Port Min nº 406 designou o Cel Inf QEMA ADRIANO ÁULIO PINHEIRO DA SILVA para substituí-lo. (BE nº 33, de 18 Ago 78).</p>
ABRIL	26	<p>- A Port Min nº 027-Res, de 26 Abr 78, deu organização ao CMB, a partir de 06 Mai 78, subordinando-o à DEPA e atribuindo ao DEP o encargo de planejar e coordenar as medidas necessárias à sua implantação. (BE nº 04 de 28 Abr 78).</p>
MAIO	04	<p>- A Port Min nº 027-Res, de 04 Mai 78, do EME, aprovou e adotou o QO - 50-272-0 - Pessoal e Material, para o CMB, incluindo-o no Grupamento "A" de incorporação e atribuindo-lhe o nº de código de OM 02025-5e Núcleo-Base, partir de 01 Jul 78. (BE nº 05 de 31 Mai 78).</p>

## REGISTRO HISTÓRICO DE 1978.

COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA

TOMO V — ASSUNTOS DIVERSOS — FOLHA DOZE

DATA		REGISTRO DAS OCORRENCIAS
Mês	Dia	
		ção e EDUARDO HENRIQUE ELLERY, Diretor de Obras Militares.
DEZEMBRO	02	- Esteve em visita informal a este Estabelecimento de Ensino, o Exmo Sr Gen Div HEITOR LUIZ GOMES DE ALMEIDA, Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial, durante a realização da prova de História e Geografia para o concurso de Admissão à 5ª Série deste CM.
		Endereço: SETOR DE GRANDES ÁREAS NORTE - (SGAN) QUADRAS 902/904 - PLANO PILOTO BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL  Brasília-DF, Distrito Federal, 31 de janeiro de 1979.
		 ADRIANO AULIO PINHEIRO DA SILVA - Cel Comandante do CMB



## HORÁRIO GERAL DAS ATIVIDADES

E V E N T O	2ª, 3ª, 5ª, e 6ª Feira	4ª Feira	Sábados, Domingos e Feriados
Alvorada	05:30	05:30	07:00
Café	06:00 - 07:00	06:00 - 07:00	07:30 - 08:30
Toque de Formatura das C/ia Alunos	06:40	06:40	-
Formatura das C/ia Alunos	06:45	06:45	-
Parada Diária	07:30	07:30	08:15
Formatura Geral das 6ª Feiras	07:00 - 07:50	-	-
Início do 1º Expediente	07:00	07:00	-
Visita Médica	07:00	07:00	-
1º Tempo de aula	07:00 - 07:50	07:00 - 07:50	-
2º Tempo de aula	07:55 - 08:45	07:55 - 08:45	-
3º Tempo de aula	08:50 - 09:40	08:50 - 09:40	-
Recreio (5ª, 6ª e 7ª Series, 10º Grau)	09:40 - 10:00	09:40 - 10:00	-
4º Tempo de aula (8ª, 10º Grau, 1ª, 2ª e 3ª 2º Grau)	09:45 - 10:35	09:45 - 10:35	-
4º Tempo de aula (5ª, 6ª e 7ª Series)	10:00 - 10:50	10:00 - 10:50	-
Recreio (8ª, 10º Grau, 1ª, 2ª e 3ª 2º Grau)	10:35 - 10:55	10:35 - 10:55	-
5º Tempo de aula	10:55 - 11:45	10:55 - 11:45	-
6º Tempo de aula	11:50 - 12:40	11:50 - 12:40	-
Término do 1º expediente	12:00	12:00	-
Almoço	12:00 - 13:30	12:00 - 13:30	12:00 - 12:45
Início do 2º expediente	14:00	-	-
7º Tempo de aula	14:20 - 15:10	-	-
8º Tempo de aula	15:15 - 16:05	-	-
9º Tempo de aula	16:10 - 17:00	-	-
Término do 2º expediente	17:00	-	-
Jantar	17:30 - 18:30	17:30 - 18:30	17:30 - 18:30
Revista do Recolher	21:00	21:00	21:00
Cena	21:15	21:15	21:15
Toque de Silêncio	22:00	22:00	22:00

ESCALA DE SERVIÇO AO INTERNATO

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

SERVIÇO PARA O DIA

Aluno de dia ao internato ..... A1  
Plantões ao internato ..... A1  
Sala de recreação ..... A1

NORMAS A SEREM OBEDECIDAS PELOS ALUNOS INTERNOS:

- As camas deverão permanecer arrumadas durante todo o período em que o aluno não estiver no dormitório, incluindo os finais de semana.
- Os alunos não poderão deitar em outra cama que não seja a sua.
- Os componentes das camas não poderão sair do alojamento (colchões, travesseiros, mantas...).
- As roupas de cama a serem utilizadas pelos alunos serão do internato.
- As roupas que estiverem secas no varal deverão ser logo retiradas.
- Os alunos deverão ter dois cadeados e uma cópia de cada chave deverá ficar no claviculário do internato.
- Todos os alunos deverão ter todas as suas roupas marcadas com o seu nome ou seu número, caso isso não ocorra as peças que forem encontradas fora do armário sem identificação serão doadas.
- Qualquer dano causado aos bens da Fazenda Nacional quando encontrado o culpado o mesmo indenizará o prejuízo, caso não seja encontrado o responsável pelo dano o mesmo será rateado entre todos os alunos internos.
- Todos os alunos serão responsáveis pela limpeza de seus quartos incluindo armários, paredes, pisos e de todas as áreas do internato.
- A arrumação dos armários será verificada periodicamente não devendo ter nos mesmos roupas misturadas com gêneros alimentícios e nem roupas limpas misturadas com roupas sujas.
- Os armários deverão permanecer trancados quando o aluno não estiver no dormitório.
- Não será tolerado corte de cabelo que não seja o padrão adotado pelo CMB;
- O uso da plaqueta do internato é obrigatória.
- Todos os alunos terão uma carteira na sala de estudo, sendo de sua responsabilidade a arrumação e conservação da mesma.
- Durante a semana a TV somente poderá ficar funcionando até às 22:00 hs.
- O vídeo somente poderá ser utilizado nos finais de semana.
- Nos finais de semana os alunos que desejarem se ausentar do internato deverão solicitar através de um modelo existente uma permissão, colocando na mesma horário, local e telefone de onde poderão ser encontrados em caso de necessidade.
- A solicitação deverá ser preenchida até quinta feira às 15:00 hs.
- O termo de responsabilidade deverá ser devolvido no primeiro dia útil após a dispensa devidamente preenchido e assinado.
- Em nenhuma hipótese será permitido que o aluno tenha bebida alcoólica no seu armário sob pena de confisco.
- Os alunos que faltarem as aulas sem motivo justificado serão passivos de punição.
- Os alunos durante o horário de aula não deverão retornar ao internato a não ser por motivo justificado e com a autorização por escrito do Cmt de Cia.
- Não deverá ficar roupas secas no varal por mais de dois dias seguidos.
- Os alunos deverão observar o silêncio na sala de estudo e nos dormitórios durante os períodos de descanso.
- Os alunos não poderão transitar no interior do CMB em horário de expediente desuniformizado.
- O aluno somente poderá afastar-se do CMB com a devida autorização escrita e fica responsável por registrar no corpo da guarda o horário de saída e o de chegada.
- O aluno para permanecer como interno no CMB deverá estar no mínimo no "comportamento bom" com grau numérico 6,00.
- O aluno interno não poderá estar com o uniforme alterado (faltando peça, sem plaqueta, sem divisa, faltando botões, sapato diferente do previsto etc)
- O aluno deverá zelar pelo nome do CMB, principalmente pelo do internato devendo ser modelo para os demais alunos.
- Todos os internos deverão participar das formaturas matinais das Cia, sendo considerado falta grave os que faltarem sem motivo justificado.

Documento 7: Ficha de solicitação de liberação e ficha de termo de responsabilidade

LIBERADO		MINISTÉRIO DO EXÉRCITO		DEP - DEPA		COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA		CH INT		R
DE: ___/___/___ H		À ___/___/___ H								
NOME								CI		
PROFISSÃO				RESIDÊNCIA						
ASSUMI A GUARDA DO ALUNO ABAIXO, NO PERÍODO DE										
DIA	MÊS	ANO	HORA	A	DIA	MÊS	ANO	HORA	FONE	
Nº			NOME							
CIDADE			DATA	/	/	ASS				

**C M B INTERNATO**  
**SOLICITAÇÃO DE LIBERAÇÃO DO FINAL DE SEMANA**

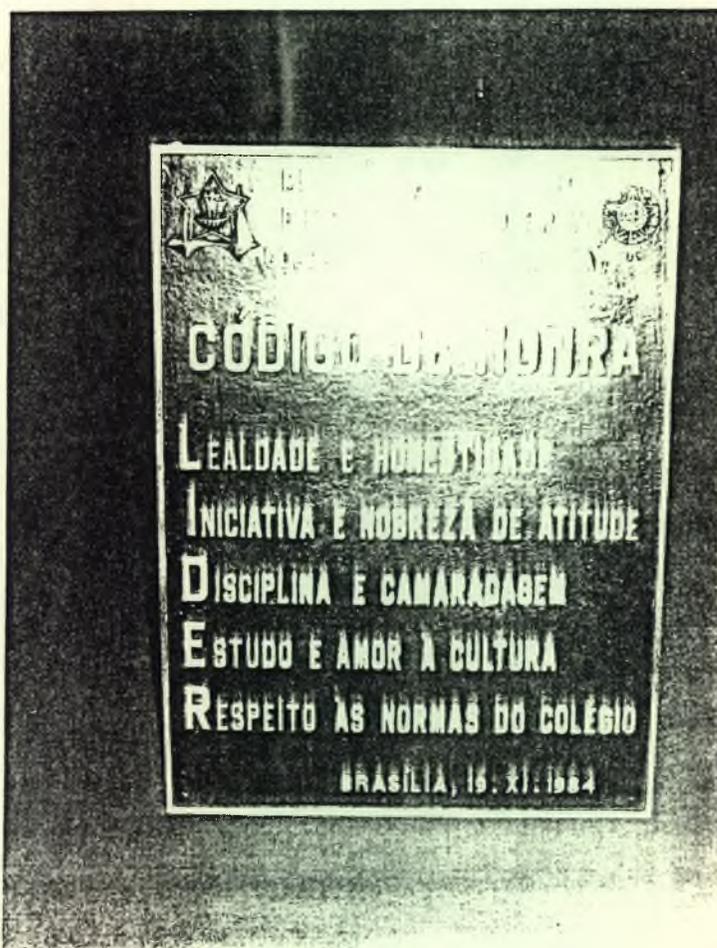
Solicito minha liberação para os dias abaixo:

	Data	Hora		Nome do Local ou da Pessoa	Endereço
		Saída	Chegada		
	___/___				
SEX	___/___				
SAB	___/___				
DOM	___/___				
	___/___				

ASS. \_\_\_\_\_

AL N.o \_\_\_\_\_ NOME \_\_\_\_\_

**CÓDIGO DE HONRA DO ALUNO DO  
COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA**



## FICHA REGISTRO DE OCORRÊNCIA EM SALA DE AULA

AL Nº \_\_\_\_\_ Nome \_\_\_\_\_

Turma \_\_\_\_\_

Disciplina \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

## DADOS DO PROFESSOR

SIGLA

NOME

OCORRÊNCIA Nº \_\_\_\_\_

ANO 19 \_\_\_\_\_

## ALTERAÇÃO DE ALUNO

Descrever a Ocorrência:

Providências do Professor: \_\_\_\_\_

**Observações:**

1. Descrever sumária, clara e precisamente, os fatos e circunstâncias que determinaram a ocorrência, isenta de comentários deprimentes ou ofensivos.
2. Providências que podem ser tomadas pelo Professor:
  - Advertir o aluno (Adv)
  - Repreender o aluno em particular (RP)
  - Repreender o aluno em reunião (RR)
  - Retirar o aluno de aula (RA)
  - Solicitar providências (SP)

RECIBO

Recebi em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

# SER "BICHO"



Ser "bicho" é ser um coitado  
Que vive sempre de lado.  
Sem direito a coisa alguma  
É ser um medroso nato,  
Temeroso como um rato,  
É ser um nada, em suma.

Traz sempre pesada mala  
Com esforço, a arrastá-la.  
Maior que ele também. . .  
O quépi, o rosto engulindo  
E a orelha já sumindo. . .  
Coitado, um João-ninguém.

E vive sendo proibido,  
Por todos isto é sabido:  
Que dar trotes não se deve.  
Mas sempre dão um geitinho  
E castigam o "bichinho",  
Que a reclamar não se atreve

Com a farda, uma enormidade.  
Maior que a da sua idade,  
Pois mamãe teme que encolha.  
Parece um pinto calçado  
E se conforma com tudo:  
Não tem direito de escolha

Na aula, no primeiro dia,  
Ele vibra de alegria.  
Tudo ali é novidade!  
Depois sai com seu reccio  
Pois o espera no recreio  
O trote! . . . Que infelicidade! . . .

Ser "bicho" é ter que pagar  
Pra todo mundo no bar  
Sanduiche e coca-cola:  
É ter sócios na merenda,  
Que, envolta em papéis e renda,  
Ele leva pra escola.

É ter que rifas comprar  
De coisas imaginárias  
Que ele nunca irá ganhar. . .

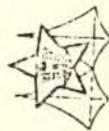
É mesmo ser um coitado  
Que serve de bagageiro  
Ao vistoso veterano,  
Que, durante o ano inteiro,  
Governa como um tirano

Mas, "bicho", estive pensando  
Vocês acabam lucrando. . .

Ser "bicho" é ter uma vida  
Que é a coisa mais querida.  
Nova em folha, pra gozar. . .  
Eu tenho uma estrela e tiras  
E uma saudade. . .  
Este colégio, "bicho", tonteia,  
Prende a gente numa teia  
Feita de amor e de estudo  
Queres saber da verdade?  
Minha estrela eu trocaria  
Com as tirinhas e tudo,  
Pelos dias de alegria,  
Anos de felicidade.  
Que ainda gozarás  
Dentro deste nosso lar.

Pois a casa ainda é nossa. . .  
Logo mais será só vossa.  
E minha será somente  
Esta saudade crescente  
do COLÉGIO MILITAR

Contribuição TC Krause  
Publicado na Revista  
"A Aspiração" de 1960



CMB  
DE

SALAS DE AULA - LOCALIZAÇÃO

1989

STE  
SOPP

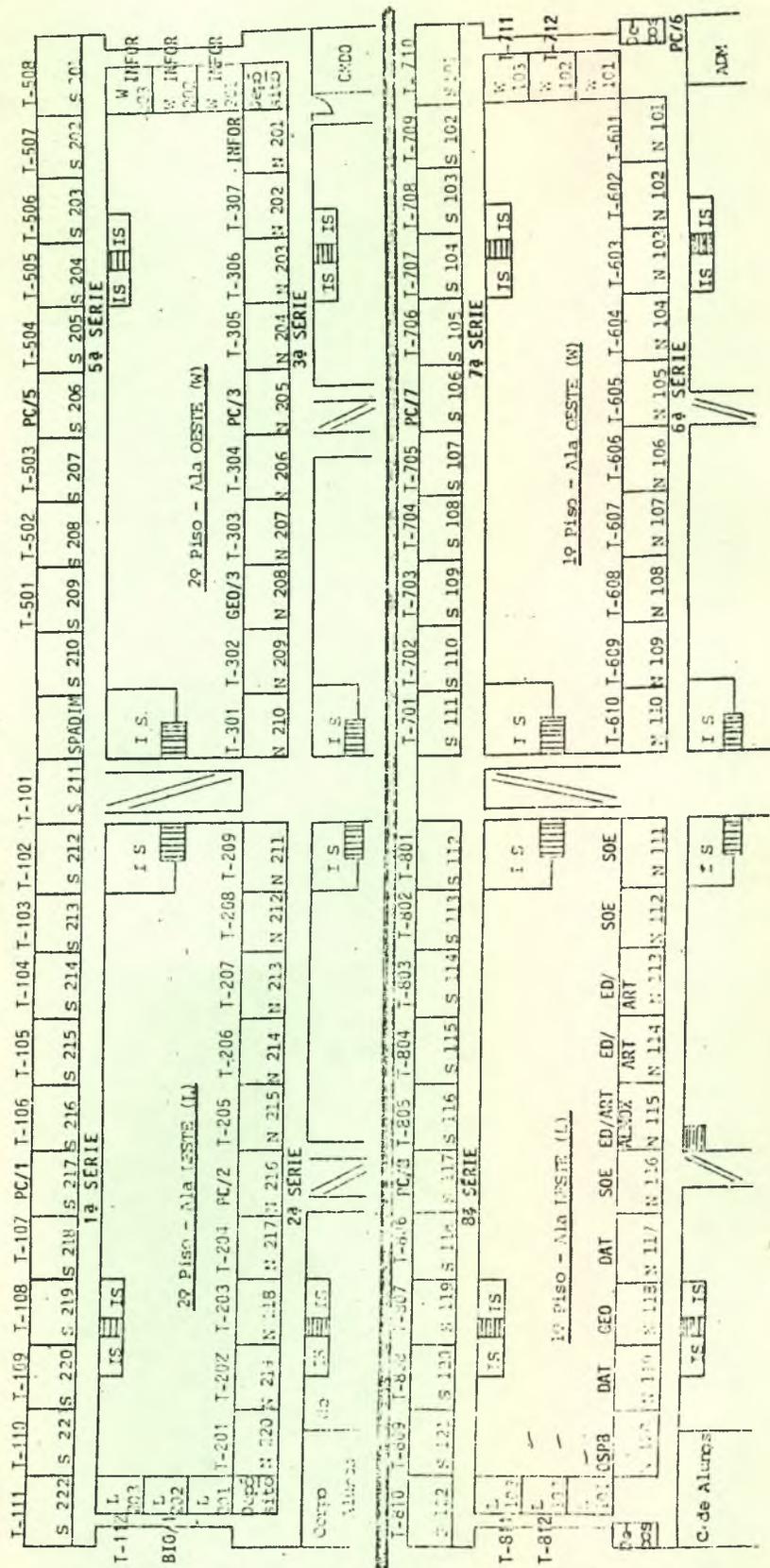


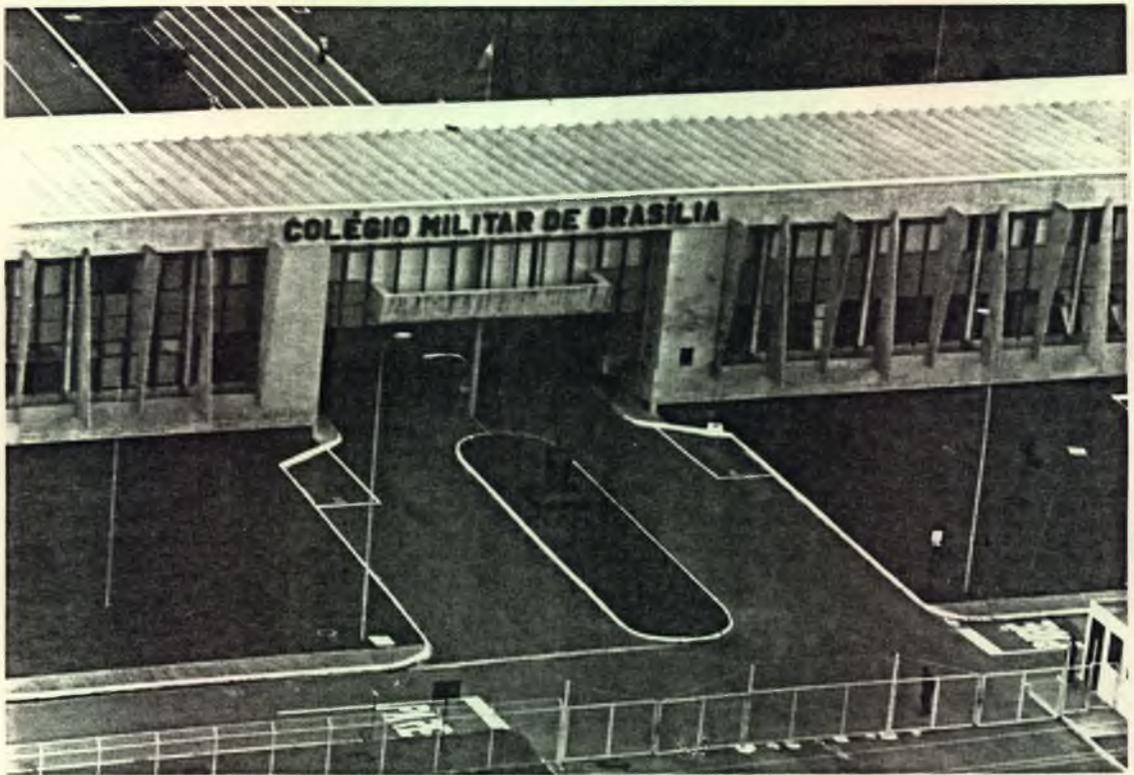
Figura 1: Localização Salas de Aula do CMB, 1989



Fotografia 1: Vista Panorâmica do CMB



Fotografia 2: Entrada Leste do CMB (Pavilhão do Corpo de alunos)



Fotografia 3: Entrada Oeste do CMB (Pavilhão do Comando)



Fotografia 4: Vista total do Pavilhão do Comando

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
 D E P D E P A  
COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

Assunto: Estatística do Ensino  
 Ref: NRDE/DEPA - 90

E F E T I V O S C O N C L U D E N T E S D A 8ª/1ª GRAU, 2ª E 3ª/2ª GRAU DO CMB, EM 1992, E SEUS DESTINOS

SÉRIE	ORIGEM DOS ALUNOS	CONCLU- DENTES	D E S T I N O							
			C N	EPCAr	ESPCÉx	PERMANECE RAM NO CM	E N	AFA	ESC MAR MERCANTE	MEIO CIVIL
8ª/1ª	FILHO MIL	262	----	-----	---	253	---	---	---	00
	FILHO CIV	98	----	-----	---	80	---	---	---	13
	S O M A	360	----	-----	---	333	---	---	---	27
2ª/2ª	FILHO MIL	164	---	---	53	107	---	---	---	04
	FILHO CIV	53	---	---	04	47	---	---	---	02
	S O M A	217	---	---	57	154	---	---	---	06
3ª/2ª	FILHO MIL	111	---	---	-----	---	01	----	-----	110
	FILHO CIV	32	---	---	-----	---	---	----	-----	32
	S O M A	143	---	---	-----	---	01	----	-----	142
T O T A L		720	----	-----	57	487	01	----	-----	175

Brasília-DF, 03 de março de 1993

*Jair Prieto*  
 JAIRE BRITO PRIETO - Cel  
 Cmt CMB

Quadro 1: Efetivo Concludente, 1992

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
 DE P - DE P A  
COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

Assunto: Estatística do En:  
 Referência: NRDE/DEPA -90

PROFISSÕES DOS GENITORES DOS MATRICULADOS EM 1993

PROFISSÕES	MATRICU- LADOS	PROFISSÕES	MATRICU- LADOS	PROFISSÕES	MATRICU- LADOS	TOTAL MATRICULADOS
Of Sup Ex.....	737	ST/Sgt F.Aux .....	18	Enfermeiros .....	04	2 7 2 1
Cap ou Ten Ex.....	206	Cb/Sd F.Aux .....	04	Jornalistas .....	12	
ST/Sgt Ex.....	713	Agricultor .....	08	Médicos .....	30	
Cb/Sd Ex .....	11	Adm Empresa .....	21	Motoristas .....	08	
Of Sup Mar .....	37	Advogados .....	32	Odontólogos .....	08	
CT ou Ten Mar .....	10	Anal Sistema .....	37	Professores .....	47	
ST/Sgt Mar .....	41	Autônomos .....	42	Profissional Indústria	07	
Cb/Sd Mar .....	07	Arquitetos .....	03	Profissional Comércio	42	
Of Sup Aer .....	56	Bancários .....	78	Psicólogos .....	05	
Cap ou Ten Aer .....	31	Contador .....	12	Sociólogos .....	01	
ST/Sgt Aer .....	58	Economiários .....	14	Veterinários .....	06	
Cb ou Taif Aer .....	09	Economistas .....	37	Func. Públicos .....	203	
Of Sup F Aux .....	26	Engenheiros .....	80	*****		
Cap ou Ten F. Aux.....	20					

Quadro 2: Profissão dos Genitores dos  
 matriculados no CMB, 1993

Brasília - DF, 20 de abril de 1993

*Jair Brito Prieto*  
 JAIRE BRITO PRIETO - Col  
 Cmt CMB

MAPA DISCIPLINAR DO CORPO DE ALUNOS DO CMB NO PERÍODO DE 17 Fev A 11 Dez DE 1992

PUNIÇÕES, COMPORTAMENTO e SEXO		DISTRIBUIÇÃO DAS PUNIÇÕES E DOS ALUNOS PUNIDOS														EFETIVO DE ALUNOS POR COMPORTAMENTO													
		ADVERTÊNCIA		REPREENSÃO PERANTE A TURMA		REPREENSÃO EM BI		ATIVIDADE DE ESTUDO CARÁTER DISCIPLINAR E EDUCATIVO		RETIRADA DO COLÉGIO		EXCLUSÃO DISCIPLINAR		TOTAL DE PUNIÇÕES		TOTAL DE ALUNOS PUNIDOS		EXCEPCIONAL		ÓTIMO		BOM		REGULAR		INSUFICIENTE		SOMA	
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1ª GRAU	3ª SÉRIE	233	73	282	29	-	-	116	9	18	1	1	-	650	112	123	50	58	59	41	24	46	3	6	-	2	-	153	86
	6ª SÉRIE	243	38	47	5	50	8	171	12	18	2	-	-	529	65	138	26	164	128	87	14	32	6	7	-	4	-	291	146
	7ª SÉRIE	39	0	-	-	-	-	116	17	41	1	-	-	190	27	165	26	230	104	40	9	22	10	10	-	5	-	307	123
	8ª SÉRIE	252	111	301	34	-	-	228	54	213	22	-	-	1554	221	83	7	167	71	55	16	83	27	4	-	14	-	323	114
2ª GRAU	1ª SÉRIE	74	-	314	-	683	-	1192	-	126	-	-	-	2690	-	348	-	94	-	54	-	125	-	25	-	45	-	343	-
	2ª SÉRIE	-	-	-	-	-	-	186	-	126	-	-	-	312	-	166	-	164	-	45	-	64	-	5	-	3	-	281	-
	3ª SÉRIE	-	-	-	-	-	-	149	-	25	-	-	-	174	-	138	-	122	-	15	-	13	-	2	-	1	-	157	-
S O M A		1107	231	944	68	733	8	2158	92	600	26	1	-	6107	425	1211	103	999	362	337	63	390	46	59	-	74	-	1858	474
T O T A L		1902		1012		741		2250		626		1		6532		1320		1361		400		436		59		74		2329	

Brasília-DF, 05 de Janeiro de 1993

ROBERTO AMORIM GONÇALVES